Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Marcelo João Naves

Um estudo dos gritos de guerra militares sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional

Rio de Janeiro
2011

Marcelo João Naves

Um estudo dos gritos de guerra militares sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profª. Dra. Gisele de Carvalho

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

N323 Naves, Marcelo João.
Um estudo dos gritos de guerra militares sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional / Marcelo João Naves. – 2011.
129 f.

Orientadora: Gisele de Carvalho.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Linguística – Teses. 2. Sociolinguística – Teses. 3. Identidade social – Teses. 4. Militares – Palavras e expressões – Teses. I. Carvalho, Gisele de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 800.86

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Marcelo João Naves

Um estudo dos gritos de guerra militares sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 25 de março de 2011.

Banca Examinadora:

_____
Profª. Dra. Gisele de Carvalho (Orientadora)
Instituto de Letras da UERJ

_____
Profª. Dra. Anna Elizabeth Balocco
Instituto de Letras da UERJ

_____
Profª. Dra. Solange Coelho Vereza
Faculdade de Letras da UFF

Rio de Janeiro

2011

DEDICATÓRIA

A Lorenzo e Ana Beatriz, meus filhos, por me relembrarem, a cada dia, com seu jeito de criança, de que a vida não precisa ser o tempo todo tão séria; e a Lígia, minha esposa, que esteve, sempre, indiscutivelmente a meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, pela oportunidade de experimentar a vida.

Aos meus pais, Divino (*In memoriam*) e Abadia, por tudo que puderam me oferecer para que eu pudesse crescer e ampliar meus horizontes.

A minha esposa e a meus filhos pela compreensão nos momentos em que não pude estar presente.

A minha orientadora Profa. Dra. Gisele Carvalho, pela orientação constante, sempre esclarecedora; e por partilhar comigo seus conhecimentos.

Ao Comando da Academia Militar das Agulhas Negras, por todo o apoio; e aos companheiros da Cadeira de Português, por tonarem possíveis minhas ausências às atividades da Academia.

A todos os professores com quem tive o privilégio de me aventurar pelos caminhos da Linguística, pelo estímulo e pelos preciosos momentos de aprendizagem e de reflexão.

Às professoras da banca examinadora, Profa. Dra. Solange Coelho Vereza e Profa. Dra. Anna Elizabeth Balocco, pela disponibilidade em analisar minuciosamente o meu trabalho e pelas valiosas sugestões.

A todos os colegas da UERJ, pelo carinho e pela caminhada em que estivemos juntos.

RESUMO

NAVES, Marcelo João. *Um estudo dos gritos de guerra militares sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional*. 2011.129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

O objetivo desta análise é investigar os gritos de guerra militares, um gênero discursivo constituído nas práticas sociais do ambiente da caserna e resultado de crenças e de percepções definidoras da identidade militar. Neste trabalho, analisamos trinta gritos de guerra coletados no ano de 2009 junto a grupamentos de cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Com base nos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, tendo como ponto de partida o significado ideacional de Halliday (1985), analisamos como se dá a organização do sistema linguístico em conformidade com o aspecto funcional dos gritos de guerra. Pela categoria da transitividade, buscamos compreender como se manifestam as representações de mundo na estrutura oracional. Ao evidenciarmos uma maior presença de processos materiais e relacionais na materialização linguística das experiências de mundo, pudemos caracterizar melhor a natureza de práticas sociais em contexto militar e perceber que tais processos orientam-se na construção de sentidos de maneira a instituir uma identidade institucionalizada. Pelo mapeamento dos modos de representação dos atores sociais, com base nas categorias sociossemânticas apresentadas por Van Leeuwen (1997), percebemos que os indivíduos inscrevem-se na materialidade textual, principalmente, por meio da coletivização, evidenciando assim uma forma particular de inserção dos sujeitos na vida castrense. Tal fato revela o grupo como entidade que deve se fundamentar na coesão entre seus integrantes, aspecto basilar para a consolidação da própria instituição. O modo como os militares são representados nos gritos de guerra orienta-se na formação de uma identidade grupal necessária para que, por meio desse gênero, sejam alcançados propósitos institucionalmente definidos, que podem ser sintetizados na ideia de preparação do espírito militar.

Palavras-chave: Gritos de guerra. Práticas sociais institucionais. Identidade militar. Significado ideacional.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to investigate today´s military war cries, a discourse genre that originates in the social practices of the military environment and is the result of beliefs and perceptions that define the military identity. In this study, thirty war cries collected in 2009 along with groups of cadets from the "Academia Militar das Agulhas Negras" (AMAN) were analyzed. Based on the theoretical framework of Systemic Functional Linguistics, having Halliday's ideational meaning as a starting point (Halliday, 1985), the research aimed to show how the organization of the linguistic system occurs in accordance with the functional aspect of the war cries. By means of the category of transitivity, this study looked into how the representations of the world are manifested in the clausal structure. By showing a greater presence of material and relational processes in the materialization of the linguistic world experiences, the nature of social practices in the military context could be better characterized; also, the meaning constructed by such processes helped to establish an institutionalized identity. By mapping the modes of representation of social actors, based on the socio-semantic categories presented by Van Leeuwen (1997), this research found that the individuals are inscribed into the textual materiality mainly through collectivization, thus revealing a particular form of integration of the subjects in the military sphere. This, in turn, shows the group as an entity that relies on the cohesion created among its members, which is fundamental to the consolidation of the institution itself. The way the military are represented in the battle cries revealed na identity necessary to the group so that, through this genre, certain institutionally defined goals are achieved, which can be summarized in the idea of developing the military spirit.

Keywords: War cries. Institutional social practices. Military identity. Ideational meaning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.1	Representação dos tipos de contexto.....	17
Figura 1.2	Processos, significados e participantes.....	20
Figura 1.3	A representação dos atores sociais no discurso.....	23
Figura 3.1	Organograma do Curso Básico	28
Figura 3.2	Organograma do Curso Avançado.....	29
Figura 3.3	Organograma que representa os cursos oferecidos.....	29
Figura 3.4	Distribuição dos gritos de guerra do *corpus* entre os cursos.....	30
Figura 4.1	Tela do Concord: ocorrências de “de guerra”	43
Figura 4.2	Proporções observadas no Antigo Testamento.....	44
Figura 4.3	Tela do Concord: ocorrências de “grito”.....	45
Figura 4.4	Tela do Concord: ocorrências de “gritos”	46
Figura 4.5	Tela do Concord: ocorrências de “gritando”	46
Figura 4.6	Tela do Concord: ocorrências de “gritaria”	46
Figura 4.7	Tela do Concord: ocorrências de “brado”	47
Figura 4.8	Tela do Concord: ocorrências de “alarido”	47
Figura 4.9	Síntese da natureza dos gritos de guerra	51
Figura 4.10	Caracterização dos gritos de guerra	55
Figura 4.11	Gritos de guerra: finalidade, sentimento e circunstâncias.....	56
Figura 5.1	Ocorrência de elementos pesquisados nos gritos de guerra	65
Figura 5.2	Ocorrência de elementos pesquisados nos gritos de guerra.....	65
Figura 6.1	Tipos de processos nos gritos de guerra	78
Figura 6.2	Inclusão e exclusão dos atores sociais nos gritos de guerra	92
Figura 6.3	Processo de inclusão dos atores sociais nos gritos de guerra.....	95
Figura 6.4	Processo de exclusão dos atores sociais nos gritos de guerra	96
Figura 6.5	Deputado João Plenário (Fonte: Google imagens).....	103
Figura 6.6	Representação dos atores sociais pela Simbolização.....	104
Figura 6.7	Representação dos atores sociais pela Apropriação.....	105
Figura 6.8	Possibilidades de representação dos atores sociais pela Coletivização.....	107

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	**PERSPECTIVA TEÓRICA**	12
1.1	**Linguística Sistêmico-Funcional**	14
1.2	**Linguagem e Contexto na Linguística Sistêmico-Funcional**	15
1.3	**As Metafunções de Halliday**	18
2	**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**	25
3	**APRESENTAÇÃO DO *CORPUS***	28
4	**UMA VISÃO DIACRÔNICA DOS GRITOS DE GUERRA**	40
4.1	**Gritos de Guerra: o Passado**	40
4.2	**Gritos de Guerra: o Presente**	52
4.3	**Gritos de Guerra: uma Definição Provisória**	54
5	**CONFIGURAÇÃO CONTEXTUAL E ESTRUTURA POTENCIAL DO GÊNERO**	58
6	**OS GRITOS DE GUERRA SOB O ENFOQUE DO SIGNIFICADO IDEACIONAL**	67
6.1	**Análise da Transitividade nos Gritos de Guerra**	67
6.2	**Considerações Parciais**	82
6.3	**Representação dos Atores Sociais nos Gritos de Guerra Militares**	83
6.3.1	Representação por Inclusão	92
6.3.2	Representação por Exclusão	95
6.3.3	Reflexo de Discursos Institucionais na Coletivização dos Atores Sociais	97
6.3.4	Considerações Parciais	98
6.4	**Representação dos Atores Sociais por Meio de Animais**	99
6.4.1	Considerações Parciais	106
7	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	108
	REFERÊNCIAS	112
	APÊNDICE - Questionários de pesquisa	114

INTRODUÇÃO

> A linguagem evoluiu para satisfazer as necessidades humanas; e a forma como ela é organizada é funcional em relação a essas necessidades, não se trata de algo arbitrário. (HALLIDAY, 1985, p. xii)[1]

Diante da multiplicidade de ambientes linguísticos, nos mais variados campos da atividade humana, selecionamos como foco de nosso estudo o espaço institucional da caserna, em que os militares fazem uso de linguagens e condutas que são típicas da profissão militar[2]. Esse ambiente, caracterizado, dentre outros fatores, pela normatização de comportamentos, faz que tanto a expressão corporal quanto a expressão verbal (oral ou escrita) sigam uma padronização, muitas vezes, infensa a inovações e a manifestações de subjetividade.

A motivação inicial desta pesquisa reside no fato de que, não obstante essa uniformidade, a linguagem militar representa um campo de estudo bastante diversificado, tendo em vista as diferentes abordagens que pode suscitar, considerando-se as formações discursivas resultantes de um conjunto de códigos inerentes à instituição. Em particular, a linguagem verbal da caserna revela-se como objeto a ser estudado em suas múltiplas formas de manifestação.

Nesse universo tão específico, os discursos compõem-se de particularidades que se revelam de grande pertinência aos estudos da linguagem. Nesse contexto, reside o interesse de nossa pesquisa: os gritos de guerra militares[3]. Componentes da linguagem oral da caserna, esses gritos trazem fortemente as marcas da identidade militar e mostram-se como um dos elementos que mais distinguem a profissão das armas.

Assim o estudo dos gritos de guerra mostra-se relevante na medida em que nos traz subsídios para melhor compreendermos o comportamento linguístico de um dos ramos mais antigos das atividades humanas: o exercício da guerra.

---

[1] Cf. o original em inglês: Language has evolved to satisfy human needs; and the way it is organized is functional with respect to these needs, it is not arbitrary.(HALLIDAY, 1985, p. xii). Todas as traduções feitas são de responsabilidade do autor desta dissertação.

[2] O autor é oficial do Exército e professor da Cadeira de Português da Academia Militar das Agulhas Negras desde 2002.

[3] Cumpre não confundirmos gritos de guerra com canções de marcha ou corrida, aquelas que os grupamentos militares saem cantando pelas ruas durante, principalmente, as atividades de treinamento físico. Apesar da função básica que lhes é comum de atuar no moral do soldado, desenvolvendo a coesão do grupo, esses dois gêneros diferem em pontos cruciais. Funcionalmente, as canções (que são cantadas, uma vez que possuem linha melódica) objetivam tornar a atividade descontraída com o intuito de que o desgaste (de uma marcha ou de uma corrida em forma) seja superado. Já os gritos de guerra (que são gritados e não possuem linha melódica), ao contrário, exigem do soldado o semblante grave, despertando-lhe, como o próprio nome revela, o espírito de alguém preparado para enfrentar a guerra. Essa diferença entre gritos de guerra e canções de marcha ou corrida é reiterada por cadetes e oficiais no questionário de pesquisa (Ver Apêndice).

Investigar essa prática é nos aproximar um pouco mais das multifacetadas experiências do homem em se comunicar, transmitindo informação e marcando o seu espaço no mundo; neste caso, o seu espaço nos campos de batalha.

Dessa forma, é nosso intuito investigar o emprego dos gritos de guerra militares, buscando explicitar sua inserção nas práticas sociais da caserna, partindo do princípio de que a linguagem deve ser compreendida pelo enfoque nas relações sociais, e o discurso como reflexo do modo como os indivíduos se relacionam em contextos específicos e situam-se no mundo.

Propomo-nos, portanto, testar uma teoria linguística por meio da análise de um gênero sobre o qual não encontramos nenhum estudo divulgado em mídia. É nossa proposta analisar gritos de guerra coletados junto a grupamentos de cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), orientados pelos fundamentos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, examinando sua organização como um sistema complexo que se estrutura com a finalidade de se adequar funcionalmente ao seu contexto de uso.

Analisamos a linguagem como um potencial de significados, um sistema de escolhas em que o falante, em conformidade com o propósito que tem em mente, e dentro das possibilidades estabelecidas pelo contexto em que se processa a relação social, seleciona os elementos linguísticos por meio dos quais representará suas ideias (Cf. HALLIDAY, 1985: xiv). Assim discutimos os significados que emergem desse processo de seleção, dentro das possibilidades que o sistema linguístico dispõe aos falantes no ambiente cultural da caserna.

Tendo em vista tratar-se de um arcabouço teórico denso e que se desdobra em uma multiplicidade de categorias, neste trabalho limitamo-nos a investigar a construção dos gritos de guerra pela perspectiva da metafunção ideacional proposta por Halliday. Na interface entre a organização do sistema e a função da linguagem no contexto militar, buscamos explicitar como os gritos de guerra se estruturam em termos de representação de mundo com vistas a assegurar seu papel funcional dentro da organização da própria instituição.

Devido ao caráter institucional dos gritos de guerra, propomo-nos a definir, além da sua constituição formal, quais propósitos participam implícita ou explicitamente no ato de sua construção e de sua verbalização, haja vista seu potencial de refletir a percepção que os indivíduos têm do mundo e da sua própria inserção como atores sociais no universo em que tomam parte.

Nossa pesquisa está organizada nas seguintes seções: no Capítulo 1, fazemos a revisão da literatura, apresentando os postulados da Linguística Sistêmico-Funcional, principalmente no que diz respeito à metafunção ideacional, nossa categoria de análise. No Capítulo 2,

delineamos os procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa. No Capítulo 3, apresentamos o *corpus* de estudo e comentamos as motivações que interferiram na sua delimitação. No Capítulo 4, principiamos a análise dos gritos de guerra, buscando uma compreensão diacrônica do papel representado por esse gênero discursivo nos contextos de guerra do passado e do presente. No Capítulo 5, analisamos o *corpus* com base nos postulados teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional. Exploramos a Estrutura Potencial do Gênero e a Configuração Contextual dos gritos de guerra, conforme Halliday e Hassan (1989); analisamos o componente lexicogramatical integrante da metafunção ideacional, a transitividade, verificando como ela se processa na organização das ideias; e investigamos como se dá a representação dos atores sociais, com base nas categorias definidas por Van Leeuwen (1997).

1 PERSPECTIVA TEÓRICA

Nossa abordagem linguística dos gritos de guerra obrigatoriamente perpassa por inúmeras esferas de estudos da linguagem com foco nas relações sociais, trazendo, portanto, sobreposições de ideias e conceitos de várias correntes teóricas.

Considerando a linguagem como elemento fundamental nas relações entre os indivíduos, trabalharemos com a visão de discurso como prática social, que tem como bases contribuições de vários estudiosos da linguagem, como Bakhtin (1992, 2006), Halliday (1985), Van Leeuwen (1997, 2008), Marcuschi (2005), dentre outros.

O modo como percebemos a comunicação verbal parte de importantes conceitos de Bakhtin, como o de *dialogismo* e o de *gênero discursivo*. Ao tratar a linguagem como socialmente construída, Bakhtin rompe com a ideia de linguagem como um fenômeno autônomo, que se constitui em si e por si mesma, sem interferências do meio social em que é utilizada, afirmando que "A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal* "(BAKHTIN, 2006, p. 125, grifo do autor).

Sendo a linguagem processada nas interações entre os sujeitos, em situações de naturezas diversas, temos que tais interações ocorrem por meio dos *gêneros do discurso*, *tipos relativamente estáveis* de enunciados, elaborados nos múltiplos campos de utilização da língua (Cf. BAKHTIN, 1992, p. 262). Tal estabilidade relativa diz respeito ao modo como os gêneros discursivos se organizam conforme uma estrutura recorrente, contudo aberta a variações, que podem ocorrer tendo em vista a própria flexibilidade com que se processam as relações sociais.

Esse caráter *relativamente estável* dos gêneros discursivos não traz a ideia de gênero como algo "pronto e acabado", que não esteja sujeito a transformações. Bakhtin, em momento algum, trata os gêneros como imutáveis. O que tal estabilidade relativa deixa patente é a ideia de algo que não está à mercê do arbítrio dos indivíduos que, impetuosamente, resolvem fazer uso indiscriminado de um gênero discursivo, moldando-o a seu bel-prazer. Para que a comunicação cumpra seu papel social, o gênero que o falante se propõe a usar deve estar configurado de forma que os demais falantes percebam tratar-se de um e não de outro gênero. Não se trata, portanto, de uma moldagem individualizada da linguagem, mas de um trabalho conjunto e que, para fazer sentido, deve ser construído sobre bases comuns aos

falantes. Os indivíduos que vão a um leilão, por exemplo, minimamente, esperam que o leiloeiro conduza de fato um leilão, prática social que se configura em conformidade com etapas e usos da linguagem que lhe são característicos (apresentação do produto, divulgação do valor mínimo, abertura para lances). Se, ao contrário, o leiloeiro desprezasse a configuração própria de um leilão, e decidisse agir em conformidade com um outro gênero (como um sermão religioso ou um discurso político), ele poderia não corresponder às expectativas daqueles com os quais deveria construir uma situação significativa de uso da linguagem.

Por meio desse conceito de gênero, como entidade linguística de caráter relativamente estabilizado, podemos perceber uma estreita relação com a ideia de mutabilidade/ imutabilidade do signo linguístico de Saussure. Tanto o signo linguístico quanto os gêneros discursivos, devido a seu caráter social, estão sujeitos a transformações, pois, como se trata de uma estabilidade relativa, podem ocorrer mudanças na configuração de um determinado gênero ou na relação significante/significado do signo, fato determinado por mudanças na concepção de mundo da sociedade e na transformação dos modos de interação social. Referente a esse caráter social e à estabilidade relativa do gênero, Carvalho (2005, p. 133) acrescenta-nos ideias que vêm a corroborar as percepções que ora discutimos:

> Voltamos assim à questão de sua estabilidade relativa, pois ao mesmo tempo em que são respostas a situações sociais recorrentes (é preciso frisar aqui que estas não são cópias exatas umas das outras), os gêneros são responsáveis por organizar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido; são os meios pelos quais vemos e interpretamos o mundo e nele agimos.

Dessa forma, o modo como os indivíduos atribuem sentido a experiências recorrentes em situações também recorrentes deve, por conseguinte, caracterizar-se pelo aspecto da recorrência, tendo em vista atender ao seu caráter fundamentalmente social.

Nessa mesma maneira de se perceber a linguagem, Marcuschi (2005) compreende gêneros como "*textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica"(MARCUSCHI, 2005, p. 22-23, grifos do autor), que "são geralmente determinados com base nos objetivos dos falantes e na natureza do tópico tratado" (BIBER, 1988 *apud* MARCUSCHI, 2005, p. 34). Nessa conceituação, temos evidenciado o caráter funcional dos gêneros discursivos, ou seja, a sua razão de ser em referência a um determinado propósito, uma vez que a sua criação e o seu uso apenas se justificam tendo em vista as suas "propriedades funcionais", "os objetivos dos falantes".

Assim, sermões, leilões, entrevistas, palestras, dentre outros, são exemplos de gêneros discursivos próprios de diversos campos da vida social, característicos de contextos específicos de usos da linguagem e definidos por objetivos que lhes são particulares.

Tal modo de se perceberem os gêneros discursivos, como *relativamente estáveis* e *materializados* em contextos sociais específicos, representa, pois, o ponto de partida para toda análise que se orienta no sentido de revelar quais são essas características sóciocomunicativas constitutivas dos gêneros, como se definem seu conteúdo, suas propriedades funcionais e seu estilo, de que forma se dá sua composição e quais necessidades e objetivos norteiam sua elaboração e seu uso.

Seguindo pela via funcionalista, o estudo dos gêneros deve considerar que a essência da linguagem reside exatamente em seu caráter funcional, que marca de modo decisivo a organização do sistema linguístico.

1.1 **Linguística Sistêmico-Funcional**

Se o pensamento científico evolui a partir de um conhecimento já dado, é importante perceber que, embora seguindo outros rumos, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) valeu-se de percepções do estruturalismo de Saussure acerca da linguagem como um fenômeno social para, a partir daí, estabelecer as suas próprias percepções. Assim é definida uma compreensão da linguagem que resulta em uma análise que tem como foco a observação da organização das estruturas linguísticas em associação direta e fundamental com o uso que os falantes fazem dessas estruturas com o objetivo de suprir suas necessidades comunicacionais.

Ainda no campo das influências, Michael Halliday, por volta da década de 60 do século passado, construiu as bases da Linguística Sistêmico-Funcional, a partir de um desdobramento de ideias. Com Firth, Halliday compartilha a valorização dos aspectos relacionados à realização da língua (a linguagem em uso). Com Malinowski, incorporou, sob o aspecto da etnografia, a importância de se considerar o contexto sócio-cultural em que os componentes de uma sociedade tomam parte ao se inter-relacionarem. Já com Whorf, Halliday compartilhou do princípio da relatividade linguística, de que a língua de um povo influencia nas concepções que ele tem da realidade, dando significado às experiências e às interações sociais.

Partindo dessas concepções, a Gramática Funcional de Halliday tem a língua como um potencial de significado, apoiando-se, portanto, na primazia das funções da linguagem sobre a forma linguística. Assim, a língua é percebida como um sistema de opções de que o falante dispõe para fazer suas escolhas, em conformidade com um contexto sócio-cultural em que está inserido, com o objetivo de construir significados.

Nessa perspectiva funcional da linguagem, essa construção social de sentidos é instanciada pelo texto, como bem observa Gouveia (2009, p. 18):

> De orientação social, portanto, o quadro teórico-metodológico que tem vindo a ser descrito elege o texto como unidade fundamental, a partir da constatação facilmente verificável, de que este é a unidade de comunicação em qualquer evento discursivo. [...] De extensão variável, falado ou escrito, individual ou coletivo, composto de apenas uma frase ou de várias (a extensão não é relevante), o texto é o que produzimos quando comunicamos.

Contudo, se o texto corresponde à forma linguística por meio da qual se processam as interações sociais, é a oração, por sua vez, que representa a unidade em que se processa a lexicogramática. Dessa forma, a análise sistêmico-funcional leva em consideração tanto uma instância maior como uma menor a fim de apreender como as escolhas linguísticas são feitas com o objetivo de se estabelecerem significados.

1.2 **Linguagem e Contexto na Linguística Sistêmico-Funcional**

A Linguística Sistêmico-Funcional orienta-se pela perspectiva de indissociabilidade entre o sistema linguístico e as funções sociais da linguagem, ou seja, a linguagem não é um objeto fechado em si mesmo, organizado por variantes que dizem respeito apenas à língua, mas é algo constituído nas relações/interações que os indivíduos estabelecem nos mais variados contextos. Assim as instâncias discursivas interferem diretamente no sistema linguístico, de modo a coadunar a construção dos enunciados com a sua funcionalidade nas diversas situações em que as pessoas se relacionam, haja vista que a linguagem se organiza funcionalmente a fim de atender as necessidades humanas (Cf. HALLIDAY, 1985: xiii).

Temos então que a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional tem como foco a relação entre sistema e função; em outros termos, o aspecto linguístico é configurado em conformidade com a função que desempenhará a linguagem em um determinado contexto

social. Evidencia-se assim uma relação dialética entre texto e contexto de uso da língua, em que o linguístico e o social coorientam-se, como afirma Miller (2004, p. 5)[4] a seguir:

> E a relação entre texto e contexto é sistemática e dinâmica: de um lado, um texto é o resultado do contexto no qual está sendo percebido e onde a linguagem está sendo moldada para funcionar com um propósito; enquanto, por outro lado, um contexto é, por sua vez, percebido por meio do texto; i.e., através de um texto, um contexto está sendo criado.

Nesse sentido, a Linguística Sistêmico-Funcional concebe a linguagem como um sistema de escolhas em que o falante, dentro das possibilidades estabelecidas pelo contexto em que se processa a relação social, seleciona os elementos linguísticos por meio dos quais representará suas ideias (Cf. HALLIDAY, 1985: xiv). Nesse processo de seleção do que se torna possível em um dado universo, é necessário ter-se em mente que "a escolha, consciente ou não, produto da vontade ou determinada pelo contexto e a cultura, implica o sentido" (PAVEAU, 2006, p. 141). Dessa afirmação, fica clara a ideia de que as escolhas que são feitas não se resumem a um processo inteiramente livre de implicações contextuais. O entorno é elemento também participante.

Devido a esse aspecto funcional da linguagem, há, portanto, uma estreita relação entre a organização do sistema linguístico e as particularidades da situação comunicativa.

> Na perspectiva funcionalista, porém, não se considera que uma descrição da estrutura da sentença seja suficiente para determinar o som e o significado da expressão linguística, entendendo-se que a descrição completa precisa incluir referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e seu estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente (NEVES, 1997, p. 23).

Percebendo-se que "as expressões linguísticas só podem ser compreendidas propriamente quando consideradas no seu funcionamento nos contextos, sendo as propriedades deste co-determinadas pela informação contextual e situacional" (NEVES, 1997, p. 45), a questão do contexto reveste-se de grande importância. Tendo em vista a necessidade de se evidenciar a caracterização extratextual da situação comunicativa, a Linguística Sistêmico-Funcional distingue dois tipos de contexto: um da Cultura e outro da Situação.

O *contexto de cultura* abrange todos os significados que fazem sentido dentro de uma dada cultura. Nele coexistem todos os textos criados e também aqueles textos potenciais

[4] Cf. o original em inglês: And the relation between text and context is a systematic and dynamic one: on one hand, a text is the result of the context in which it is being realized and where language is being shaped to function purposefully; while, on the other hand, a context is then realized in turn by the text,; i.e., through a text, a context is being created.(MILER, 2004, p. 5)

dentro das possibilidades que a linguagem dispõe para os integrantes de uma dada cultura. Já o *contexto da situação* representa o contexto imediato, aquele em que se faz uso da linguagem em situações específicas.

Destarte, as escolhas feitas pelo falante dentro do rol de possibilidades que o sistema linguístico lhe disponibiliza, em suas múltiplas práticas sócio-culturais, são definidas em duas instâncias: uma mais restrita, que se traduz no *contexto da situação*; e uma mais ampla, que reflete o conjunto de conhecimentos atinentes ao *contexto da cultura*.

Esse contexto mais próximo, o da situação, é determinado por três variáveis que são basilares em todas as interações por meio da linguagem: o *campo*, a *relação* e o *modo*. Conforme Motta-Roth e Heberle (2005), o *campo* refere-se à natureza da prática social, à correspondência da linguagem com o ambiente linguístico em questão; a *relação* refere-se à natureza da ligação entre os sujeitos que atuam na situação comunicativa; e o *modo* refere-se à natureza do meio de transmissão da mensagem.

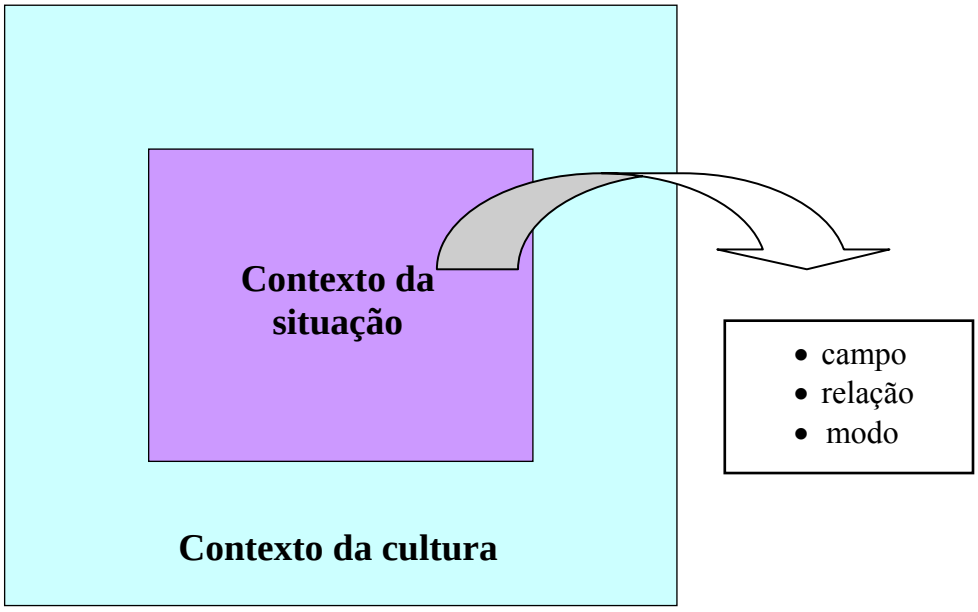


Figura 1.1: Representação dos tipos de contexto: o da cultura e o da situação com suas variáveis.

O *contexto da situação* representa, assim, o conjunto de elementos que definem a particularidade das interações sociais em sua existência factual. Para Ruqayia Hasan (1989), as três variáveis do contexto da situação; o *campo*, a *relação* e o *modo*; dão conta da *configuração contextual*, a partir da qual é possível detectar elementos obrigatórios e elementos opcionais que compõem a *estrutura potencial do gênero*, ou seja, é possível apontar traços estruturais, lexicais, gramaticais e semânticos que devem ou que podem constar

em textos constituintes de um dado gênero discursivo. Pode-se, portanto, fazer previsões acerca da composição dos textos que são pertinentes a um contexto específico. Isso implica dizer que, "enquanto o texto pode ser previsto a partir de pistas contextuais, o contexto é construído pelo conjunto de textos produzidos dentro de uma situação específica (...)" (MOTTA-ROTH ; HEBERLE, 2005, p.17).

1.3 **As Metafunções de Halliday**

É no *contexto da situação* que Halliday (1985) considera que a linguagem se estrutura para construir simultaneamente três modos de significações, que se fazem presentes nos usos da linguagem em todo contexto social: o *ideacional*, o *interpessoal* e o *textual*, que se vinculam, respectivamente, ao *campo*, à *relação* e ao *modo*.

O significado *textual*, que serve de suporte para a manifestação dos dois outros significados, refere-se à caracterização da oração como mensagem; corresponde à forma textual por meio da qual o sujeito apresenta suas experiências.

Em termos lexicogramaticais, um dos sistemas que participa dessa macrofunção trata da estrutura temática que opera na lógica organizacional das mensagens, definida pela coesão e pela coerência, em termos do tema (o elemento dado); o ponto de partida para a mensagem; que pode ser um grupo nominal, um grupo adverbial ou uma frase preposicional (Cf. HALLIDAY, 1985, p. 39); e do rema (o elemento novo), o restante da mensagem, onde o tema se desenvolve.

O significado *interpessoal* (ou teor) "refere-se às identidades, relações, valores, e perspectivas dos interactantes em um contexto particular de comunicação"[5] . Está relacionado à interação entre participantes de uma situação de uso da linguagem, em que se estabelecem modos de agir conforme os papéis sociais desempenhados pelos sujeitos. Com vistas a estabelecer relações sociais, "o falante usa a linguagem como meio de participar do evento de fala" (NEVES, 1997:13), com base em papeis e funções da fala (HALLIDAY, 1985), a saber:

[5] Cf. o original em inglês: Tenor refers to the identities, relationships, values, and perspectives of interactants in a particular contexto of communication.(COFFIN, 2009, p. 386)

- Dar ou pedir bens e serviços (na forma de propostas), por meio de oferta e de ordem.
- Dar ou pedir informação (na forma de proposições), por meio de declaração e de pergunta.

O significado *interpessoal* expressa, portanto, as interações entre os participantes da situação comunicativa, haja vista que "Um ato de discurso não é unilateral, requer retroação" (GOUVEIA, 2009, p. 34), o que se processa, por exemplo, por meio do sistema de *modo* e *modalidade*.

O *modo* caracteriza-se por meio de escolhas quanto ao aspecto sujeito-finito em função dos papéis assumidos pelos interactantes em situações de troca de bens e serviços ou de informação, enquanto a *modalidade* é a categoria discursiva que indica as motivações e o compromisso que o sujeito estabelece com seus discursos.

Na presente abordagem, interessa-nos, particularmente, o significado *ideacional*, que compreende o aspecto do conteúdo textual como forma de representação do mundo, ou seja, das percepções que os sujeitos possuem daquilo que faz parte da sua experiência, conforme nos atesta Halliday (1985, p. 101):

> Uma propriedade fundamental da linguagem é que ela capacita os seres humanos a construir uma imagem mental da realidade, criar sentido de suas experiências sobre o que acontece ao redor deles e dentro deles. [6]

A *transitividade* é o componente léxicogramatical que organiza o texto, que codifica e organiza semanticamente os conteúdos das experiências humanas representadas nos discursos. Trata-se do "sistema que dá conta basicamente da seleção de processos e relações e de seus participantes, e, assim, da seleção de funções sintáticas na estrutura da frase" (NEVES, 1997, p. 71).

A transitividade pode ser entendida como o processamento linguístico de eventos e percepções, seja qual for sua natureza, quer participem do mundo da realidade quer pertençam ao espaço do imaginário, que também se revela na capacidade criadora dos seres humanos. Assim, por meio de elementos lexicogramaticais, as ideias transitam em forma de estruturas

[6] Cf. o original em inglês: A fundamental property of language is that it enables human beings to build a mental picture of reality, to make sense of their experience of what goes on around them and inside them.

textuais da mente humana para as práticas sociais. Por meio de escolhas no eixo paradigmático, os falantes organizam de forma sintagmática seus pensamentos de modo a construir significados que se orientam tendo em vista os objetivos que resultam da prática social.

A codificação textual ocorre por meio de *processos (material, relacional, mental, verbal, existencial e comportamental),* de *participantes (um ator, um portador, um experienciador, um dizente, um existente, um comportante)* e de *circunstâncias*, as quais indicam, dentre outros, o *modo*, o *tempo* e o *lugar* particulares a um dado evento (Cf. HALLIDAY, 1985, p. 144).

No quadro abaixo, buscamos sintetizar essas ideias, apresentando os processos, o significado (aspecto verbal que caracteriza cada processo) e os participantes dos processos:

TIPOS DE PROCESSO	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES
Material	Agir, Fazer	Ator – Meta
Mental	Sentir, Pensar	Experienciador - Fenômeno
Relacional	Ter, Ser	Portador - Atributo
Verbal	Dizer, Falar	Dizente - Verbiagem
Existencial	Existir	Existente
Comportamental	Comportar-se: rir, olhar	Comportante

Figura 1.2: Processos, significados e participantes

É importante ter em mente que os três significados, o ideacional, o interpessoal e o textual ocorrem simultaneamente em todo texto. Não representam, pois, sistemas semânticos estanques e de vida independente uns dos outros. O que há, verdadeiramente, é o texto considerado em sua natureza multifuncional, já que "As estruturas linguísticas não *selecionam* funções específicas isoladas para desempenhar; ao contrário, expressam de forma integrada todos os componentes funcionais do significado" (RESENDE ; RAMALHO, 2006, p. 58). Essa existência conjugada das três metafunções é, portanto, fundamental para se perceber o texto não como uma "colcha de retalhos", mas como uma unidade que se forma sob os três aspectos funcionais apontados:

> Enquanto conjugação de escolhas de três sistemas, a oração não é nunca o resultado individual de realização de apenas um desses sistemas, mas exatamente a conjugação dos três a partir da sua realização sistemática numa unidade integrada: a oração. (GOUVEIA, 2009, p. 40)

Complementando essa análise, para efetivamente compreendermos os gritos de guerra como um gênero discursivo, não podemos negligenciar a análise do papel desempenhado pelos militares nessa prática discursiva.

Filiada à perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, que percebe a linguagem, portanto, como um sistema de escolhas com vistas a atender ao aspecto funcional dos discursos, está a definição dos papéis dos atores sociais em situações específicas da vida social. Dessa maneira, os indivíduos têm o modo como tomam parte nas situações discursivas representado linguisticamente por escolhas que objetivam refletir as suas posições como sujeitos.

Entendemos, inicialmente, que não se podem dissociar os usos da linguagem das relações de poder com que os indivíduos então constantemente envolvidos, pois, nas práticas discursivas de produção, distribuição e consumo de textos, há sempre um fator ideológico que orienta o comportamento dos sujeitos sociais. Isso significa que as situações em que os indivíduos estabelecem interações uns com os outros são marcadas por comportamentos que se pautam por crenças e propósitos, quer ambos se revelem explicitamente e estejam conscientemente colocados em "jogo" pelos interactantes, quer se mantenham implícitos nas práticas sociais ou mesmo silenciosos no inconsciente humano. O que há de constante, mesmo que fuja à nossa consciência, é que direcionamos nossas ideias de acordo com a percepção que temos do mundo, e isso é marca inalienável do nosso comportamento por meio da palavra.

Assim, se estamos permanentemente inseridos em práticas que são instanciadas por gêneros discursivos, temos que estes projetam relações entre os sujeitos, ou mesmo entre os sujeitos e uma dada estrutura social, por meio das interações verbais. Nessa compreensão da linguagem cujo estatuto ultrapassa os limites da simples comunicação de pensamentos, nossa abordagem da linguagem militar aproxima-se de pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD), particularmente pela abordagem feita por Theo Van Leeuwen (1997) acerca da representação dos atores sociais.

Van Leeuwen (1997, p. 169) propõe "um inventário sócio-semântico dos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados", buscando assim analisar os papéis por eles desempenhados, que, conforme se constituem socialmente, inscrevem-se na materialidade textual. Assim, por exemplo, os indivíduos podem ser referenciados pessoal ou

impessoalmente, de modo individualizado ou coletivizado nas práticas sociais. Sua abordagem trata criticamente da forma como os indivíduos são colocados ou se colocam nos discursos, o que pode revelar uma área de conflito em que as posições dos indivíduos, situados em contextos sócio-político-históricos, são definidas. Nesse sentido, a consideração do contexto específico a cada prática social é fundamental para uma investigação apurada, haja vista que "o significado é inerente à cultura e não à língua e não pode ser associado a uma semiótica específica" (VAN LEEUWEN, Idem, p. 171).

Van Leeuwen trabalha com categorias sociológicas evidenciadas no texto por categorias linguísticas. Assim, por exemplo, a *inclusão* ou a *exclusão* dos atores sociais em um discurso são fenômenos de caráter sociológico que podem ser marcados linguisticamente na estrutura textual. Tais escolhas representacionais devem se revelar a quem se debruça sobre análises da linguagem como evidências de que "As maneiras como os atores sociais são representados em textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades"(RESENDE ; RAMALHO, 2006, p. 72).

Concluímos dessa afirmação que o tratamento dado aos sujeitos não é fruto do acaso ou de uma construção textual desinteressada. Assim, se os atores sociais serão representados em sua individualidade, distinguindo-os pelo próprio nome, ou se serão representados no anonimato de um grupo, tal procedimento mostra-se uma estratégia de tratar os sujeitos conforme uma visão que se tenha de seu papel no mundo.

Isso significa que a linguagem pode revelar percepções acerca das relações sociais e que, extrapolando o intuito primeiro da comunicação, participa na compreensão que os indivíduos têm do mundo e na própria inserção dos sujeitos na sociedade. Partindo desse princípio, Van Leeuwen (1997, p. 219169) apresenta uma rede sistêmica de categorias sócio semânticas, que objetivam traduzir as formas representacionais com que os indivíduos são projetados nos discursos, como mostra a figura abaixo:

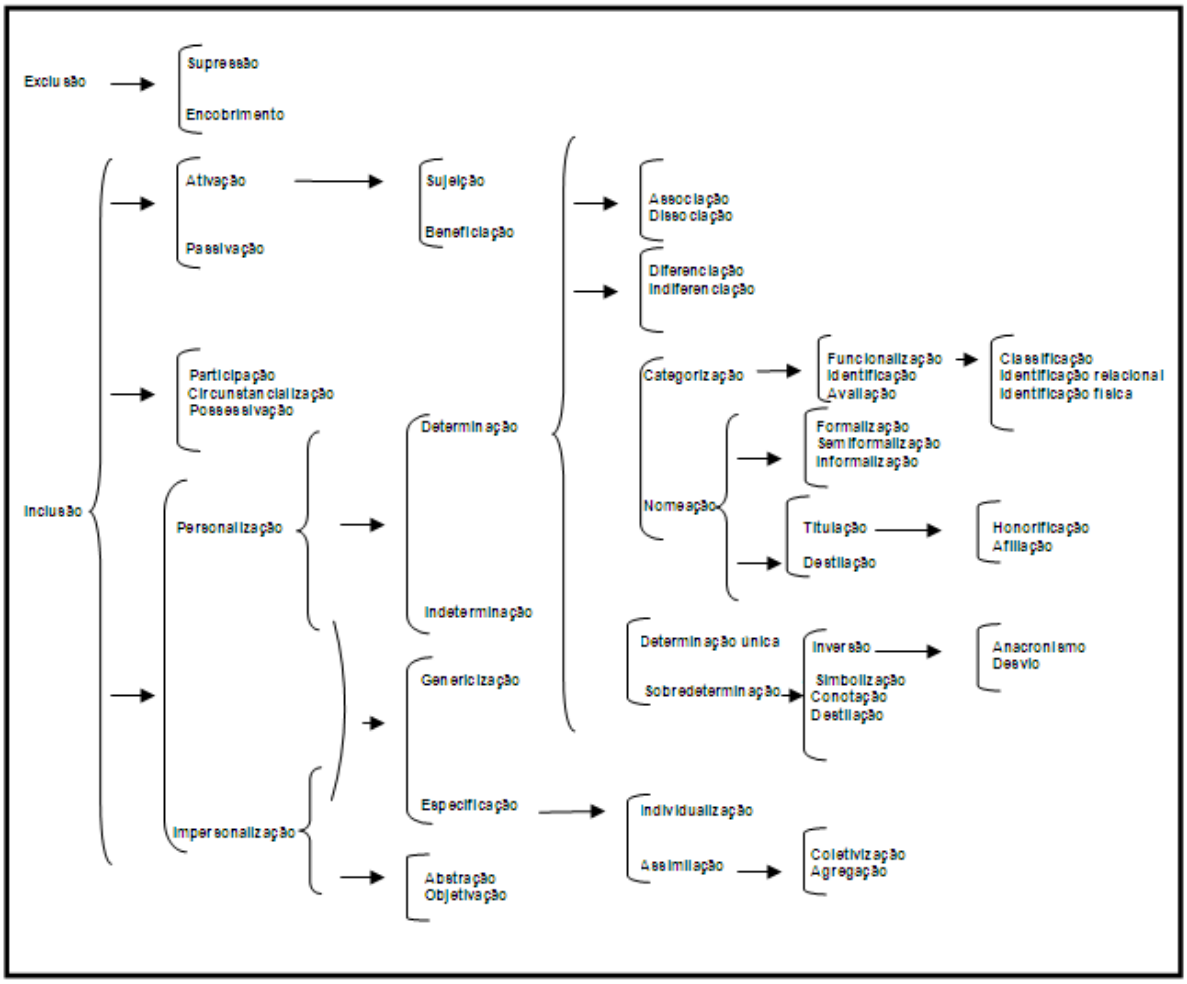


Figura 1.3. A representação dos atores sociais no discurso: rede de sistemas. (In: VAN LEEUWEN, 1997, p. 219)

Com essas categorias, às quais se podem acrescentar ainda outras, conforme ressalta o próprio Van Leeuwen, é possível perceber que os papéis dos indivíduos ou grupos são socialmente marcados e que a percepção que se tem do modo como ocupam seu espaço no mundo inscreve-se ostensiva ou silenciosamente nos discursos.

De caráter funcional, as escolhas dos modos de representação dos atores sociais na estrutura textual retratam os significados que são socialmente constituídos em todas as práticas discursivas em que os indivíduos se inscrevem e em que, independentemente de seu grau de efetiva atuação, participam na construção de sentidos.

A análise do papel representado pelos militares nos gritos de guerra, com base no enfoque de Van Leeuwen, possibilitar-nos-á verificar a percepção que os indivíduos têm de sua inserção como atores sociais nessa prática comum no meio militar.

Essa visão funcionalista da linguagem representa uma perspectiva efetivamente adequada para compreendermos a caracterização dos gritos de guerra como gênero, uma vez

que nos propiciará ferramentas que nos permitirão delinear a representação de ideias nas práticas sociais do ambiente de caserna.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em consonância com o modo de a Linguística Sistêmico-Funcional perceber a linguagem no seio das relações sociais, buscamos conhecer o que se faz presente nas linhas e nas entrelinhas dos gritos de guerra militares e que os caracteriza como um gênero com especificidades estruturais e funcionais que se conformam ao contexto militar em que são utilizados.

Para alcançarmos esse objetivo, desenvolvemos a pesquisa em questão de maneira gradual, dividindo nossa abordagem em etapas. Primeiramente, fizemos a seleção dos gritos de guerra que comporiam o nosso *corpus* de pesquisa. Buscamos, nesse trabalho de seleção compilar um conjunto de textos que nos possibilitassem uma percepção mais apurada desse gênero textual. Os procedimentos que utilizamos na escolha dos gritos de guerra são detalhados no capítulo que se segue, em que faremos a apresentação do corpus, contextualizando-o dentro da instituição militar de que se origina (Academia Militar das Agulhas Negras) e apresentando justificativas que nos motivaram no processo de seleção dos gritos de guerra.

Em nossa abordagem do arcabouço teórico que fornece as bases para a presente pesquisa, fazemos uma contextualização da Linguística Sistêmico-Funcional dentro dos estudos da linguagem e apresentaremos os conceitos sob os quais se desenvolverá nossa análise dos gritos de guerra. Nosso enfoque residirá, portanto, dentro da amplitude dos estudos sistêmicos de Halliday em uma categoria específica, a **metafunção ideacional**.

Partindo para a nossa análise, em uma primeira etapa, estabelecemos um paralelo entre o uso dos gritos de guerra no passado e o uso que deles se faz nos dias atuais. No intuito de mapear o propósito desses gritos nos combates antigos, utilizamos as ferramentas que a Linguística de Corpus nos disponibiliza para buscarmos evidências, em diferentes contextos, dos gritos de guerra lançados em situações em que os homens buscavam a solução para seus conflitos nos campos de batalha. Com esse objetivo, utilizamos como fonte de análise o Antigo Testamento e a Ilíada, de Homero, duas fontes bem distintas e que nos serviram como referenciais para caracterizar esse gênero discursivo em práticas sociais de outros tempos.

Esses dois textos foram escolhidos, dentre os vários que retratam o ambiente de batalha, primeiramente, pela referência reiterada aos gritos de guerra, pois a descrição dos combates coloca em evidência a funcionalidade desses gritos em contextos de guerra. Outros textos privilegiavam a teoria da guerra, revelando-se como um estudo das estratégias dos

grandes exércitos e de generais lendários, não focando o momento exato dos embates, quando os homens, frente a frente, combatiam em guerra.

Consideramos que os textos a serem examinados se prestam a uma análise científica. Conquanto o Antigo Testamento trate-se de um texto de cunho religioso, cuja leitura e interpretação geralmente são influenciadas pela fé, é inegável seu caráter como documento histórico que nos traz informações sobre costumes e maneiras de perceber o mundo de povos que habitavam o antigo oriente. Dessa forma, não nos interessam as questões religiosas que subjazem ao conteúdo, mas apenas os elementos caracterizadores da cultura dos povos que estavam em conflito. Não nos interessa, tampouco, se os conflitos retratados no Antigo Testamento realmente existiram ou se foram apenas fruto da imaginação criadora de homens estimulados pela fé. Não obstante essas particularidades, é certo que as narrativas dos combates basearam-se em práticas culturais de um determinado tempo, de um determinado espaço e de determinados povos, o que nos leva a crer na veracidade das práticas que compunham a cultura guerreira daquelas civilizações.

Da mesma forma, independente de a guerra entre gregos e troianos narrada na Ilíada ter acontecido ou ter sido apenas fruto da fantasia humana que buscava o deleite nos atos heróicos de homens e de povos guerreiros, do ponto de vista das práticas sociais, certamente a obra literária ficcional atribuída a Homero apresenta-se como um valioso documento para o estudo de práticas sociais que faziam parte da cultura desses povos.

Complementando essa etapa, de volta ao presente, buscamos caracterizar o uso que se faz dos gritos de guerra nos tempos atuais, com base em “pistas” encontradas em diferentes fontes, tendo em vista não haver definição do termo que nos pareça contemplar suficientemente todos os aspectos que são caracterizadores desse gênero discursivo.

Nessa investigação, para coletar informações que nos seriam úteis para a compreensão dos gritos de guerra, elaboramos um questionário (ver Apêndice) que foi respondido por 10 cadetes e 5 oficiais (tenentes comandantes de pelotão). Com esse instrumento de pesquisa, objetivamos conhecer a percepção que os informantes possuíam desse gênero discursivo tão presente no dia a dia desses militares. Limitamos o número de informantes a apenas quinze, por compreendermos que, com esse número de militares, já teríamos condições de perceber se nosso entendimento acerca dos gritos de guerra estava coerente com o entendimento que tinham aqueles diretamente envolvidos com o processo de sua criação e de seu emprego.

Em uma segunda etapa, buscamos um enquadre dos gritos de guerra nos postulados da Linguística Sistêmico-Funcional, procurando compreender mais profundamente como se

processa esse gênero discursivo, o que nos permitiria descrever, de modo empírico e mais preciso, esse componente da linguagem militar. Nessa etapa, tivemos como objetivo verificar:

- como os gritos de guerra se organizam em termos de Configuração Contextual e Estrutura Potencial do Gênero, pela perspectiva de Halliday e Hassan;
- como os gritos de guerra operam em termos funcionais, sob o enfoque da metafunção ideacional proposta por Halliday; e
- como se dá a representação dos atores sociais nessa prática discursiva, com base nas categorias postuladas por Van Leeuwen.

Dessa forma, buscamos formular nosso conhecimento acerca da natureza dos gritos de guerra, no intuito de explicitar os caracterizadores que os definem como um gênero próprio da linguagem militar e que orientam seus discursos para práticas e objetivos institucionalmente definidos.

3 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* de análise do presente trabalho compõe-se de gritos de guerra coletados junto a grupamentos de cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) no ano de 2009. A Academia, único estabelecimento de ensino de formação de oficiais combatentes de carreira do Exército Brasileiro, representa o berço dos oficiais que compõem e que comporão o efetivo das unidades militares espalhadas por todo o território nacional. Por esse motivo, podemos dizer que representa também o foco disseminador de condutas e de valores que sustentam a doutrina do Exército, tendo em vista que, a cada ano, os oficiais ali formados, por sua vez, serão responsáveis pela formação de outros oficiais e de praças, repassando ensinamentos que lhes foram anteriormente transmitidos, criando-se, dessa forma, uma cadeia contínua de propagação de conhecimentos e de crenças.

Nos organogramas abaixo, apresentamos a constituição dos grupamentos de cadetes nos quatro anos de formação na AMAN.

O primeiro ano da Academia recebe a designação de Curso Básico. Nessa fase, os cadetes, oriundos da Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx), com sede em Campinas-SP, são distribuídos em quatro companhias e, dentro da sua, são redistribuídos em três pelotões, com um efetivo aproximado de 40 cadetes cada um.

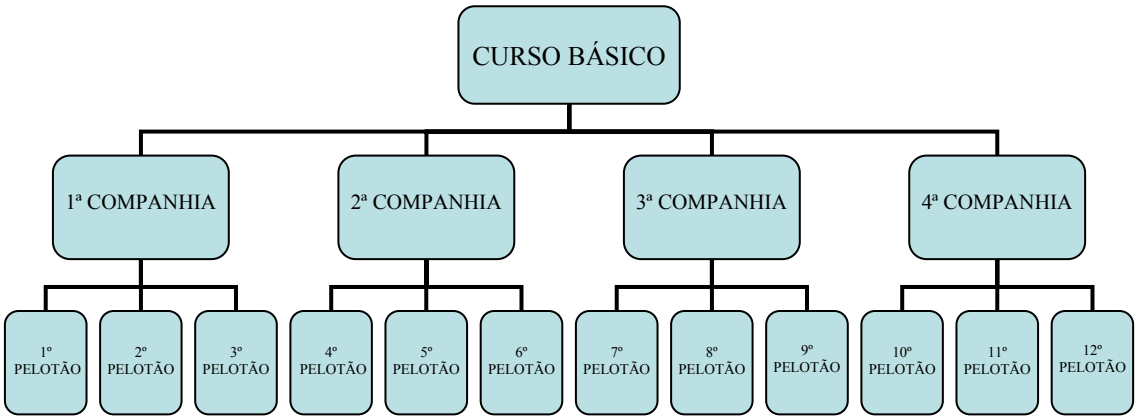


Figura 3.1: Organograma que representa a constituição do curso básico.

O segundo ano da Academia recebe a designação de Curso Avançado. São promovidos para essa fase os cadetes que obtiveram êxito nas disciplinas cursadas no ano anterior. No Curso Avançado, os cadetes são novamente distribuídos em quatro companhias e, dentro da sua, redistribuídos em três pelotões, à semelhança do que foi feito no Curso Básico.

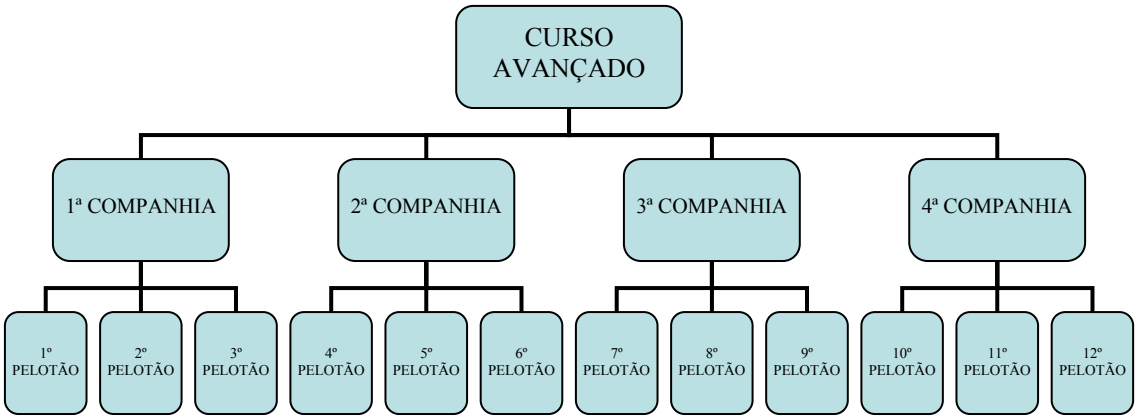


Figura 3.2: Organograma que representa a constituição do curso avançado.

Concluído com êxito o Curso Avançado, os cadetes, por ordem da classificação que obtiveram nos dois anos anteriores, optam por uma das Armas (Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações), pelo Quadro de Material Bélico ou pelo Serviço de Intendência. Escolha feita e preenchidas as vagas oferecidas, os cadetes ingressam no curso em que se especializarão nos próximos dois anos.

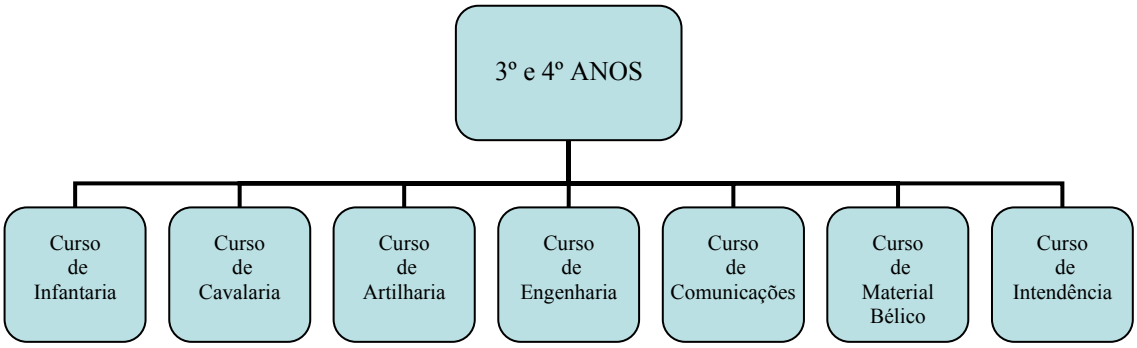


Figura 3.3: Organograma que representa os cursos oferecidos.

Nesse conjunto de cursos, companhias e pelotões, fomos buscar os gritos de guerra que compõem o nosso *corpus* de pesquisa. Em cada um desses segmentos, são criados gritos de guerra que, em primeira análise, servirão de identidade para cada grupamento. Dessa forma, o Curso Básico tem um grito de guerra que congrega todos os seus integrantes e, de modo semelhante, cada uma das companhias e cada um dos pelotões têm um ou mais gritos de guerra para fazer de seus membros um grupo coeso.

Como poderemos perceber, podem ser estabelecidos um ou mais gritos para um dado grupamento. Tal fato pode variar conforme se perceba o valor dessa prática para a fomentação

da coesão grupal e fortalecimento dos laços de camaradagem entre aqueles que “gritam juntos um mesmo grito”

Para o presente estudo, inicialmente, selecionamos 30 (trinta) gritos de guerra, assim distribuídos:

CURSO	GRITOS DE GUERRA
Básico	17
Avançado	5
Infantaria	2
Cavalaria	1
Artilharia	1
Engenharia	1
Comunicações	1
Material Bélico	1
Intendência	1

Figura 3.4: Distribuição dos gritos de guerra do *corpus* entre os cursos

Aparentemente o quadro acima pode dar a impressão de que houve uma desproporção na seleção dos gritos de guerra junto aos variados cursos. Na verdade, o critério inicial que utilizamos foi exatamente o da proporcionalidade. No Curso Básico, há um uso muito mais intenso dessa prática discursiva. Nas mais variadas ocasiões, seja nas apresentações dos grupamentos aos comandantes, seja no avançar ao rancho (quando em forma, os cadetes deslocam-se para o café da manhã, para o almoço e para o jantar), os grupamentos do Curso Básico estão sempre lançando os seus gritos de guerra. Curiosamente, no avançar ao rancho, esse Curso é o único a lançar seus gritos de guerra. Por sua vez, o Curso Avançado também teve mais gritos de guerra selecionados haja vista o número também grande de grupamentos em que se subdivide, entre companhias e pelotões, embora, em relação ao Curso Básico, faça uso mais moderado de gritos de guerra, ou seja, em menos situações. Por último, o Curso de Infantaria teve mais gritos de guerra selecionados, em comparação a outros, por corresponder, dentre os cursos das Armas, Quadro e Serviço, ao de maior efetivo. Nas formaturas, por exemplo, enquanto Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Comunicações, Material Bélico e Intendência desfilam com seus cadetes, tanto do 3º quanto do 4º ano, em um único

grupamento, a Infantaria desfila com dois grupamentos, sendo um composto pelos cadetes do 3º ano e outro composto pelos cadetes do 4º ano.

Se um primeiro critério para seleção dos gritos de guerra foi, como já dito anteriormente, o da proporcionalidade de uso desse recurso linguístico pelos vários cursos, utilizamos um outro critério nessa segunda etapa para definição do corpus, o que explicará o porquê de o grito de guerra de alguns pelotões, companhias ou cursos não comporem o corpus final. Esse segundo critério relaciona-se ao que podemos chamar de nível de informatividade apresentado pelos textos. Isso significa dizer que foram selecionados aqueles que nos pareceram mais significativos por conterem informações que melhor identificassem o grupamento e que mais revelassem o espírito militar reinante por trás dos gritos de guerra.

Seguindo-se os dois critérios comentados anteriormente, o nosso *corpus* resultou na seguinte constituição:

Texto 1

Básico!
Leões de guerra!
Brasil!

1ª Companhia do Curso Básico

Texto 2

E a Primeira!
Na paz
Na guerra
Na ponta do fuzil
Primeira de Guerra
Primeira do Brasil
Tropa de elite
Que cumpre a missão
Conquista do inimigo
A nobre posição
Suor estampado
Com raça e vibração
Inimigo derrotado pelas garras do leão
Primeira de Guerra
Brasil!

1ª Companhia do Curso Básico

Texto 3

Leões!
Além do dever − de guerra!

1ª Companhia do Curso Básico

Texto 4

Básico!
Pantera!
Brasil!

2ª Companhia do Curso Básico

Texto 5

Homens fortes e arrojados
Sempre prontos a lutar
O fuzil contra o inimigo
E o invasor hostilizar
Pátria! Avante!
Entrego a alma, meu suor e vibração
Sem temer a vida insana
Com amor pela nação
Pantera! Brasil

2ª Companhia do Curso Básico

Texto 6

Básico!
Águia!
Brasil!

3ª Companhia do Curso Básico

Texto 7

Águia, ao combate!
A Pátria ameaçada
Amigo o meu fuzil
Cadetes da Guerreira
Lutarão pelo Brasil
Seu peito, uma couraça
Seu avanço, um furacão
Sai da frente
Que a Terceira vai cumprir sua missão!

3ª Companhia do Curso Básico

Texto 8

Básico!
Chivunk![7]
Brasil!

4ª Companhia do Curso Básico

Texto 9

É fibra!
Fibra, coragem, vontade de lutar
O guerreiro canguçu da selva surgirá
Na mata, ataca, cumpre sua missão
Quando avista o inimigo, Canguçu[8] entra em ação
Com garra, sem medo, pronto pra avançar
Se camufla no terreno pro inimigo emboscar
Canguçu! Selva! Brasil!

4ª Companhia do Curso Básico

---

[7] Segundo consta na cultura oral da caserna, o termo "chivunk" significa "dar o gás final" (fazer um esforço final) perante um desafio e teria sido usado pelos paraquedistas alemães.

[8] onça pintada

Texto 10

À Pátria!
Tudo se dá
Nada se pede
Nem mesmo compreensão!

3º Pelotão do Curso Básico

Texto 11

E o pantaneiro!
É raça, é força, é fibra e lamaçal
Vibração e muita garra pra lutar no Pantanal
Pantaneiro!
Brasil!

4º Pelotão do Curso Básico

Texto 12

Vida!
Combate!
Trabalho!
Selva!

5º Pelotão do Curso Básico

Texto 13

Avante, guerreiros!
Na selva e no perigo
Protege a Amazônia contra o ataque do inimigo
Manitu![9]
Selva!

5º Pelotão do Curso Básico

---

[9] Termo pelo qual os índios algonquines da América do Norte, designam um espírito, uma força mágica inerente a todas as coisas, pessoas, fenômenos naturais, etc.

Texto 14

Maldito![10]
Sem dor não há glória!

6º Pelotão do Curso Básico

Texto 15

Sozinhos somos fortes
Unidos, imbatíveis
O que chamam de inferno
Nós chamamos de lar
Marupiara![11]
Selva!

7º Pelotão do Curso Básico

Texto 16

Em meio à mata densa
Um charco e lamaçal
Um pelotão de selva
Vem com fibra e moral
Com raça, com força
E determinação
É o Nono Pelotão que vai cumprir sua missão
Jaguatirica!
Selva!

9º Pelotão do Curso Básico

---

[10] Termo empregado representando o modo como o grupamento é percebido pelo inimigo.

[11] Entidade indígena lendária da Amazônia.

Texto 17

Onça, ao ataque!
Décimo Segundo é muito duro de enfrentar
Com o lanço da onça todo tempo a caçar
Coragem! Vontade! Fibra e União
É o guerreiro da selva cumprindo qualquer missão
A selva! A onça! Caçadores a emboscar
A tropa inimiga que tenta avançar
Onça! Chivunk! Brasil!

12º Pelotão do Curso Básico

Texto 18

Avançado!
Pioneira!
Brasil!

1ª Companhia do Curso Avançado

Texto 19

Ousada!
Unidos, coesos, fortes

2ª Companhia do Curso Avançado

Texto 20

Avançado!
Ousada!
Brasil!

2ª Companhia do Curso Avançado

Texto 21

Avançado!
Intrépida!
Brasil!

3ª Companhia do Curso Avançado

Texto 22

Avançado!
Intrépida!
Brasil!

4ª Companhia do Curso Avançado

Texto 23

Infantaria!
Arranca-Toco!
Brasil!

3º Ano do Curso de Infantaria

Texto 24

Infantaria!
Treme-Terra![12]
Brasil!

4º Ano do Curso de Infantaria

Texto 25

Cavalaria!

Curso de Cavalaria

Texto 26

Artilharia!
Poderosa!
Brasil!

Curso de Artilharia

---

[12] Treme-Teme e Arranca-Toco são, respectivamente, a alcunha do 12ºe do 13º Batalhões de Infantaria, orgânicos da 3ª Divisão de Infantaria (a Divisão Encouraçada), comandada pelo Brigadeiro Sampaio na Campanha da Tríplice Aliança (1864-1870).

Texto 27

Engenharia!
Ao braço, firme!

Curso de Engenharia

Texto 28

Intendência!
Suprir, lançar, servir!

Curso de Intendência

Texto 29

Material Bélico!
Brasil!

Curso de Material Bélico

Texto 30

Comunicações!
Arma do comando!
Brasil!

Curso de Comunicações

Por fim, julgamos que a análise dos gritos de guerra que compõem o presente *corpus* de pesquisa nos forneça uma ideia precisa das questões abordadas, uma vez que, como veremos, os textos apresentam composições que seguem uma regularidade própria desse gênero. Na prática da caserna, um grito de guerra utilizado no processo de formação de cadetes tornar-se-á modelo para outros gritos de guerra. Futuramente, quando esses cadetes, já oficiais, ocuparem posições hierárquicas mais avançadas e estiverem em comando de frações, novos gritos de guerra serão criados seguindo-se o modelo com o qual tiveram contato no passado, o que resulta no alto índice de regularidade desse gênero. Podemos dizer, também, que essa regularidade, de um modo geral, reflete a própria estandardização dentro do Exército

de valores e de procedimentos, o que pode ser visto como o culto às tradições, prática muito difundida no meio militar.

4 UMA VISÃO DIACRÔNICA DOS GRITOS DE GUERRA

Para melhor compreendermos a natureza dos gritos de guerra, como um gênero discursivo particular do ambiente militar, será necessário, primeiramente, compreendermos o modo como esse gênero se insere através dos tempos nas práticas sociais relacionadas à guerra. Tal investigação terá grande pertinência neste trabalho tendo em vista percebermos, de um modo até mesmo intuitivo, que o contexto de uso dos gritos de guerra sofreu alterações e que, como resultado, é distinta a função desse gênero nas relações sociais de agora em contraste com sua função em um passado já remoto. Isso se explica por considerarmos que as formas pelas quais os homens de outrora decidiam suas desavenças nos campos de batalha não são as mesmas empregadas nos tempos atuais, época marcada por grandes "avanços" nos modos de se guerrear.

4.1 Gritos de Guerra: o Passado

Um meio de compreendermos mais claramente as práticas sociais presentes nas sociedades modernas é compreendermos como elas ocorriam em outros tempos, em que imperavam outros modos de vida e outros modos de se perceber o mundo. E este será nosso propósito nesta seção de nossa pesquisa.

Para uma análise diacrônica dos gritos de guerra, utilizaremos como ponto de partida a seguinte definição:

> g. de guerra 1 MIL exclamação que outrora emitiam os soldados em combate e que por vezes era inscrito sobre as armas.
>
> Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2001, p.1485.

Nessa definição, merece destaque a expressão *que outrora emitiam os soldados em combate*, que define o grito de guerra como uma prática que, efetivamente, era de uso comum nos campos de batalha, no passado. De fato, a literatura é bastante rica em relatos dessa

prática em épocas remotas, em momentos em que os homens se encontravam diante de situações extremas de luta. Tais relatos nos levam a entender que os gritos de guerra representavam um elemento indissociável dos enfrentamentos ocorridos nos campos de batalha, como sugerem os fragmentos abaixo, extraídos de fontes diversas:

- *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu:

> "Em situações de defesa, cales as vozes e elimine os cheiros, escondidos como fantasmas e espíritos sob terra, invisíveis para todo o mundo. Em situações de ataque, vosso movimento é rápido e **vosso grito fulgurante**, veloz como o trovão e o relâmpago, para que teus adversários não possam se preparar, mesmo que venham do céu." (pág. 27, grifos nossos)

- *A legião de Júlio César*: *a saga épica da Décima Legião da elite de Júlio César e dos Exércitos de Roma,* de Dando-Collins:

> "Fazia poucos minutos que a legião tinha começado a trabalhar, quando lanças começaram a cortar o solo ao redor dos pés dos soldados que estavam curvados e trabalhando mais perto dos bosques. Momentos depois, **com gritos aterrorizantes de guerra, milhares de bretões saíram do bosque, brandindo suas armas e atrás do sangue romano**." (p. 57, grifos nossos)

- *Estudo histórico sobre a guerra antiga: antes das armas de fogo*, de João Batista Magalhães:

> Os tebanos, de seu lado, ficavam à direita e os argianos à esquerda. Os dois exércitos movem em completo silêncio, mas, chegado à distância de uma estádia, **os tebanos soltam um grito** e lançam-se para frente. (pág. 62, grifos nossos)

- *Ilíada*, de Homero:

> "A voz de Heitor, matador de homens, porém, se faz ouvir, gritando ordens aos troianos, e estes cobrem toda a planície **com seu grito de guerra**, ao vencerem os aqueos em combate." (Livro XVI, pág. 174, grifos nossos)

- *Bíblia Sagrada*:

> "Davi madrugou, deixou o rebanho aos cuidados de um guarda, apanhou a carga e se pôs a caminho, como Jessé lhe tinha ordenado. Quando chegou ao entrincheiramento, o exército estava saindo para ocupar as posições e **lançavam o grito de guerra**. Os israelitas e os filisteus se puseram em ordem de batalha, uns frente aos outros" (I Samuel 17, 20-21, grifos nossos)

- *Rubicão*, de Tom Holland:

> "Invadindo as trincheiras, eles se atiraram em grande número contra os romanos, **de cuja retaguarda vinham os gritos de guerra dos soldados de Vercingetórix**. Os legionários, encurralados, lutaram desesperadamente. Ambos os lados sabiam que aquele era o momento decisivo." (p. 296, grifos nossos)

Como se pode verificar, os gritos de guerra caracterizavam-se como enunciados que marcavam uma situação em que o confronto e o choque ocorriam ou eram iminentes. Em outros termos, era um anúncio do início de um acontecimento que requeria uma atitude

imediata e decisiva dos contendores. Por uma outra perspectiva, os gritos de guerra também podiam marcar o fim triunfal de uma batalha.

Com o intuito de não nos restringirmos à apreciação de fragmentos isolados e tornarmos mais claro o papel dos gritos de guerra nos combates antigos, buscamos aplicar os postulados teóricos e metodológicos da Linguística de Corpus em nossa investigação. Mais especificamente, utilizamos o WordSmith Tools, tendo em vista tratar-se de uma ferramenta facilitadora na análise de *corpora*, para viabilizar nossa busca pelos dados que nos seriam relevantes.

Selecionamos para esta análise o Antigo Testamento e a Ilíada, pois, das obras referenciadas acima e em cujos textos já tínhamos verificado a presença de gritos de guerra em narrações e/ou descrições de batalhas, essas já se encontravam disponibilizadas em formato digitalizado. Embora já soubéssemos da referência a gritos de guerra nos textos bíblicos e na narrativa de Homero, a análise com o WordSmith Tools tornou-se importante para que fosse possível traçarmos um perfil dos cenários de guerra, explicitando o modo como os gritos de guerra estavam inseridos nos contextos. Assim, utilizamos o *Concord* para buscar as concordâncias, ou seja, as "listagens das ocorrências de um item específico (chamado termo de busca ou nódulo, que pode ser formado por uma ou mais palavras) acompanhado do texto ao seu redor (o co-texto)". (BERBER-SARDINHA, 2006: 87).

Nesta pesquisa, colocamos como termo de busca a expressão "*de guerra*", tendo em vista que, dessa forma, nos seriam apresentadas tanto as ocorrências de "grito de guerra" como as de "gritos de guerra", incluindo assim tanto as expressões singularizadas quanto as pluralizadas. Indicamos também que na análise fosse destacado um colocado (palavra perto do termo de busca) à esquerda. Com a relação concluída, totalizando 74 concordâncias, excluímos da lista aquelas cujas palavras à esquerda do nódulo aparecessem em uma frequência menor que três, objetivando eliminar ocorrências pouco relevantes que nada acrescentariam à pesquisa. A tela abaixo nos mostra o resultado final obtido com o Antigo Testamento, em um total de 48 concordâncias que permaneceram após o nosso processo de depuração:

N	Concordance	Set Tag	Word No.	File	%
N	Concordance	Set Tag	Word No.	File	%
1	abilônia, foi o martelo, a minha arma de guerra: contigo martelei nações,		514.820	1\abibli~1.doc	56
2	ara ele, a fabricarem para ele armas de guerra e as peças dos seus carr		172.945	1\abibli~1.doc	19
3	valentes! Como pereceram as armas de guerra! >II Samuel [2] 1. Depois		190.434	1\abibli~1.doc	21
4	mansão dos mortos com as armas de guerra, com a espada debaixo d		545.576	1\abibli~1.doc	60
5	Cada um de vocês pegou em armas de guerra, como se fosse coisa fáci		109.935	1\abibli~1.doc	12
6	inos das nações. Derrubarei o carro de guerra com o seu condutor; cava		592.221	1\abibli~1.doc	65
7	quilos de prata, para comprar carros de guerra e cavaleiros arameus da		261.174	1\abibli~1.doc	28
8	jumenta. 10. Ele destruirá os carros de guerra de Efraim e os cavalos de		595.484	1\abibli~1.doc	65
9	está cheio de cavalos, seus carros de guerra não têm conta; 8. seu paí		446.506	1\abibli~1.doc	49
10	com um exército imponente, carros de guerra e elefantes, cavalaria e m		599.887	1\abibli~1.doc	66
11	aliadas, todos montados em carros de guerra, formando um grande exé		550.105	1\abibli~1.doc	60
12	rte se lançará contra ele com carros de guerra, cavalos e numerosos nav		569.598	1\abibli~1.doc	62
13	aram, assim, trinta e dois mil carros de guerra, além de contratarem o re		261.194	1\abibli~1.doc	28
14	e vinte elefantes, cavalaria e carros de guerra, além de numerosa infant		609.154	1\abibli~1.doc	67
15	o Eufrates. 4. Tomou dele mil carros de guerra, sete mil cavaleiros e vint		260.643	1\abibli~1.doc	28
16	eus comandantes e todos os carros de guerra, Jorão atravessou a fronte		279.557	1\abibli~1.doc	30
17	i desaparecer todos os seus carros de guerra. 10. Destruirei as cidades		586.371	1\abibli~1.doc	64
18	alha. 37. Em seguida, lançou o grito de guerra na língua materna e, cant		632.566	1\abibli~1.doc	69
19	e Judá se levantaram, deram o grito de guerra e se puseram a perseguir		180.519	1\abibli~1.doc	20
20	broso, 16. dia da trombeta e do grito de guerra contra os castelos fortific		590.188	1\abibli~1.doc	64
21	os homens de Judá lançaram o grito de guerra e, enquanto eles gritavam		275.306	1\abibli~1.doc	30
22	itos, e disse a Moisés: "Há um grito de guerra no acampamento!" 18. M		54.973	1\abibli~1.doc	6
23	contra ele. Mas Josafá deu o grito de guerra 33. e os comandantes do		228.634	1\abibli~1.doc	25
24	todo o Israel lançou um grande grito de guerra, e a terra tremeu. 6. Os fil		170.700	1\abibli~1.doc	19
25	Então meus pobres lançaram o grito de guerra, e eles ficaram assustado		323.767	1\abibli~1.doc	35
26	es, dá ordem de atacar, solta o grito de guerra, coloca os aríetes contra		537.899	1\abibli~1.doc	59
27	escutei o som da trombeta e o grito de guerra. 20. Anunciam derrota so		481.957	1\abibli~1.doc	53
28	para tomar posição e lançava o grito de guerra. 21. Israelitas e filisteus e		179.683	1\abibli~1.doc	20
29	enado ao povo: "Não lancem o grito de guerra. Fiquem em silêncio. Não		136.751	1\abibli~1.doc	15
30	rombeta, todo o povo lançará o grito de guerra: as muralhas da cidade vi		136.613	1\abibli~1.doc	15
31	queimarei seus palácios, com gritos de guerra no dia da batalha, como v		579.375	1\abibli~1.doc	63
32	de Javé - quando eu farei ouvir gritos de guerra em Rabá, capital de Amo		512.162	1\abibli~1.doc	56
33	s de uma terra distante e dão gritos de guerra contra as cidades de Jud		481.866	1\abibli~1.doc	53
34	rrer em meio ao barulho, entre gritos de guerra e ao som da corneta; 3. e		579.450	1\abibli~1.doc	63
35	rreiro acende seu ardor; solta gritos de guerra, mostrando-se forte contr		466.394	1\abibli~1.doc	51
36	vam ao som das trombetas e gritos de guerra. 26. Os de Judas, ao cont		635.566	1\abibli~1.doc	70
37	, as ordens de comando e os gritos de guerra. 26. Será pela sabedoria		347.236	1\abibli~1.doc	38
38	Galaad e Basã, pois ele era homem de guerra. 2. Aos outros filhos de M		144.378	1\abibli~1.doc	16
39	. 13. Cerca de quarenta mil homens de guerra, armados, atravessaram à		135.808	1\abibli~1.doc	15
40	ia. Vocês, porém, todos os homens de guerra, atravessarão o Jordão be		134.273	1\abibli~1.doc	15
41	stabeleceu como chefe dos homens de guerra. Ele era estimado por tod		180.783	1\abibli~1.doc	20
42	verso, que sem aríetes ou máquinas de guerra derrubou os muros de Jeri		631.942	1\abibli~1.doc	69
43	s judeus também fizeram máquinas de guerra que combatiam as do rei,		607.545	1\abibli~1.doc	66
44	com bravura. Dentro havia máquinas de guerra e muitos projéteis. 28. Ap		632.345	1\abibli~1.doc	69
45	muitos dias. Construíram máquinas de guerra, mas os judeus saíam da		607.026	1\abibli~1.doc	66
46	to, carregando escadas e máquinas de guerra, para conquistar a fortalez		605.377	1\abibli~1.doc	66
47	-a, e construiu contra ela máquinas de guerra. 15. Nela se encontrou u		406.157	1\abibli~1.doc	44
48	s com aríetes, com suas máquinas de guerra. 10. A multidão de seus c		541.371	1\abibli~1.doc	59

Figura 4.1: Tela do Concord: ocorrências de “de guerra”

Como podemos constatar, sobressai nessa ralação o predomínio das palavras *arma(s), carro(s), grito(s), homem(ns)* e *máquina* em conjunto com a expressão *de guerra*. Os dados, somados ao conhecimento que já tínhamos dos modos como eram travadas as batalhas, levam-nos a acreditar que, verdadeiramente, havia uma forte inserção desses elementos no contexto das guerras.

Do levantamento dos colocados no Antigo Testamento, temos as seguintes proporções:

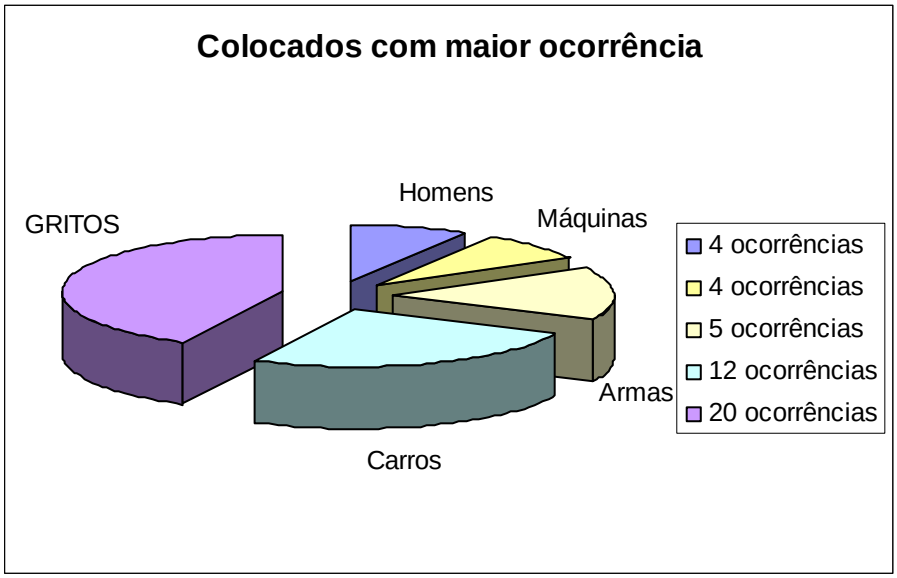


Figura 4.2: Proporções observadas no Antigo Testamento

Evidencia-se também que as expressões grito/gritos de guerra apresentam uma recorrência muito superior às outras expressões, o que nos leva a inferir que os gritos de guerra representavam um papel incisivo nas guerras, que possuíam caráter identificador dos confrontos e que eram elemento caracterizador do comportamento dos homens diante das inexoráveis imposições da vida guerreira. Eram, portanto, situações em que "homens de guerra" ocupavam o terreno de combate com suas armas e suas máquinas, ainda rústicas, como arcos, flechas, lanças, espadas, foices, catapultas, bigas etc, e lançavam-se uns contra os outros em uma cacofonia de gritos de guerra, expressão muito sugestiva usada por Dando-Collins (2006, p. 142) em seu singular relato dos feitos da legião de Júlio César.

Análise semelhante foi feita com a Ilíada, de Homero. Contudo, utilizando o WordSmith Tools, em duas buscas iniciais, com as expressões "grito de guerra" e "gritos de guerra", foram encontradas apenas duas ocorrências: "...dura refrega se trava elevando-se o

grito de guerra" (Canto XX) e "...só pelos gritos de guerra e sangrentos combates ansiava" (Canto I). Esse resultado inicial trouxe-nos dúvidas quanto ao uso efetivo de gritos de guerra nos combates, levando-nos a questionar até mesmo os resultados obtidos anteriormente. Para onde teriam ido os gritos de guerras?

Partindo da premissa evidenciada na análise feita do **Antigo Testamento** de que os gritos de guerra tinham uma participação intensa nas batalhas do passado, lançamos mão de outra estratégia: passamos a buscar esses gritos não na forma direta da expressão "grito de guerra", mas em outras palavras que pudessem revelar a ocorrência dos gritos de guerra que marcaram os vários combates travados entre os exércitos gregos e troianos. Dessa forma, fizemos a concordância com as palavras **grito**, **gritos**, **gritando**, **gritaria**, **brado** e **alarido**, assinalando um colocado à esquerda e um à direita do nódulo, com o objetivo de destacar os caracterizadores do termo de busca. As figuras abaixo mostram as concordâncias encontradas:

N	Concordance
1	muros". Pós ter falado, se pôs a correr, levantando alto grito. Com alarido que soem fazer nove ou dez mil guerr
2	smo, sentiu-se animada. Como falcão de amplas asas e grito estridente, atirou-se do céu a deusa pelo éter. E, e
3	va aos Aqueus de cavalos velozes, dando um fortíssimo grito, a coragem no peito dos Dânaos amolecia, esqueci
4	s as lanças calaram; dura refrega se trava elevando-se o grito de guerra. Chega-se, então, Febo Apolo para o íncl
5	tremeram os homens aquivos e teucros, tão formidável o grito do deus insaciável da guerra. Tal como fica todo o
6	. Ajaz forte, pastor de guerreiros, vem-me aos ouvidos o grito do forte e constante Odisseu, como se em grande
7	ogo, violentamente o jogou para longe, no meio do povo. Grito estridente solta a águia, partindo com o sopro do v
8	meiro a saltar o alto muro. Para os Troianos voltando-se, grito eshidente lhes manda: "Acometei, valorosos Troian
9	o vôo passou-lhe pela direita. Os Aqueus levantaram um grito de júbilo, encorajados. Heitor lhe responde, o alto fi
10	doneu, rei dos vastos domínios subtérreos,e, dando um grito, do trono saltou, receando que a terra sobre ele o d
11	sse a morrer o divino Pelida nos torvelinhos revoltos, um grito emitiu, angustiada, e para o filho amantíssimo, Hef
12	fez que a força impetuosa perdesse. Idomeneu solta um grito exultante, e em voz alta prorrompe: "Não te parece
13	omo os homens, que deuses eternos lhe chamam. Um grito solta Afrodite, deixando cair logo o filho. No mesm
14	desprezada, Hera, de cândidos braços, parou, dando um grito terrível, sob a flgura de Esténtor, o herói de voz brô

Figura 4.3: Tela do Concord: ocorrências de "grito"

N	Concordance
1	ndo, adiantou-se; seguiram-no os chefes preclaros com altos gritos: a tropa os imita com grande alarido. Grande alvoroço,
2	ber que não tinha outra lança, aturdido se mostra, e em altos gritos chamou pelo irmão de pavês reluzente, para pedir-lhe
3	e da chaga. Corta através das fileiras da frente, soltando altos gritos, em bronze fúlgido envolto, qual chama terrível de Hefe
4	ndezas do mar, onde ao lado do pai se encontrava. Em altos gritos prorrompe; cercaram-na, logo, afanosas, todas as deus
5	admirável. Os nove filhos o velho chamava, dando ordens, aos gritos: "Sus, preguiçosos, vergonha dos pais! Quem me dera
6	am, guiando os corredores velozes dos carros de guerra, com gritos atroadores. à frente de todos, Apolo sem custo com o
7	e Heitor, os guerreiros aquivos, de combater esquecidos, com gritos atroantes debandam. Não poucas armas formosas, do
8	do belo penacho. Como debanda uma nuvem de gralhos, com gritos atroantes, ou de estorninhos bulhentos, se ao longe u
9	am,coração palpitante, com o fito na grata vitória. Todos com gritos os fortes corcéis animar procuravam, que pelo plaino s
10	arapeito trançado. O corcel da direita procura estimulá-lo com gritos, soltando-lhe a rédea vistosa; mas que o da esquerda p
11	ega-se para o guerreiro, que fundo gemia a divina mãe; dando gritos agudos de dor, abraçou-lhe a cabeça, e entre lamento
12	rói se infundiu, invadindo-lheos membros força e vigor. Dando gritos de júbilo, vai para o meio dos companheiros ilustres, a
13	sse receoso do ímpeto grande dos Teucros, nem mesmo dos gritos que davam. Firmes, quedamm-se à espera, qual nuve
14	maquinando. Golpes desfecha por todos os lados; gemidos e gritos soltam os Teucros feridos e as águas se tingem de sa
15	obre os cavalos elevam, no dorso as rédeas lhes batem e em gritos ardentes prorrompem, para animá-los; velozes, os brut
16	a força confiado, ora, de um salto, cortava o tumulto, ora, em gritos horrfssonos,se conservavaparado, sem nunca recuar d
17	serva, que o hálito a nuca de Ajaz alcançava; os Aquivos, em gritos,mais, ainda o brio espicaçam do herói desejoso de glóri
18	bem perto do seio, mas na coiraça partiu-se; os Troianos em gritos prorrompem. O ínclito Heitor, por sua vez, joga a lança
19	formações, também, densas, o ataque os Aquivos esperam. Gritos elevam-se de ambas as partes; os arcos despedem se
20	gueira, o companheiro querido chamou pelo nome, gemendo. Gritos e grande tumulto se eleva da parte dos Teucros, que,
21	gendo-o com a lança e o broquel bem redondo, com grandes gritos de morte ameaçando os imigos que ousavam aproxima
22	e os Troianos que estavam na frente recuaram. Com grandes gritos, então, os Acaios os corpos arrastam de Forco e Hipót
23	uiles de encontro aos Troianos, vestido de força, com grandes gritos, estreando-se logo no claro Ifitíone, o valoroso Atrintida,
24	divo Aquiles, entanto, se foi pela praia mazinha, com grandes gritos fazendo espertar os guerreiros aquivos. Té mesmo os h
25	furioso contra ele sacando da espada pontuda, com grandes gritos. O filho de Anquises, então, uma pedra nas mãos tomo
26	essoa-lhe à volta a armadura de bronze lavrado. Com grandes gritos os homens da Acaia para ele acorreram, certos de o c
27	r entre as filas dos seus, e sobre eles lançou-se com grandes gritos seguido por muitas falanges troianas, irresistíveis; Enió
28	e, alfim, consigamos nos pôr a caminho". Atordoados com os gritos de Príamo, os filhos se apressam, indo buscar a caleç
29	tros; estrépito enorme se eleva da pugna. Dos vencedores os gritos de júbilo se ouvem e as queixas dos que tombavam ve
30	a ao redor do cadáver. Era indizível o es ondo das armas e os gritos dos homens. Noite funesta Zeus grande estendeu sobr
31	sse, nenhum o escutava. Grande, demais, era o estrépito; os gritos o Céu atingiam. Ruídos ouviam-se de elmos batidos, d
32	em tomar parte nas lutas. Ralado de fundo despeito, só pelos gritos de guerra e sangrentos combates ansiava. Quando a d
33	re o leito que os mulos traziam. Soam por toda a cidade seus gritos e tristes lamentos: "Vinde, Troianos e Teucras, a Heito
34	o seio o recolheu, que assaz medo sentia do herói com seus gritos. Mas, depois disso, contra ele irntaram-se os deuses f
35	s velozes, dessa maneira, saltava. Até o éter chegavam seus gritos, pois não parava de os fortes Aqueus incitar, atroante,

Figura 4.4: Tela do Concord: ocorrências de “gritos”

N	Concordance
1	, obedece. Salta Heitor, logo, do carro, na bela armadura, gritando terrivelmente, e, apanhando uma pedra do chão, p
2	Aquivos,só desejando matar nos Troianos, que, em fuga e gritando, em debandada as estradas enchiam. Remoinhos
3	abraçá-lo. Mas teve medo a criança do aspecto do pai; e, gritando, ao seio da ama acolheu-se, de bela cintura. Estr
4	ue fim à contenda pusesse. O povo à volta, tomava partido, gritando e aplaudindo. A multidão os arautos acalmam; no

Figura 4.5: Tela do Concord: ocorrências de “gritando”

N	Concordance
1	itiadores que estavam reunidos em junta, ao ouvirem a gritaria do assalto aos rebanhos, depressa abalaram
2	entrementes, a Heitor protegia dos tiros, da poeira, da gritaria terrível, do sangue e da luta funesta. Segue-o,
3	trouxe". Isso disse ele; os Aqueus prorromperam em gritaria estrondosa,de assentimento às palavras do for
4	epois nas carretas. O grande Príamo, entanto, proibiu gritaria ; em silêncio, o coração angustiado, às fogueir

Figura 4.6: Tela do Concord: ocorrências de “gritaria”

N	Concordance
1	cercada por cruel inimigo: soa, desta arte, bem claro, o alto brado do Eácida ilustre. Ficam tomados de medo os Troiano
2	po. Aí pára a deusa, afinal, emitindo som alto e estridente; brado horroroso, que foi despertar nos guerreiros aquivos o ir
3	dos nobres Acaios. Quanto a cabeça comporta, três vezes o brado ele solta; por vezes três, Menelau percebeu-lhe o afliti
4	selhos de Tétis. Aí se detevee gritou, reforçando-lhe Palas o brado, que nos guerreiros troianos terror indizível espalha. C
5	lancemos o fogo divino". Isso disse ele, na orelha de todos o brado rimbomba. Cheios de brio, formados em corpo, atirara
6	a as naus retornasse; indignado em excesso se achava. Um brado, então, atroante soltou, dirigindo-se aos Dânaos: "Vós
7	r-se entre os seus companheiros, da morte escapando, e um brado, então, atroante, soltou, dirigindo-se aos Dânaos: "Vó

Figura 4.7: Tela do Concord: ocorrências de “brado”

N	Concordance
1	Pós ter falado, se pôs a correr, levantando alto grito. Com alarido que soem fazer nove ou dez mil guerreiros de uma
2	s Troianos dardos acerbos lhe atiram em meio de enorme alarido. quando aos sócios chegou, volta a olhar o inimigo
3	ue havia na tenda. Na luta os outros prosseguem; enorme alarido se eleva. Teucro, primeiro que todos, prostrou a u
4	s Lícios guerreiros. Chocam- se as hostes imigas; enorme alarido se eleva. O grande Ajaz Telamônio a um dos Troa
5	uerreiro preclaro. Contra a muralha bem feita, com grande alarido, avançavam os inimigos, que no alto os paveses re
6	-se os Dânaos em fuga para os navios, no meio de grande alarido. Canto XIII Logo que Zeus fez Heitor e os Troia
7	s, se curvam: a multidão correu logo, revolta, com grande alarido, em direção dos navios velozes. Bastante poeira
8	s preclaros com altos gritos: a tropa os imita com grande alarido. Grande alvoroço, também, entre os Dânaos se el
9	ta das ondas alteia; e o Simoente chamando, com grande alarido lhe fala: "Vamos, irmão predileto, reunidas as forç
10	nte impetuosa; alto os barrancos retumbam e, em grande alarido, os Troianos, desorientados, bracejam nos torvos r
11	ntão, segurando o cadáver, no alto o elevaram. Em grande alarido os Troianos prorrompem, ao perceberem que os
12	em de um lado para outro, Té se assentarem com grande alarido, que o prado estremece: número infindo de heróis,
13	muro tomavam e que os Acaios fugiam no meio de grande alarido, solta um suspiro e, com as mãos espalmadas na
14	os Dânaos que dos navios irrompem, no meio de grande alarido. Tal como quando faz Zeus fulgurante afastar-se d
15	es e de abutres". Disse; os Argivos romperam em grande alarido, tal como quando vem onda quebrar-se, por Noto i
16	os argivos; os contendores se chocam no meio de grande alarido. Tão fortemente não bramam as ondas nas praias
17	os de carro dano produzem recíproco em meio de grande alarido". Tendo assim dito, os cavalos de crina tratada est
18	iam. Heitor e os Troianos, nessa hora, com sobre- humano alarido, atiraram- lhe setas pungentes. Em grandes brados
19	na armadura de bronze envolvidos, se precipitam; imenso alarido antes da alva se eleva. Muito mais cedo que os ca
20	am e as naus dos espeques libertam. Sobe ao Céu alto o alarido dos que para casa voltavam. E para a pátria talvez
21	s, em fuga se foram, tão baralhada é a peleja, atingindo o alarido o céu alto. Deliberemos, entanto, o que importa fa
22	pinhava, os que lutavam de carro e os peões; era grande o alarido. Quando os imigos exércitos vieram, num ponto, a
23	arma extrai; Ares brônzeo soltou tão grande urro como o alarido que soem fazer nove ou dez mil guerreiros, de um
24	o Olimpo altanado.Entrementes, os Dâna com prodigioso alarido, de Heitor homicida fugiam em direção do Helespo

Figura 4.8: Tela do Concord: ocorrências de “alarido”

A lista produzida pelo WordSmith Tools totalizou 88 situações, contudo, como se tratava de termos de sentido muito abrangente, nem todas, certamente, seriam representações dos gritos de guerra pelos quais procurávamos.

Em uma segunda etapa, passamos a analisar cada ocorrência, com vistas a distinguir das 88 aquelas que fossem revelações de gritos de guerra. Essa busca nos fez chegar a um total de 18 situações, da quais foram evidenciadas três com o termo *grito*; seis com *gritos*; uma com *gritando*; três com *brado*; e cinco com *alarido*. Com relação aos termos brados e gritaria, consideramos que nenhuma das ocorrências caracterizou-se como *grito de guerra*.

Nas ocorrências selecionadas, colocamos em destaque o nódulo, ou seja, a palavra de pesquisa, os caracterizadores dos gritos de guerra e as circunstâncias que os particularizavam,

que os evidenciavam como algo próprio dos campos de batalha. Os quadros abaixo mostram as ocorrências assim identificadas.

GRITOS DE GUERRA EM ILÍADA	
CONCORDÂNCIAS	
Canto XIV	"Dentro de pouco hão de príncipes Teucros e seus conselheiros de poeira o plaino cobrir; hás de ver com teus olhos como eles as naus e as tendas nos deixam, correndo em demanda dos muros". Pós ter falado, se pôs a correr, levantando alto GRITO. Com ALARIDO que soem fazer nove ou dez mil guerreiros de uma só vez quando se acham travados em dura batalha, o abalador poderoso, desta arte, soltou do imo peito a VOZ pujante, insuflando vigor nos guerreiros aquivos, para que firmes lutassem e a luta até o fim conduzissem.
Canto XV	Enquanto Apolo nas mãos sustentava o terrível escudo, dardos se cruzam recíprocos, gente incontável perece; logo porém, que o mostrava aos Aqueus de cavalos velozes, dando um fortíssimo GRITO, a coragem no peito dos Dânaos amolecia, esquecidos deixando-os da força extremada.
Canto XX	Os Teucros Heitor belicoso estimulava, dizendo que iria sair contra Aquiles: "Teucros magnânimos, não reveleis medo algum do Pelida. Só com palavras, até contra os deuses eu próprio lutara; mas com a lança é impossível, porque são bem mais poderosos. Não poderá, certo, Aquiles, fazer tudo quanto promete; de umas coisas fazer, deixando outras a meio caminho.Vou-lhe ao encontro, e fora, ainda que mãos como fogo possuísse e vigor como o ferro luzente". Isso disse ele, animando-os; os Teucros as lanças calaram; dura refrega se trava elevando-se o GRITO de GUERRA.
Canto XI	Aí pára a deusa, afinal, emitindo som alto e estridente; BRADO horroroso, que foi despertar nos guerreiros aquivos o irresistível desejo de à luta, sem pausa, entregarem-se. Para eles todos, realmente, mais doce era, então, dar combates do que voltar para a pátria querida nas côncavas naves.
Canto XVIII	...chega até o éter, assim, o esplendor da cabeça de Aquiles, que, tendo o muro deixado, avançou para o fosso apartado dos valorosos Aqueus, obediente aos conselhos de Tétis. Aí se deteve e gritou, reforçando-lhe Palas o BRADO, que nos guerreiros troianos terror indizível espalha.

Canto XVIII	Como ressoa distinta a trombeta sonora que o alarma quando toca em cidade cercada por cruel inimigo: soa, desta arte, bem claro, o alto BRADO do Eácida ilustre. Ficam tomados de medo os Troianos no instante em que a aênea voz escutaram; os próprios cavalos de crinas tratadas retrocederam, que o dano iminente já então pressagiavam.
Canto XX	Depois de livrar-se da lança, o guerreiro fica um momento aturdido sentindo que a vista lhe foge, por ver que a lança caíra ali perto. O Pelida, no entanto, salta furioso contra ele sacando da espada pontuda, com grandes GRITOS.
Canto I	Junto da nave ligeira, entretanto, se achava agastado o divo Aquiles, de céleres pés, de Peleu descendente, sem freqüentar a assembléia, onde os homens de glória se cobrem, nem tomar parte nas lutas. Ralado de fundo despeito, só pelos GRITOS de guerra e sangrentos combates ansiava.
Canto V	Os dois Ajazes, Diomedes, e o forte Odisseu os Aquivos estimulavam, conquanto nenhum se mostrasse receoso do ímpeto grande dos Teucros, nem mesmo dos GRITOS que davam.
Canto V	Por algum tempo ficou desse jeito - que a areia era muita - té que os cavalos ao solo o fizeram rolar, quando Antíloco os chicoteou para ao campo levá-los dos homens acaios. Viu-os Heitor entre as filas dos seus, e sobre eles lançou-se com grandes GRITOS seguido por muitas falanges troianas, irresistíveis; Enió e Ares forte serviam de guia.
Canto XV	Numa das mãos segurando-a, os guerreiros Apolo guiava. Em formações, também, densas, o ataque os Aquivos esperam. GRITOS elevam-se de ambas as partes; os arcos despedem setas velozes, e braços robustos, inúmeras lanças, muitas das quais se encravam nos corpos dos ágeis guerreiros, para muitas outras, vem antes de a cândida cute atingirem, frustras no chão se fincam, conquanto de sangue sequiosas.
Canto XIII	"[...] Tu, também, cairás morto, se, acaso, enfrentares a minha lança comprida, que a pele macia em retalhos te deixará. Junto às naus dos Acaios, então darás pasto com tuas pingues entranhas aos cães e aos abutres de Tróia". Isso dizendo, adiantou-se; seguiram-no os chefes preclaros com altos GRITOS: a tropa os imita com grande alarido.
Canto VIII	Salta Heitor, logo, do carro, na bela armadura, GRITANDO terrivelmente, e, apanhando uma pedra do chão, para Teucro se dirigiu, que o viril coração o incitava a atacá-lo. Este já havia tirado da aljava uma seta amargosa e sobre a corda ajeitado; porém logo que ia atirá-la, a pedra Heitor lhe lançou perto do ombro, lugar perigoso, onde, do colo a clavícula o peito limita e separa.

Canto XIV	Por esse modo a batalha terrível em ordem dispunham o incomparável Heitor e Posido de escuros cabelos, a pró dos Teucros, aquele; este, ao lado dos homens de Acaia Túmido, o mar sobe às tendas e naus dos guerreiros argivos; os contendores se chocam no meio de grande ALARIDO.
Canto XII	Chocam-se as hostes imigas; enorme ALARIDO se eleva. O grande Ajaz Telamônio a um dos Troas, primeiro, derruba, o companheiro do grande Sarpédone, Epicles magnânimo. Áspera pedra atirou-lhe, que dentro do muro se via, no parapeito, bem no alto.
Canto XIII	Foi, a correr, para as naves e tendas dos homens acaios, para tomar outra lança, das muitas que havia na tenda. Na luta os outros prosseguem; enorme ALARIDO se eleva. Teucro, primeiro que todos, prostrou a um dos Troas guerreiros, da geração de Mentor opulento em corcéis, Imbrio forte, que antes do início da guerra em Pedeu residia e esposara a uma das filhas espúrias de Príamo, Medesicasta.
Canto VIII	Pós ter falado, a voltar obrigou os velozes cavalos por onde os outros fugiam. Heitor e os Troianos, nessa hora, com sobre-humano ALARIDO, atiraram-lhe setas pungentes.

Da análise feita, podemos verificar que os gritos de guerra aparecem acompanhados dos seguintes caracterizadores:

- Alto
- Fortíssimo
- Bem claro
- Grande
- De modo terrível
- Pujante
- Enorme
- Sobre-humano
- Estridente
- Horroroso

Tais elementos indicam que os gritos de guerra, para que desempenhassem sua função nos combates, não podiam ser simplesmente verbalizados de qualquer maneira. Um grito de guerra deveria ser lançado de maneira tal que demonstrasse a coragem, o ímpeto, a força e a firmeza de propósito do soldado. Deveria ainda ser capaz de despertar no inimigo a admiração, o receio, o medo, o pavor. Isso nos mostra que o modo como se gritava era aspecto preponderante para que, ao gritar, o soldado, com a demonstração de seu valor em

combate, conseguisse agir sobre o ânimo de seu adversário. Extraindo as circunstâncias que marcam o uso dos gritos de guerra na **Ilíada**, podemos afirmar que tais gritos:

- Ocorriam em combate (confronto/ choque)
- Envolviam ação (correr/saltar)
- Resultavam de atitude impetuosa
- Compreendiam envolvimento emocional (coração/ peito)
- Associavam-se ao uso de arma (espada/ seta/ pedra)
- Insuflavam coragem/ vigor/ firmeza em quem atacava
- Suscitavam desencorajamento/ receio/ medo/ terror em quem era atacado
- Incitavam seguidores

Com base nos aspectos apresentados, temos então que os gritos de guerra marcavam o momento crucial dos combates. Estavam relacionados à ação, quando o soldado se atirava ao combate contra o inimigo, e associados ao emprego de arma, tendo em vista que se constituíam em uma "arma psicológica", pois seriam uma representação de uma "atitude emocional" que, por um lado, estimulava o vigor de quem atacava e, por outro, objetivava desencorajar quem era atacado. Por ser uma demonstração de força e de poder de combate, tinha a capacidade de incitar seguidores, de fazer com que outros soldados aliados também se encorajassem a demonstrar o seu valor.

De tudo isso, podemos sintetizar assim a natureza dos gritos de guerra:

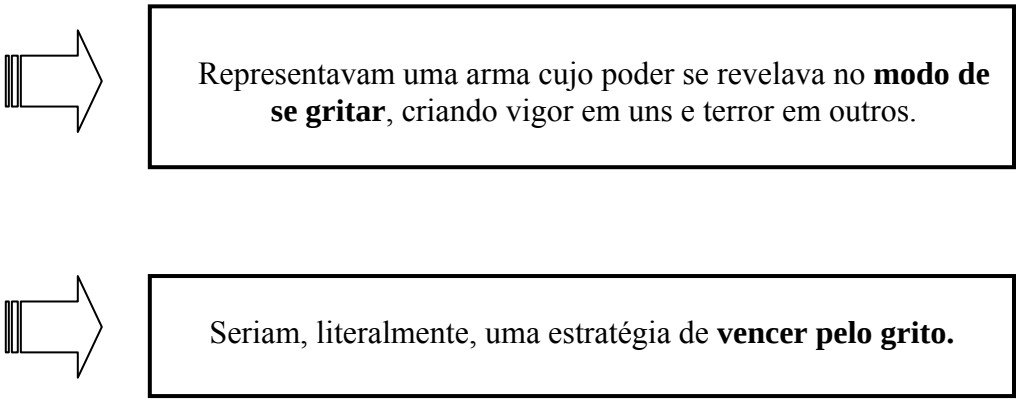


Figura 4.9: Síntese da natureza dos gritos de guerra

4.2 Gritos de Guerra: o Presente

A própria definição de grito de guerra apresentada pelo dicionário Houaiss (2001, p. 1485) refere-se a uma prática de tempos passados, uma "exclamação que outrora emitiam os soldados em combate". Disso resulta uma questão que merece ser discutida: os gritos de guerra teriam deixado de existir como prática militar? Como já dissemos anteriormente, entendemos, a princípio por uma perspectiva bastante intuitiva, que os gritos de guerra ainda são usados pelos soldados; contudo, atualmente, parecem não ter mais a finalidade que já tiveram nos combate. Com base em Magalhães (2006), podemos começar a juntar dados com vistas a sairmos do campo da simples intuição para uma constatação mais factual:

> Se reduzirmos essas idéias a um gráfico representativo da evolução da guerra nas diversas épocas, constataremos um elemento fixo, a luta corpo-a-corpo, homem contra homem, e um elemento variável, a luta a distância que esse gráfico representará com um ansioso desejo de alcançar o adversário, destruí-lo, vencê-lo cada vez de mais longe. (pág. 13) Verificamos que a guerra consistia, em primeiro lugar, em abordar o adversário, bater-se com ele corpo-a-corpo, fazendo uso das armas de mão. (pág. 16)

Dessas afirmações temos que a distância em que se trava o combate passou a ser um aspecto diferenciador das guerras antigas em relação às modernas. A guerra desenvolvia-se plenamente no confronto corpo a corpo com o uso de "armas de mão". Partindo de um contexto em que o grito de guerra era índice de força e de bravura no contato direto entre os contendores, chegou-se a um outro contexto em que a guerra, via de regra, é decidida a distância, o que, certamente, resultou em mudanças nos usos que se faziam dos gritos de guerra.

Para ampliarmos a nossa compreensão da natureza dos gritos de guerra nos tempos atuais, recorreremos inicialmente a documentos de circulação no âmbito do próprio Exército, em que constam referências a essa prática militar:

TEXTO 1

Cerimonial Militar

A Secretaria-Geral do Exército (SGEx), nesta edição do Noticiário do Exército [...], dá continuidade à publicação das recomendações do comandante do Exército (Cmt Ex) sobre uniformização de procedimentos no cerimonial militar. Esses avisos, que visam ao contínuo

aprimoramento do cerimonial da Força Terrestre, são recomendações diretas do Cmt Ex e, a princípio, não modificam os regulamentos vigentes, apenas esclarecem aspectos omissos ou duvidosos dos manuais.
As recomendações aqui tratadas devem ser imediatamente adotadas e amplamente divulgadas.

[...]

O brado de guerra/grito de guerra

Nas formaturas, por ocasião do desfile da tropa, devem ser evitados os gritos (brados) de guerra extensos e de difícil entendimento.
Estes devem ter poucos compassos e traduzir, em palavras simples e concisas, o entusiasmo, a vibração e o espírito de corpo do grupamento que representam.

Noticiário do Exército (Brasília-DF, 6ª feira, 26 de julho de 2002 Ano XLVI Nº 10.011)

TEXTO 2

Mensagem do Comandante

A Olimpíada Acadêmica de 2005

[...]

"No presente ano, podemos assinalar os principais aspectos dessa disputa. O primeiro item que chama a atenção consiste no empenho dos atletas, que oferecem o melhor de si pela vitória das cores de suas camisas. Concernente a este, vem o entusiasmo das torcidas a incentivar seus atletas. O ruído característico dos brados vibrantes impregnou as pistas e o próprio entorno acadêmico."

[...]

General-de-Brigada Marco Antônio de Farias

Fonte: Revista Sangue Novo – Ano 4 – Nº 009 – Agosto de 2005

TEXTO 3

Domínio Afetivo

Espírito de Corpo

"Em tempo de paz, o espírito de corpo pode ser desenvolvido por intermédio de competições esportivas e de árduos exercícios de campanha. Outros fatores que auxiliam tal desenvolvimento são os distintivos e brados de guerra, a execução de desafiadoras tarefas coletivas e a união e coesão do grupo em situações do cotidiano. Esses fatores devem sempre estar norteados pelas legítimas virtudes militares, de forma a não permitir que interesses pessoais, desvirtuados dos valores centrais e históricos da Instituição, ensejem a ocorrência de corporativismos nocivos."

Seção de Doutrina e Liderança da AMAN

Fonte: O ALAMBARI - Ano LV - Número 102 - 06/10/08.

TEXTO 4

ESPÍRITO DE CORPO

- É orgulhar-se:
  . do Exército Brasileiro;
  . da Organização Militar onde serve;
  . da sua profissão;
  . da sua arma ou especialidade;
  . de seus companheiros.
- Deve ser entendido como um "**orgulho coletivo**", uma "**vontade coletiva**."
- O espírito de corpo reflete o grau de **coesão** da tropa e de **camaradagem** entre seus integrantes.
- Exteriorizar esse valor por meio de: canções militares, gritos de guerra e lemas evocativos; uso de distintivos e condecorações regulamentares; irretocável apresentação e, em especial, do **culto aos valores e às tradições** de sua Organização.

In: PORTARIA Nº 156, DE 23 DE ABRIL DE 2002/ Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército/Valores, Deveres e Ética Militares (VM 10) 1ª Edição 2002.

http://www.sgex.eb.mil.br/vade_mecum/valores_etica_militares/vade_mecum.htm

Os fragmentos acima nos mostram variações terminológicas quando se faz referência a essa prática militar, ora tratada como "grito de guerra", ora como "grito de armas", ora como "brado de guerra", ora simplesmente como "brado". Todas essas referências, indiscutivelmente, representam o mesmo gênero textual.

4.3 Gritos de Guerra: uma Definição Provisória

Podemos, então, com base nas ideias presentes nos textos de apoio, construir uma definição parcial de grito de guerra. Esse caráter parcial consiste em que uma noção mais abrangente somente será possível após investigação detalhada do nosso corpus de estudo, o que nos permitirá estabelecer os contornos formais e funcionais desse gênero. Listamos, no quadro abaixo[13], as ideias centrais dos textos de apoio, de modo a sintetizá-las em forma de características dos gritos de guerra:

[13] Este quadro representa uma síntese de algumas ideias apresentadas no questionário de pesquisa realizado para a presente dissertação, que se encontra no Apêndice deste trabalho.

TEXTOS	IDEIAS	CARACTERIZAÇÃO DOS GRITOS DE GUERRA
Houaiss	*...exclamação que outrora emitiam os soldados em combate...*	É de natureza militar.
1	*... traduzir, em palavras simples e concisas, o entusiasmo, a vibração e o espírito de corpo do grupamento...*	Traduz o entusiasmo, a vibração e o espírito de corpo de um grupamento.
2	*...entusiasmo das torcidas [...] ruído característico dos brados vibrantes...*	
3	*...o espírito de corpo pode ser desenvolvido*[...]. *Outros fatores que auxiliam tal desenvolvimento são* [...] *brados de guerra.*	Desenvolve e exterioriza o espírito de corpo.
4	*Exteriorizar* o *espírito de corpo por meio de* [...] *gritos de guerra.*	

Figura 4.10: Caracterização dos gritos de guerra

Tais ideias são reiteradas nas respostas ao questionário de pesquisa realizado com cadetes e oficiais da AMAN. Os modos como percebem os gritos de guerra nas práticas diárias da vida acadêmico-militar refletem as percepções já evidenciadas, como nos mostra o quadro[1] abaixo:

Finalidade de um grito de guerra	Sentimento ao se bradar um grito de guerra	Circunstâncias em que se brada um grito de guerra
Criar união e dar força	Vibração e confiança	Clima de competição
Externar a vibração da tropa	vibração	Após uma competição
Intimidar o inimigo e motivar o grupo	—	Antes de uma disputa
Criar o espírito de corpo	Vibração, coesão e sentimento de cumprimento de missão	Após executar alguma missão de alta dificuldade ou na presença de outros grupos para mostra quem nós somos

Motivar a tropa	Espírito de corpo	Situações de extrema exigência física e de contentamento
Externar vibração, entusiasmo e nível de motivação	Empolgação e espírito de equipe	Diante de algum desafio
Motivar a tropa	Vibração e energia	Situações que exijam superação
Mostrar a motivação da tropa	Capacidade de cumprir qualquer missão	Em atividades que exijam o máximo de vigor físico e mental do indivíduo
Externar o grau de vibração de uma tropa	Vibração e união do grupo	Ao término de uma atividade árdua em que se obteve êxito
Demonstrar o moral da tropa	Energia	Ao término de um exercício no terreno

Figura 4.11: Gritos de guerra: finalidade, sentimento e circunstâncias

Esse conjunto de entendimentos em relação aos gritos de guerra possibilita-nos formular a seguinte definição:

> Os gritos de guerra constituem-se em uma formação textual de cunho militar[14], de caráter institucional, que objetiva incentivar um grupo a realizar determinada atividade ou celebrar o êxito obtido em sua realização, demonstrando entusiasmo e vibração diante de alguém externo ao grupo, e que desenvolve e fortalece o espírito de corpo.

[14] Os gritos de guerra criados pelas torcidas organizadas certamente têm suas origens nos gritos de guerra militares. Evidência disso é o propósito comum a essas duas práticas, de demonstrar a força do grupamento, da torcida ou da equipe, instigar os guerreiros ao combate, ou jogadores à partida, e intimidar o inimigo ou adversário. Por vezes, uma partida de futebol, por exemplo, é associada à ideia de confronto entre dois exércitos inimigos, como se pode ver em um dos gritos de guerra da torcida organizada Raça Rubro Negra da Região dos Lagos: *Torcer, Lutar, ao inimigo massacrar/ Raça Rubro-Negra!* (Fonte: http://raca.regiaodoslagos.vilabol.uol.com.br/musicas.htm)

Tal definição de grito de guerra conduz-nos à compreensão de que o soldado dos dias atuais tem a mesma percepção que o soldado do passado tinha dessa prática discursiva, a saber, como um modo de mostrar seu valor, sua coragem e sua força aos olhos do outro. Contudo, evidencia-se que os gritos de guerra são empregados agora como elemento participante de situações de "adestramento da tropa", não como um instrumento de guerra, como ocorria no passado, tendo em vista que o combate corpo a corpo não se apresenta mais como uma tônica nos confrontos bélicos. Em última instância, atualmente, mesmo em um embate corpo a corpo, revelar o espírito guerreiro por um grito pode ser ingenuidade diante do alcance cada vez maior das armas de fogo, que, nos campos de batalha, têm o poder de silenciar na garganta dos bravos os gritos de guerra.

5 CONFIGURAÇÃO CONTEXTUAL E ESTRUTURA POTENCIAL DO GÊNERO

Sabemos que os textos que participam de um mesmo gênero tendem a ter uma organização comum que lhes é particular. Essa particularidade organizacional é o aspecto que permite aos indivíduos reconhecer aqueles textos que correspondem a um dado gênero discursivo, para que possam, por meio deles, estabelecer certas relações sociais.

Identificando as características recorrentes dentre os vários gritos de guerra, teremos condições de apontar os elementos que os distinguem de outros gêneros que também se relacionam a práticas militares. Esse processo, que aqui podemos chamar de definição e de delimitação de marcas discursivas, na prática, não é tão simples e pode mesmo suscitar confusões entre gêneros que participam de uma mesma prática social ou de práticas sociais muito próximas.

Nesse sentido, a abordagem dos aspectos contextuais e organizacionais dos gritos de guerra, sob a perspectiva teórica da Linguística Sistêmico-Funcional, será de grande importância em nossa análise. Por meio dela, podemos caracterizar melhor o modo como os textos que compõem esse gênero discursivo estruturam-se na construção de sentidos em conformidade com a configuração do contexto militar em que estão inseridos.

Analisaremos os gritos de guerra, buscando explicitar quais elementos definem o "pano de fundo" que constitui a situação de ocorrência desse gênero em termos de Configuração Contextual (CC) e quais as particularidades organizacionais cooperam para que textos resultem potencialmente em gritos de guerra, com vistas a esboçarmos a Estrutura Potencial do Gênero (EPG), conforme a compreensão de Halliday e Hasan (1989).

Pela Configuração Contextual, podemos estabelecer relações entre a linguagem e o contexto em que ela é utilizada e definir características que nos possibilitam fazer previsões sobre quais tipos de texto poderiam surgir, tendo em vista a sua funcionalidade em situações específicas de uso da linguagem e em dadas práticas sociais.

Dentro dessa perspectiva, a Configuração Contextual é a representação de uma atividade social em um contexto específico e constitui-se de três variáveis:

- A variável **Campo** define a natureza da atividade social em que se processa o gênero e seu objetivo naquele contexto.

- A variável **Relação** identifica os participantes da prática discursiva em questão, suas interações e a distância social entre eles.

- A variável **Modo** revela a linguagem, quanto a seu papel (constitutivo ou auxiliar), quanto ao compartilhamento (monológico ou dialógico), quanto ao canal (gráfico ou fônico) e quanto ao meio pelo qual os textos são processados (falado ou escrito).

A Configuração Contextual é constituída, portanto, por todas aquelas variáveis que definem uma prática social da forma como ela se processa, revelando aspectos contextuais que instanciam a atividade humana quanto a sua natureza funcional.

Já por meio da Estrutura Potencial do Gênero, podemos reconhecer textos que se caracterizam como possíveis pertencentes a um determinado gênero de acordo com um padrão discursivo recorrente, ou seja, traços que fazem com que textos se agrupem sob uma mesma conformação e que os tornam distintos de outros.

Nessa busca por elementos que se repetem e que reúnem textos em um conjunto de afinidades, é necessário que se atente para as variações que podem ocorrer sem que, no entanto, afetem a estrutura do texto a ponto de eliminar dele as familiaridades com os outros com os quais se associa na constituição de um gênero. No intuito de chegar a essa estrutura recorrente, Ruqayia Hasan (apud HEBERLE e MOTTA-ROTH, 2005, pág. 18) estabelece que há três tipos de elementos: os *obrigatórios*, os *opcionais* e os *iterativos*; e duas ordens de ocorrência: uma *fixa* e outra *variável*.

Os elementos *obrigatórios* são aqueles que podem ser previstos pelo contexto, que geralmente possuem uma ordem fixa e que são definidores do gênero. Os elementos *opcionais* têm ocorrência variável na composição do gênero, pois não são essenciais para sua definição. Já os elementos *iterativos* são aqueles que surgem repetidas vezes e não possuem ordem rigorosamente definida.

Como resultado do estudo de nosso *corpus* de pesquisa , dos documentos que fazem menção tanto aos gritos de guerra como aos valores da instituição militar e de nossa observação do entoar dos gritos *in loco*, podemos definir a configuração contextual e a estrutura potencial do gênero gritos de guerra da seguinte forma:

CONFIGURAÇÃO CONTEXTUAL
Campo: Gênero característico da esfera social militar, entoado por grupamento militar formalmente constituído (integrantes ordenados em filas e em colunas) em realização de atividade militar, como, por exemplo, desfiles, instruções, treinamentos, etc. Os gritos de guerra constituem uma formação textual de cunho militar, de caráter institucional, que tem como finalidade precípua agir na percepção de outros grupos acerca daquele que brada, mostrando-se como um grupo forte e coeso. Objetiva incentivar o grupo a realizar determinada atividade, demonstrando seu entusiasmo e sua vibração, desenvolvendo-lhe e fortalecendo-lhe o espírito de corpo, que, conforme a Portaria nº 156, apresentada no Capítulo 5, representa o orgulho que o militar deve sentir do "Exército Brasileiro, da Organização Militar onde serve, da sua profissão, da sua arma ou especialidade, de seus companheiros", refletindo "o grau de coesão da tropa e de camaradagem entre seus integrantes". Em suma, "Deve ser entendido um orgulho coletivo, uma vontade coletiva".
Relação: Há a figura de um comandante que exorta o grupamento a lançar o grito de guerra e a de comandados que, em resposta, o bradam. A distância social é variável, a depender da diferença hierárquica entre comandante e comandado, e a depender também do modo como estes se relacionam. No que diz respeito à diferença hierárquica, temos que ter em mente o que, no meio militar, se entende por "comandante". Inicialmente, é necessário dizer que há vários níveis de comando. O Curso Básico, correspondente, como já vimos, ao primeiro ano do curso de formação de oficiais da AMAN, pode ter como comandante um coronel, um tenente-coronel ou major. Em um nível inferior, temos esse Curso dividido em companhias comandadas por capitães. Por sua vez, as companhias são divididas em pelotões comandados por tenentes. No âmbito dos pelotões, há sempre, de maneira alternada, um cadete (indicado pelo tenente) que, durante algum tempo (geralmente, semanas) exerce a função de chefe de turma. Esse cadete, no comando de seu grupamento, é o responsável por colocar o pelotão em forma (ordenado em filas e colunas), conduzir esse grupamento, sempre em forma, para os locais onde ocorrerão atividades de ensino e de instrução, de controlar o efetivo do grupamento (sabendo quem está ausente e por qual motivo), de fazer a apresentação do pelotão ao oficial responsável pela atividade que será realizada, e, dentre outras obrigações, é ainda o responsável pela manutenção da disciplina do grupamento, quando este estiver sob seu comando. A ordem para que o grupamento lance o grito de guerra pode partir, portanto, de qualquer um desses "comandantes", observada a esfera em que esteja atuando. Podemos dizer que a distância social ditada pela diferença hierárquica é "consensual" e naturalizada no contexto militar. Dessa forma, nos gritos de guerra, ela não é marcada explicitamente no discurso. Essa distância está latente no próprio ato do comandante de exortar o grupamento a lançar o grito de guerra, seja, digamos assim, pela "partícula de exortação", presente nos gritos de guerra de número 2 (E a Primeira!), 3 (Leões!), 7 (Águia, ao combate!), 9 (É fibra!), 10 (À Pátria!), 11 (E o pantaneiro!), 14 (Maldito!) e 17 (Onça, ao ataque!), seja na anunciação de que o grito de guerra deverá ser lançado, com expressões do tipo Grupamento X, com o brado, sentido! (Ao tomar a posição de sentido − mãos espalmadas chocando-se nas pernas − todos os integrantes do grupamento iniciam o grito de guerra). As duas formas de exortação corresponderiam, portanto, a formas imperativas, o que, na nomenclatura da Linguística Sistêmico-Funcional, representariam metáforas gramaticais. [15]

[15] "Metáfora gramatical é um termo usado na linguística sistêmico-funcional em referência ao uso de um recurso gramatical para exprimir uma função que não lhe é intrínseca." (SARDINHA, 2007, p. 45).[5]

Pode-se pensar também em uma distância social variável entre os militares do grupamento que lança o grito de guerra e outro indivíduo ou grupo que esteja em situação de "espectador" ou "ouvinte", de quem nada se espera senão ver, ouvir e admirar. Cumpre dizer que, mesmo na ausência de um espectador ou ouvinte, faz sentido entoar um grito de guerra. Na ausência de alguém externo ao grupamento, o "destinatário" do grito de guerra pode ser o próprio comandante do grupamento, a quem se quer demonstrar o brio dos militares que compõem a fração, ou mesmo os próprios militares que o bradam, com o propósito de convencerem a si mesmos de seu valor e de se motivarem no prosseguimento de uma missão.
Modo: a) canal: fônico. Destaca-se nesse aspecto a execução por um grupo uníssono de vozes; b)meio: falado. É fundamental na natureza desse gênero discursivo, como o próprio nome sugere, que ele seja energicamente gritado; c) papel da linguagem: constitutivo. A linguagem não é apenas um suporte para o grito de guerra; é ela própria organizada de modo a figurar-se como um texto que "argumente" em favor de uma dada percepção acerca do grupamento; d) processo: dialógico em duas instâncias: com o comandante e/ou com o mero espectador. Na primeira situação, é dialógico na medida em que se define como uma resposta a um estímulo anterior, representado pela exortação do comandante do grupamento; na segunda situação, pela perspectiva de Bakhtin, há também um processo dialógico com um indivíduo ou grupo que, aparentemente, esteja atuando apenas como "observador" ou "ouvinte". Nesse caso, pela compreensão bakhtiniana do processo de comunicação discursiva, mesmo que não se espere uma resposta verbal desse interactante, não ocorrendo uma compreensão ativamente responsiva, deve-se considerar a ocorrência de uma compreensão responsiva silenciosa. [16]

Esses elementos contextuais representam, portanto, a base que torna viável e coerente a ocorrência de um grito de guerra, que, obviamente, não será oportuno em toda e qualquer situação de cunho militar.

Feito um detalhamento da Configuração Contextual, podemos agora descrever a Estrutura Potencial do Gênero. Nos gritos de guerra, ela pode ser vista como constituída de dois estágios, os quais correspondem a duas etapas de realização da língua, conforme especificado no quadro que se segue:

[16] "É claro que nem sempre ocorre imediatamente a seguinte resposta em voz alta ao enunciado logo depois de pronunciado: a compreensão ativamente responsiva do ouvido (por exemplo, de uma ordem militar) pode realizar-se imediatamente na ação (o cumprimento da ordem ou comando entendidos e aceitos para execução), pode permanecer de quando em quando como compreensão responsiva silenciosa (alguns gêneros discursivos foram concebidos apenas para tal compreensão, por exemplo, os gêneros líricos), mas isto, por assim dizer, é uma compreensão responsiva de efeito retardado: cedo ou tarde, o que foi ouvido e responde nos discursos subseqüentes ou no comportamento do ouvinte". (Bakhtin, 2006, p. 271-272)

ESTRUTURA POTENCIAL DO GÊNERO	
Estágios	Etapas de Realização
EXORTAÇÃO	Sinalização verbal exortativa (o nome do grupamento, uma palavra de ordem) ou sonora (em desfile, por exemplo, o toque de corneta em substituição à voz do comandante), que indica o momento exato de início do grito de guerra.
RESPOSTA	Grito uníssono, na forma de texto em verso, lançado pelos integrantes do grupamento.

No exemplo que se segue, podemos observar como ocorrem esses estágios:

EXORTAÇÃO	À Pátria!
RESPOSTA	Tudo se dá Nada se pede Nem mesmo compreensão!

As duas etapas apresentadas da estrutura potencial dos gritos de guerra constituem-se em elementos obrigatórios e a falta de uma delas comprometeria a constituição de um texto que pudesse ser reconhecido potencialmente como grito de guerra. Sem um comando inicial, não haveria a informação de que o grito deveria ser lançado, bem como seria ignorado o momento em que essa ação deveria acontecer. E o grito deve ser único, uma só voz ampliada por várias outras vozes[17], ressoando forte. Esses dois elementos são indispensáveis, para que, em associação com os outros aspectos caracterizadores do contexto, os gritos de guerra sejam lançados.

[17] Há uma outra prática, individual e sem comando, de um grito lançado que não se trata de um grito de guerra propriamente dito. Diante de um desafio, um indivíduo pode, para encorajar-se, lançar um grito. Esse fato é constantemente observado, por exemplo, quando os cadetes, em atividade física na piscina, têm de saltar de uma plataforma de dez metros de altura. A maioria deles (fato já muito comum), ao saltar, lança um grito (geralmente o nome da arma a que pertence ou o do patrono dessa arma) como se nele encontrasse força e coragem para vencer o desafio.

Aprofundando-nos um pouco mais na estrutura potencial dos gritos de guerra, temos em sua organização alguns elementos recorrentes que contribuem para a sua caracterização. Não se trata, entretanto, daqueles tidos como obrigatórios na configuração do gênero, revelando-se como opcionais ou iterativos, como podemos observar no levantamento de dados feito com os textos que compõem o *corpus* da presente pesquisa:

Elementos da Estrutura Potencial	**Texto 1**	**Texto 2**	**Texto 3**	**Texto 4**	**Texto 5**
Exaltação de ícones cívico-militares	+	+	+	+	+
Referência a alguém externo ao grupamento	-	+	-	-	+
Identificação do grupo	+	+	+	+	+
Enaltecimento do grupo	+	+	+	+	+

Elementos da Estrutura Potencial	**Texto 6**	**Texto 7**	**Texto 8**	**Texto 9**	**Texto 10**
Exaltação de ícones cívico-militares	+	+	+	+	+
Referência a alguém externo ao grupamento	-	+	-	+	-
Identificação do grupo	+	+	+	+	-
Enaltecimento do grupo	+	+	+	+	+

Elementos da Estrutura Potencial	**Texto 11**	**Texto 12**	**Texto 13**	**Texto 14**	**Texto 15**
Exaltação de ícones cívico-militares	+	+	+	-	-
Referência a alguém externo ao grupamento	-	-	+	-	+
Identificação do grupo	+	-	-	+	+
Enaltecimento do grupo	+	+	+	+	+

Elementos da Estrutura Potencial	**Texto 16**	**Texto 17**	**Texto 18**	**Texto 19**	**Texto 20**
Exaltação de ícones cívico-militares	-	+	+	-	+
Referência a alguém externo ao grupamento	-	+	-	-	-
Identificação do grupo	+	+	+	+	+
Enaltecimento do grupo	+	+	+	+	+

Elementos da Estrutura Potencial	**Texto 21**	**Texto 22**	**Texto 23**	**Texto 24**	**Texto 25**
Exaltação de ícones cívico-militares	+	+	+	+	-
Referência a alguém externo ao grupamento	-	-	-	-	-
Identificação do grupo	+	+	+	+	+
Enaltecimento do grupo	+	+	+	+	-

Elementos da Estrutura Potencial	**Texto 26**	**Texto 27**	**Texto 28**	**Texto 29**	**Texto 30**
Exaltação de ícones cívico-militares	+	-	-	+	+
Referência a alguém externo ao grupamento	-	-	-	-	-
Identificação do grupo	+	+	+	+	+
Enaltecimento do grupo	+	+	+	-	+

Esse levantamento de dados complementares revela-nos os elementos opcionais. Embora algumas sejam de grande recorrência, podem não estar presentes em um texto que, mesmo assim, se define como grito de guerra. A ocorrência desses elementos nos trinta gritos de guerra pode ser vista com mais clareza nos seguintes gráficos:

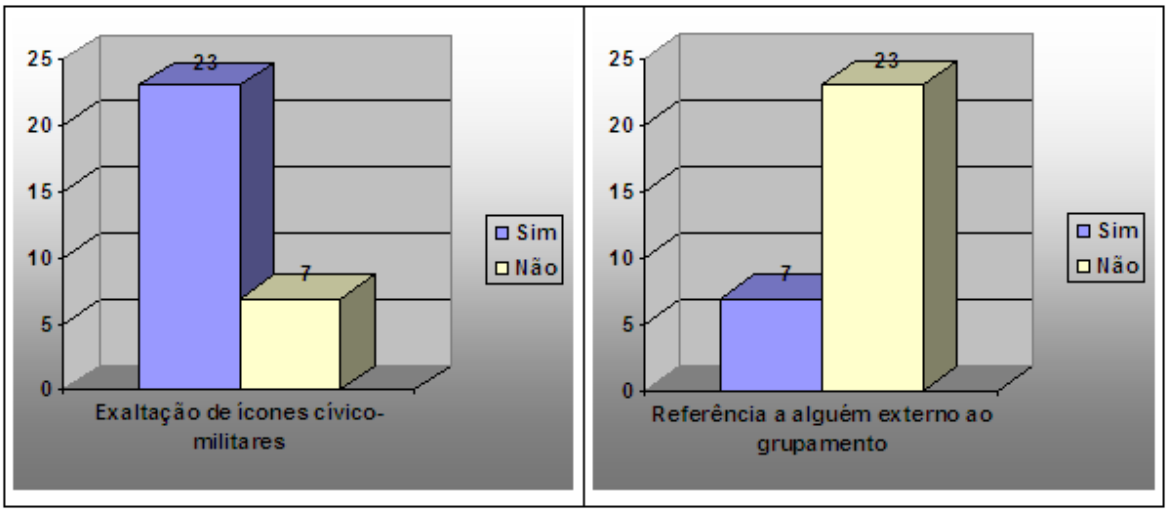


Figura 5.1: Ocorrência de elementos pesquisados nos gritos de guerra

A exaltação de ícones cívico-militares, que ocorre em vinte e três dos gritos de guerra, desponta como uma característica muito recorrente nos textos. Esses ícones (Pátria, Brasil e Amazônia) são um reflexo do papel constitucional das Forças Armadas, que, em síntese, é a defesa do território nacional e mostram o engajamento que o militar deve ter com aquilo a que a instituição se propõe.

A referência a alguém externo ao grupamento, geralmente considerado um inimigo, embora reforce a ideia de que o grupamento deve manter-se unido na luta por um ideal, é uma prática pouco usada, possivelmente, por ser mais relevante em um grito de guerra falar de si mesmo, de seus valores e de seu poder de combate.

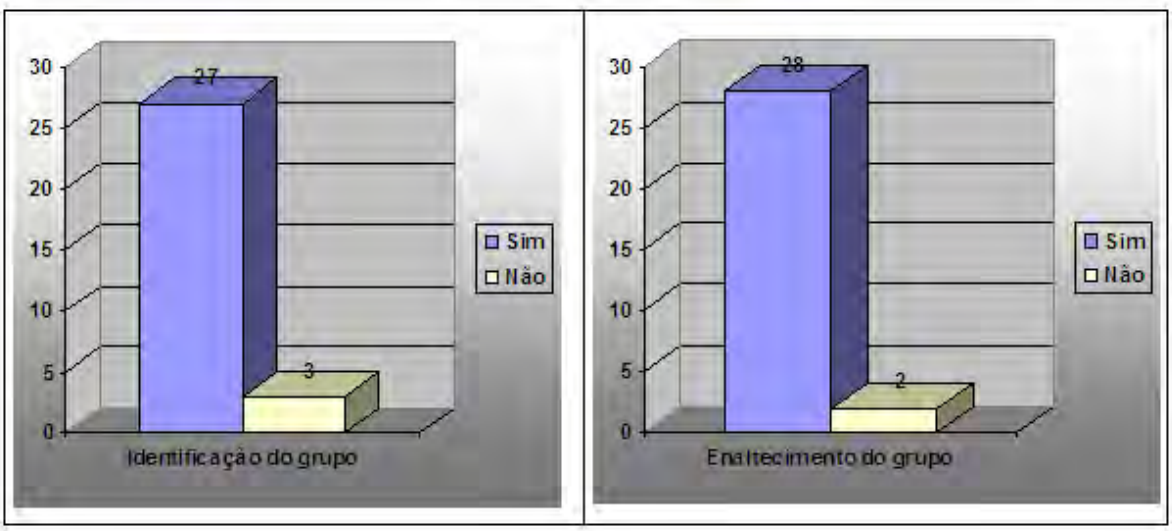


Figura 5.2: Ocorrência de elementos pesquisados nos gritos de guerra

Por fim, a identificação do grupo e o seu enaltecimento, por sua vez, são características muito presentes nos textos. Embora não sejam essenciais nos gritos de guerra, dizer quem são e dizer do são capazes revelam-se fatores muito úteis na criação de uma identidade que espelhe a forma como o grupamento quer ser visto e reconhecido.

Como podemos verificar nessa análise, os gritos de guerra não apresentam uma estrutura rígida, pois há características variáveis que refletem certa flexibilidade na composição dos textos. Isso significa que, no processo de criação de um grito de guerra, os indivíduos têm alguma autonomia em seu trabalho de composição. Devem, entretanto, levar em consideração as restrições impostas pela situação de uso da língua na seleção de elementos para a construção de uma composição textual que atinja à sua finalidade no ambiente social da caserna.

No traçado da Configuração Contextual de práticas sociais em ambiente militar em que se torna propício o uso dos gritos de guerra e nessa apresentação da Estrutura Potencial do Gênero, temos que a relação entre a constituição de textos e as particularidades contextuais do ambiente militar revela como os indivíduos ordenam o seu comportamento linguístico, em situações específicas, de forma a alcançar objetivos também específicos nesse uso particular da linguagem, objetivos que podem ser sintetizados na ideia de manutenção da coesão grupal.

A linguagem torna-se, então, um reflexo de condicionantes contextuais e da forma como os próprios militares percebem a sua integração nas práticas sociais em que tomam parte. Agir de modo a negar a relação texto e contexto corresponderia, em situações normais, a corromper esse equilíbrio culturalmente instituído, que possibilita a interação entre os indivíduos; de certa forma, corresponderia também a dificultar a plena inserção do sujeito no grupo social.

Esse equilíbrio, essa adequação entre as particularidades de situações em ambiente de caserna e a organização textual dos gritos de guerra (organização essa que não é imutável, mas que é regida por certa estabilidade), é que possibilita aos militares integrar-se a um grupo institucionalmente definido e que lhes permite lançar os seus gritos de guerra.

6 OS GRITOS DE GUERRA SOB O ENFOQUE DO SIGNIFICADO IDEACIONAL

Nesta etapa de nosso trabalho, é nosso foco analisar como se coadunam as funções sociais da linguagem e a organização do sistema linguístico, em termos de representação de mundo, validando os gritos de guerra militares como estruturas representativas do meio institucional em que se inserem. Essa abordagem, à luz dos postulados teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, é bastante significativa para que possamos compreender como esse gênero discursivo organiza-se para a construção de sentidos, dentro das possibilidades de seleção de elementos linguísticos (lexicogramaticais e semânticos) disponibilizadas em conformidade com as práticas militares, e como essa seleção é condicionada pelo contexto para que se alcancem os propósitos estabelecidos na própria razão de ser dos gritos de guerra.

Analisando gritos de guerra coletados junto a grupamentos de cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), buscamos explicitar em que medida os elementos linguísticos são de fato selecionados para que os gritos de guerra alcancem seus objetivos no ambiente das práticas discursivas militares. A partir do significado ideacional de Halliday, é nosso objetivo verificar em que medida o sistema linguístico, como uma rede de escolhas, participa na construção de representações de mundo próprias das práticas sociais das instituições militares.

6.1 Análise da Transitividade nos Gritos de Guerra

Nossa análise nesse momento restringe-se à observação dos gritos de guerra pelo enfoque da **transitividade**, que, como já foi dito no Capítulo 1, representa o elemento léxico-gramatical que serve de suporte para a manifestação semântica das representações de mundo na estrutura oracional. Acreditamos que, pelos processos selecionados pelos falantes para a materialização linguística de suas experiências de mundo em dada situação, podemos caracterizar a natureza da prática social, moldada pelas (e moldadora das) formas de se comportar dos indivíduos. É por meio desses processos em situações específicas de uso social da linguagem que o próprio texto configura-se para atender aos seus propósitos funcionais, resultado de como é percebida a prática social.

Fazendo um levantamento da transitividade nos gritos de guerra que compõem o *corpus* de análise, identificamos os seguintes processos:

TEXTO 1	
ORAÇÃO	PROCESSO
Básico! Leões de guerra! (Esta é a Leões de Guerra, do Curso Básico)	Processo Relacional

TEXTO 2	
ORAÇÃO	PROCESSO
Na paz Na guerra Na ponta do fuzil Primeira de Guerra Primeira do Brasil (A Primeira de Guerra é a Primeira do Brasil na paz, na guerra, na ponta do fuzil.)	Processo Relacional
Tropa de elite (A Primeira Companhia é tropa de elite.)	Processo Relacional
Que cumpre a missão	Processo Material
Conquista do inimigo A nobre posição	Processo Material
Suor estampado Com raça e vibração (A Primeira Companhia estampa suor com raça e vibração.)	Processo Comportamental
Inimigo derrotado pelas garras do leão	Processo Material

TEXTO 3	
ORAÇÃO	PROCESSO
Leões! Além do dever – de guerra! (A Primeira de Guerra, a Leões de Guerra, cumpre além do seu dever.)	Processo Material

TEXTO 4	
ORAÇÃO	PROCESSO
Básico! Pantera! (Esta é a Pantera, do Curso Básico)	Processo Relacional

TEXTO 5	
ORAÇÃO	PROCESSO
Homens fortes e arrojados. (Os cadetes da Segunda Companhia são homens fortes e arrojados.)	Processo Relacional
Sempre prontos a lutar. (Os cadetes da Segunda Companhia estão sempre prontos.)	Processo Relacional
Sempre prontos a lutar. (Os cadetes da Segunda Companhia lutam.)	Processo Material
O fuzil contra o inimigo (Os cadetes da Segunda Companhia estão sempre prontos a usar o fuzil contra o inimigo.)	Processo Material

E o invasor hostilizar (Os cadetes da Segunda Companhia hostilizam o invasor.)	Processo Material
Pátria, avante!	Processo Material
Entrego a alma, meu suor e vibração.	Processo Material
Sem temer a vida insana Com amor pela nação	Processo Mental

TEXTO 6	
ORAÇÃO	PROCESSO
Básico! Águia! (Esta é a Águia, do Curso Básico)	Processo Relacional

TEXTO 7	
ORAÇÃO	PROCESSO
Águia, ao combate!	Processo Material
A Pátria ameaçada (Se a Pátria for ameaçada.)	Processo Relacional
Amigo (será) o meu fuzil	Processo Relacional
Cadetes da Guerreira Lutarão pelo Brasil	Processo Material
Seu peito, (é) uma couraça	Processo Relacional
Seu avanço, (é) um furacão.	Processo Relacional
Sai da frente	Processo Material
Que a Terceira vai cumprir sua missão!	Processo Material

TEXTO 8	
ORAÇÃO	PROCESSO
Básico! Chivunk! (Esta é a Chivunk, do Curso Básico)	Processo Relacional

TEXTO 9	
ORAÇÃO	PROCESSO
Fibra, coragem, vontade de lutar (Os cadetes da Quarta Companhia têm fibra, coragem, vontade de lutar.)	Processo Relacional
O guerreiro canguçu da selva surgirá	Processo Material
Na mata, ataca	Processo Material
cumpre sua missão	Processo Material
Quando avista o inimigo	Processo Mental
Canguçu entra em ação	Processo Material
Com garra, sem medo, pronto pra avançar	Processo Material
Se camufla no terreno	Processo Material
pro inimigo emboscar	Processo Material

TEXTO 10	
ORAÇÃO	PROCESSO
À Pátria! Tudo se dá	Processo Mental
Nada se pede	Processo Mental
Nem mesmo (pede) compreensão!	Processo Mental

TEXTO 11	
ORAÇÃO	PROCESSO
E o pantaneiro! É raça, é força, é fibra e lamaçal	Processo Relacional
(Tem) Vibração e muita garra	Processo Relacional
lutar no Pantanal	Processo Material

TEXTO 12	
ORAÇÃO	PROCESSO
Vida! Combate! Trabalho! Selva! (A vida é combate e trabalho pela selva.)	Processo Relacional

TEXTO 13	
ORAÇÃO	PROCESSO
Avante, guerreiros!	Processo Material
Protege a Amazônia contra o ataque do inimigo	Processo Material

TEXTO 14	
ORAÇÃO	PROCESSO
Sem dor não há glória!	Processo Existencial

TEXTO 15	
ORAÇÃO	PROCESSO
Sozinhos somos fortes	Processo Relacional
Unidos, (somos) imbatíveis	Processo Relacional
O que chamam de inferno	Processo Mental
Nós chamamos de lar	Processo Mental

TEXTO 16	
ORAÇÃO	PROCESSO
Um pelotão de selva Vem com fibra e moral	Processo Material
É o Nono Pelotão que vai cumprir sua missão	Processo Material

TEXTO 17	
ORAÇÃO	PROCESSO
Onça, ao ataque!	Processo Material
Décimo Segundo é muito duro de enfrentar	Processo Relacional
Com o lanço da onça todo tempo a caçar	Processo Material
Coragem! Vontade! Fibra e União (O guerreiro de selva tem coragem...)	Processo Relacional
É o guerreiro da selva cumprindo qualquer missão	Processo Material
Caçadores a emboscar	Processo Material
A tropa inimiga que tenta avançar	Processo Material

TEXTO 18	
ORAÇÃO	PROCESSO
Avançado! Pioneira! (Esta é a Pioneira, do Curso Avançado)	Processo Relacional

TEXTO 19	
ORAÇÃO	PROCESSO
Ousada! Unidos, coesos, fortes! (Os cadetes da Ousada são unidos...)	Processo Relacional.

TEXTO 20	
ORAÇÃO	PROCESSO
Avançado! Ousada! (Esta é a Ousada, do Curso Avançado)	Processo Relacional

TEXTO 21	
ORAÇÃO	PROCESSO
Avançado! Intrépida! (Esta é a Intrépida, do Curso Avançado)	Processo Relacional

TEXTO 22	
ORAÇÃO	PROCESSO
Avançado! Guerreira! (Esta é a Guerreira, do Curso Avançado)	Processo Relacional

TEXTO 23	
ORAÇÃO	PROCESSO
Infantaria! Arranca-Toco! (Este é o Arranca-toco, do Curso de Infantaria)	Processo Relacional

TEXTO 24	
ORAÇÃO	PROCESSO
Infantaria! Treme-Terra! (Este é o Treme-Terra, do Curso de Infantaria)	Processo Relacional

TEXTO 25	
ORAÇÃO	PROCESSO
Cavalaria! (Esta é a Cavalaria)	Processo Relacional

TEXTO 26	
ORAÇÃO	PROCESSO
Artilharia! Poderosa! (Esta é a Poderosa Artilharia)	Processo Relacional

TEXTO 27	
ORAÇÃO	PROCESSO
Engenharia! (Esta é a Engenharia)	Processo Relacional
Ao braço, firme!	Processo Material

TEXTO 28	
ORAÇÃO	PROCESSO
Intendência! (Esta é a Intendência)	Processo Relacional
suprir (A Intendência supre.)	Processo Material
lançar (A Intendência lança.)	Processo Material
servir (A Intendência serve.)	Processo Material

TEXTO 29	
ORAÇÃO	PROCESSO
Material Bélico! (Este é o Material Bélico)	Processo Relacional

TEXTO 30	
ORAÇÃO	PROCESSO
Comunicações! Arma do comando! Brasil! (Esta é a Comunicações)	Processo Relacional
Arma do comando! (A arma de Comunicações é a arma do comando)	Processo Relacional

Esse levantamento dos processos existentes nos gritos de guerra indica um total de 77 (setenta e sete) processos, os quais se distribuem da seguinte forma:

- 34 processos materiais
- 34 processos relacionais
- 7 processos mentais
- 1 processo comportamental
- 1 processo existencial

Representando esses números em um gráfico, temos a seguinte distribuição:

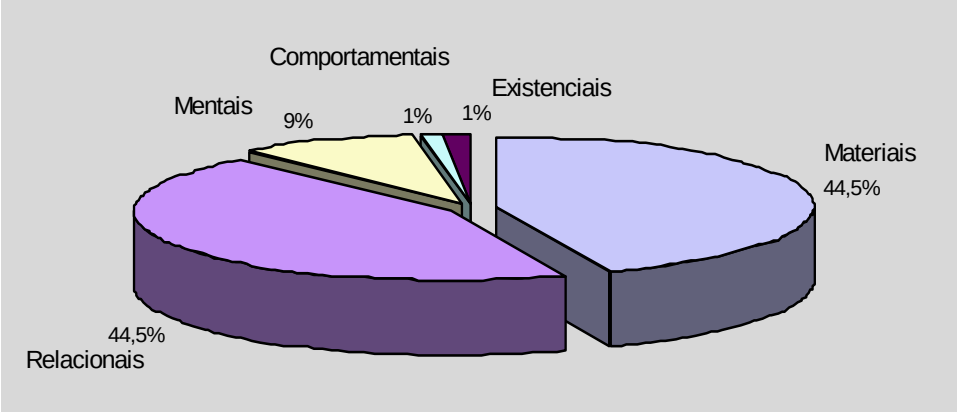


Figura 6.1: Tipos de processos nos gritos de guerra

A maior presença de processos *relacionais* e *materiais* poderia, em primeira instância, justificar-se pelo fato de se constituírem, naturalmente, das duas maiores categorias pelas quais os indivíduos expressam suas ideias. Contudo, indo um pouco além da aparente simplicidade dos fatos, devemos observar o que essa recorrência dos processos tem a nos revelar, tendo em vista os propósitos que norteiam o uso da linguagem nas práticas sociais das instituições militares.

Levando, portanto, em consideração, o ambiente linguístico em que os gritos de guerra tomam parte, e conforme o pressuposto da Linguística Sistêmico-Funcional de que a linguagem se organiza para atender ao seu papel funcional, compreendemos que esses dois tipos de processo que sobressaem nos textos analisados, na verdade, expressam percepções de mundo que emanam da constituição de uma identidade institucionalizada. Dessa forma, podemos dizer que os *processos relacionais* e os *processos materiais* orientam-se na construção de sentidos de modo a instituir, respectivamente, o discurso do NÓS SOMOS, e o discurso do NÓS FAZEMOS como ideias que devem nortear a constituição do grupo como unidade coesa e forte e, da mesma forma, orientam o modo de vida castrense. Tal compreensão pode ser sintetizada da seguinte forma:

Processos Relacionais	**Processos Materiais**
(É) Primeira do Brasil *(É)* Tropa de elite *(Se)* A Pátria *(for)* ameaçada Amigo *(será)* o meu fuzil Seu peito, *(é)* uma couraça Seu avanço, *(é)* um furacão *(Os cadetes da 4ª Cia têm)* Fibra, coragem, vontade de lutar. O pantaneiro é raça, é força, é fibra e lamaçal *(Tem)* Vibração e muita garra A vida é combate e trabalho pela selva. *(Somos)* Homens fortes e arrojados *(Estamos)* Sempre prontos a lutar Décimo Segundo é muito duro de enfrentar *(O guerreiro de selva tem)* Coragem! Vontade! Fibra e União! *(Os cadetes da Ousada são)* Unidos, coesos, fortes! Etc...	Cumpre a missão Conquista do inimigo a nobre posição Inimigo derrotado pelas garras do leão A Leões de guerra cumpre além do dever Usar o fuzil contra o inimigo O invasor hostilizar Entrego a alma, meu suor e vibração Cadetes da Guerreira lutarão pelo Brasil Sai da frente Que a terceira vai cumprir sua missão! O guerreiro canguçu da selva surgirá Na mata, ataca cumpre sua missão Canguçu entra em ação Se camufla no terreno pro inimigo emboscar Protege a Amazônia contra o ataque do inimigo O Nono Pelotão que vai cumprir sua missão O guerreiro da selva cumprindo qualquer missão Caçadores a emboscar a tropa inimiga Etc...
NÓS SOMOS!	**NÓS FAZEMOS!**

Esses dois processos traduzem, portanto, a premissa básica que assevera a natureza dos gritos de guerra como uma prática que se traduz no desejo de um grupo identificar-se como detentor de características e de capacidades que o tornam digno de admiração.

Certamente trata-se do elemento contínuo que permanece imutável na linha do tempo dos gritos de guerra. É a busca para revelar a grandeza do grupo aos olhos de outros grupos, mostrando-se capaz de sobrepujá-los em talentos, em firmeza de propósito e, se preciso for, em poder de combate. Cria-se, dessa forma, a representação, não de indivíduos com suas idiossincrasias, mas de um conjunto indissociável que está forjado nas lides da guerra para vencer toda sorte de desafios. Se antes os homens das batalhas tinham que gritar ao seu oponente o quanto estavam tomados de coragem e o quanto eram fortes para despertar no inimigo o temor da luta, hoje, mesmo distante do campo de luta, o homem dos tempos moderno continua sentindo a necessidade de lançar gritos de guerra em exercícios de manutenção da integridade grupal.

Destaca-se nessa reiteração desses processos, por outro lado, a caracterização dos gritos de guerra como um gênero discursivo fundamentalmente institucional. Os processos relacionais, de caráter atributivo, associam ao portador atributos que o caracterizam de um modo particular a fim de torná-lo parte da instituição. Ressalta-se nessa organização da linguagem o propósito de se instaurar o modo se SER dos militares (cadetes), identificando-os com atributos que devem ser internalizados, por se relacionarem à própria caracterização da profissão militar. Já os processos materiais evidenciados cumprem o propósito de colocar, implícita ou explicitamente, os atores sociais realizando ações que corroboram com a ideia de que os integrantes da instituição devem estar prontos (e determinados) para agir. Evidencia-se, assim, a valorização do FAZER como marca das atitudes que devem orientar o exercício da profissão, quer diante de um inimigo factual ou apenas potencial, quer diante de todas as situações que ameacem a segurança nacional. Por meio desses dois processos, portanto, difundem-se crenças e valores acerca dos modos de ser e de agir legitimados pela instituição.

Para atender a esses propósitos, é de grande pertinência a seleção dos elementos linguísticos dentro das possibilidades que são disponibilizadas para os sujeitos no contexto em que se dá essa prática discursiva. A seleção lexical, portanto, é o insumo para a projeção das concepções de mundo que são desejáveis, como demonstrado no quadro abaixo:

ESCOLHAS LEXICAIS	**Substantivos/ Expressões substantivas**	dor paz tropa fibra ação força selva fuzil glória moral Brasil guerra missão inferno chivunk vibração guerreiro caçadores determinação	suor raça peito dever união lanço amigo Pátria Perigo avanço furacão cadetes pelotão invasor homens inimigo couraça combate coragem	leões de guerra vida insana garras do leão amor pela nação vontade de lutar		**SELEÇÃO DE PALAVRAS DENTRO DO CAMPO SEMÂNTICO DE "GUERRA".**
	Adjetivos/ Expressões adjetivas	fortes guerreira derrotado arrojados	poderosa inimiga ousada coesos	ameaçada intrépida unidos imbatíveis	sem temer com garra sem medo	
	Verbos/ Expressões verbais	ataca protege cumpre camufla conquista	lutar caçar cumprir avançar enfrentar emboscar hostilizar	lutarão	arranca-toco treme-terra sai da frente entrego a alma	

Podemos perceber que os elementos lexicais presentes nos gritos de guerra somam-se para a formação de um todo harmônico que se reflete em um sistema definido em termos de coesão e de coerência. O léxico selecionado não apenas representa a materialidade das ideias, mas, e acima de tudo, é insumo para a construção dos processos relacionais e materiais que são necessários para que se alcance o propósito que se tem em mente. Dessa forma, a seleção de palavras *dentro (ou que se aproximam) do campo semântico de "guerra"* resulta em uma elaboração textual que tem a finalidade de atender a uma função específica no campo militar: **evidenciar as concepções que norteiam as relações sociais que os homens estabelecem com o propósito de fazerem a guerra ou de se prepararem para ela**.

Nesse processo de seleção lexical para a composição dos gritos de guerra, alguns termos ou expressões são mais recorrentes, como apresentado no quadro abaixo:

TERMOS OU EXPRESSÕES	OCORRÊNCIAS
Brasil + Pátria + Nação	24 vezes
fibra + vibração + raça + garra	12 vezes
selva + Amazônia	11 vezes
inimigo(a) + invasor	8 vezes
cumprir a missão	5 vezes
Guerra	5 vezes

Tais elementos, não por acaso, sintetizam a ideia de formação do espírito militar devotado a cumprir a missão de servir a Pátria, defendendo com fibra, se necessário por meio da guerra, o território nacional da cobiça de inimigos. Como se pode depreender, essa reiteração de ideias retrata a própria razão de ser da profissão militar.

6.2 Considerações Parciais

Nessa breve análise de uma célula da linguagem militar, foi-nos possível perceber que a organização e a composição do sistema linguístico nos gritos de guerra, em termos de representação das experiências dos indivíduos no ambiente de fomentação do espírito militar, reflete o papel funcional da linguagem.

Quando os cadetes lançam seus gritos de guerra, não apenas se identificam como componentes de um grupo coeso, mas também difundem convicções institucionais, em um exercício de manutenção e de fortalecimento do espírito militar.

O modo de se perceber a natureza de tudo que diz respeito à guerra, de como se identificar e de como se comportar diante de seus pares e de seus "oponentes" (não necessariamente inimigos) refletem crenças e valores institucionalmente constituídos, ideias que podem ser vistas como inerentes à própria natureza que se atribui ao militar.

Diante dessas considerações, todos os aspectos apreendidos em nossa análise da macrofunção ideacional de Halliday conduzem-nos a uma compreensão de como os gritos de guerra se organizam funcionalmente para a criação da ideia de um ambiente, senão de guerra,

pelo menos um em que se deve pensar, agir e se expressar em termos de guerra. Tal percepção deixa mais clara sua coerência na medida em que se consubstanciam na ideia de que a linguagem organiza-se em favor da construção de um ambiente em que se "comunica por meio da linguagem da guerra", difundindo um modo particular de se perceber o mundo, refletindo o modo como os próprios indivíduos devem estar inseridos no contexto militar.

6.3 Representação dos Atores Sociais nos Gritos de Guerra Militares

Como uma forma de representar o mundo, os discursos são veículos de percepções que os indivíduos têm da realidade, das relações interpessoais que estabelecem ou de crenças que querem disseminar em um contexto sócio-histórico definido. As representações, assim, refletem o próprio modo como os indivíduos situam-se no mundo.

Partindo desse pressuposto, é nosso intuito analisar como se coadunam as funções sociais da linguagem e a organização do sistema linguístico, em termos de representação de mundo e dos atores sociais nos discursos, a partir das categorias sócio-semânticas de representação dos atores sociais de Van Leeuwen(1997). Buscamos assim explicitar como se dá a inserção dos militares nas práticas sociais da caserna, para compreendermos as escolhas representacionais que são feitas, tendo em vista que cada cultura, ou contexto de uma cultura, tem a sua forma específica de representação do mundo social (Cf. VAN LEEUWEN, 1997, p. 171).

A percepção acerca do papel desempenhado pelos sujeitos sociais, nessa abordagem, reflete-se nas escolhas linguísticas que são feitas, com vistas a uma construção textual que sirva ao propósito da situação comunicativa em questão. Isso significa que a linguagem é organizada para uma dada função social e, extrapolando o simples intuito comunicativo, participa na percepção que os indivíduos têm do mundo e na própria inserção dos sujeitos na sociedade.

Buscamos identificar como os discursos constroem representações dos sujeitos e como tais representações estão envolvidas no processo de construção simbólica da própria instituição. Nosso propósito, a partir das categorias sócio-semânticas apresentadas por Van Leeuwen (1997), que trata das formas como os sujeitos sociais são representados nos discursos, "é investigar que opções são feitas, [...] por que é que estas escolhas são feitas, que

interesses é que as servem, e que propósitos são alcançados"(VAN LEEUWEN, 1997, p. 187).

Partimos do pressuposto de que as opções feitas, dentro das possibilidades disponibilizadas pelo sistema linguístico, para a representação dos atores em situações específicas da vida social, não são casuais e que estão sempre operando na construção de sentidos pertinentes que, implícita ou explicitamente, revelam suas motivações.

Das categorias elencadas por Van Leeuwen (1997), detalharemos a seguir apenas aquelas que efetivamente encontramos em nosso *corpus*, para não ampliar muito os limites dessa dissertação e para não sobrecarregar o leitor com informações que, apesar de importantes para o analista, não se evidenciaram em nossa análise. As características lexicogramaticais das categorias serão apresentadas junto com a análise. Ademais, o texto de Van Leeuwen onde todas as categorias são descritas detidamente encontra-se disponível em inglês e, felizmente, em tradução em língua portuguesa.

- **Inclusão**: quando os atores sociais são textualmente marcados, revelando-se sua participação nos eventos discursivos.
- **Exclusão**: quando os atores sociais são eliminados ou afastados dos eventos discursivos em que deveriam tomar parte.
- **Coletivização**: quando os atores sociais são coletivizados, inseridos em uma entidade a qual pertencem e que agrega todos os indivíduos de uma mesma ordem ou natureza.
- **Assimilação**: quando os atores sociais deixam de ser referenciados em sua individualidade e passam a compor um grupo pelo qual são representados.
- **Supressão**: quando os atores sociais são excluídos do texto de modo a não deixar qualquer marca que os identifique. As formas mais usuais empregadas para esse fim são: o apagamento do agente da passiva, a nominalização e o emprego de orações infinitivas.

No quadro abaixo, procuramos, após extrair dos gritos de guerra as expressões com as quais se faz referência aos atores sociais, estabelecer, dentre as categorias de Van Leeuwen, aquelas que contemplam os modos de representação dos militares:

GRITO DE GUERRA	EXPRESSÕES QUE DESIGNAM OS ATORES SOCIAIS	CATEGORIA DE REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS
Texto 1 Básico! Leões de guerra! Brasil! 1ª Companhia do Curso Básico	• Básico • Leões de Guerra	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 2 **E a Primeira!** Na paz Na guerra Na ponta do fuzil Primeira de Guerra Primeira do Brasil Tropa de elite Que cumpre a missão Conquista do inimigo A nobre posição Suor estampado Com raça e vibração Inimigo derrotado pelas garras do leão Primeira de Guerra Brasil! 1ª Companhia do Curso Básico	• Primeira • Tropa de elite • Leão	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 3 **Leões!** Além do dever – de guerra! 1ª Companhia do Curso Básico	• Leões (designação da companhia)	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 4 Básico! Pantera! Brasil! 2ª Companhia do Curso Básico	• Básico • Pantera	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização

Texto 5 Homens fortes e arrojados Sempre prontos a lutar O fuzil contra o inimigo E o invasor hostilizar Pátria, avante! Entrego a alma, meu suor e vibração Sem temer a vida insana Com amor pela nação Pantera! Brasil! 2ª Companhia do Curso Básico	• Homens fortes e arrojados • "eu" • Pantera (símbolo da companhia)	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 6 Básico! Águia! Brasil! 3ª Companhia do Curso Básico	• Básico • Águia	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 7 **Águia, ao combate!** A Pátria ameaçada Amigo o meu fuzil Cadetes da Guerreira Lutarão pelo Brasil Seu peito uma couraça Seu avanço um furacão Sai da frente Que a Terceira vai cumprir sua missão! 3ª Companhia do Curso Básico	• Águia (símbolo da companhia) • Cadetes da Guerreira • "eu" (meu fuzil) • A Terceira	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 8 Básico! Chivunk! Brasil! 4ª Companhia do Curso Básico	• Básico • Chivunk	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização

Texto 9 **É fibra!** Fibra, coragem, vontade de lutar O guerreiro canguçu da selva surgirá Na mata, ataca, cumpre sua missão Quando avista o inimigo, canguçu entra em ação Com garra, sem medo, pronto pra avançar Se camufla no terreno pro inimigo emboscar Canguçu! Selva! Brasil! 4ª Companhia do Curso Básico	• Guerreiro canguçu	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 10 **À Pátria!** Tudo se dá Nada se pede Nem mesmo compreensão! 3º Pelotão do Curso Básico		Exclusão ⇩ Supressão
Texto 11 E o pantaneiro! É raça, é força, é fibra e lamaçal Vibração e muita garra pra lutar no Pantanal Pantaneiro! Brasil! 4º Pelotão do Curso Básico	• pantaneiro	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 12 Vida! Combate! Trabalho! Selva! 5º Pelotão do Curso Básico		Exclusão ⇩ Supressão

Texto 13 Avante, guerreiros! Na selva e no perigo Protege a Amazônia contra o ataque do inimigo Manitu! Selva! 5º Pelotão do Curso Básico	• guerreiros	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 14 **Maldito!** Sem dor não há glória! 6º Pelotão do Curso Básico	• Maldito	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 15 Sozinhos somos fortes Unidos, imbatíveis O que chamam de inferno Nós chamamos de lar Marupiara! Selva! 7º Pelotão do Curso Básico	• "nós"	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização

Texto 16 Em meio à mata densa Um charco e lamaçal Um pelotão de selva Vem com fibra e moral Com raça, com força E determinação É o Nono Pelotão que vai cumprir sua missão Jaguatirica! Selva! 9º Pelotão do Curso Básico	• Um pelotão de selva • Nono Pelotão • Jaguatirica	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 17 **Onça ao ataque!** Décimo Segundo é muito duro de enfrentar Com o lanço da onça todo tempo a caçar Coragem! Vontade! Fibra e União É o guerreiro da selva cumprindo qualquer missão A selva! A onça! Caçadores a emboscar A tropa inimiga que tenta avançar Onça! Chivunk! Brasil! 12º Pelotão do Curso Básico	• Onça (símbolo do pelotão) • Décimo Segundo • guerreiro da selva	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 18 Avançado! Pioneira! Brasil! 1ª Companhia do Curso Avançado	• Avançado • Pioneira	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização

Texto 19 Ousada! Unidos, coesos, fortes! 2ª Companhia do Curso Avançado	• Ousada (designação da companhia) • "nós"	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 20 Avançado! Ousada! Brasil! 2ª Companhia do Curso Avançado	• Avançado • Ousada	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 21 Avançado! Intrépida! Brasil! 3ª Companhia do Curso Avançado	• Avançado • Intrépida	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 22 Avançado! Guerreira! Brasil! 4ª Companhia do Curso Avançado	• Avançado • Guerreira	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 23 Infantaria! Arranca-Toco! Brasil! 3º Ano do Curso de Infantaria	• Infantaria • Arranca-Toco	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização

Texto 24 Infantaria! Treme-Terra! Brasil! 4º Ano do Curso de Infantaria	• Infantaria • Treme-Terra	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 25 Cavalaria! Curso de Cavalaria	• Cavalaria	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 26 Artilharia! Poderosa! Brasil! Curso de Artilharia	• Artilharia • Poderosa	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 27 Engenharia! Ao braço, firme! Curso de Engenharia	• Engenharia	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 28 Intendência! Suprir, lançar, servir! Curso de Intendência	• Intendência	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização
Texto 29 Material Bélico! Brasil! Curso de Material Bélico	• Material Bélico	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização

Texto 30 Comunicações! Arma do comando! Brasil! Curso de Comunicações	• Comunicações • Arma do Comando	Inclusão ⇩ Assimilação ⇩ Coletivização

Quantificando os dados que resultam dessa análise, considerando as macrocategorias de inclusão e exclusão, temos a seguinte representação:

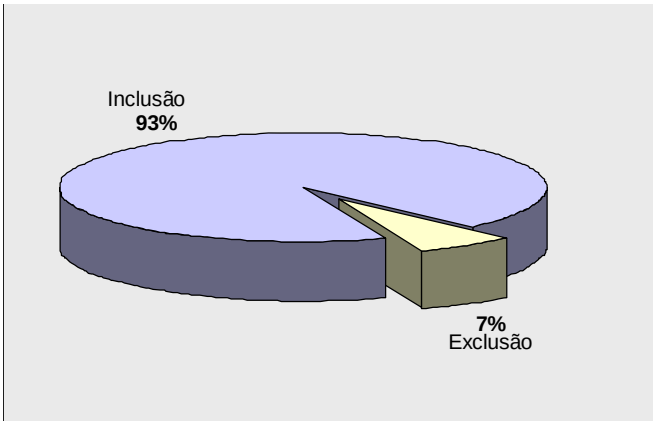


Figura 6.2: Inclusão e exclusão dos atores sociais nos gritos de guerra

6.3.1 Representação por Inclusão

A análise acima nos revela que os atores sociais são incluídos em 28 dos 30 gritos de guerra, o que corresponde a aproximadamente 93% do *corpus*, nos quais os militares são representados de modo coletivizado. Seja por meio de animais que simbolizam o pelotão ou a companhia (*Águia, Onça, Leões e Pantera*), seja por meio de expressões que designam o grupamento (*a Guerreira, a Terceira, a Ousada, a Arranca-Toco, a Treme-Terra, etc*), seja pelo emprego de outros elementos lexicais que designam todos os cadetes de um determinado grupamento (*guerreiro da selva, Homens fortes e arrojados, etc*), seja ainda pelo uso de pronomes na primeira pessoa do plural (*nós*), verbalmente expresso ou elíptico, os sujeitos são incorporados a uma ideia de existência grupal. Temos, nessas designações dos cadetes, a

"desindividualização" dos atores sociais, o que nos leva a concluir acerca da valorização da ideia de coletividade nas práticas discursivas atinentes à instituição militar. De acordo com as categorias de representação dos atores sociais postuladas por Van Leeuwen (1997), podemos dizer que os militares são representados nos gritos de guerra pela categoria da assimilação (fusão de partes em um só corpo), pois cada indivíduo perde sua identificação própria para fazer parte de um conjunto, por meio do qual passará a ser representado.

Como a *assimilação* pode processar-se de duas formas (*agregação*= indivíduos tratados como dados estatísticos, e.g. 20% da população; e *coletivização*= indivíduos tratados como grupo, e.g. os estudantes/ os brasileiros) verificamos que os atores sociais nas situações em foco são representados por essa última estratégia, pois o que temos são apenas referências a grupos militares (pelotão, companhia ou outras formas de representação grupal). É o indivíduo existindo dentro de um grupo, no qual não há individualização, pois todas as identidades se aglutinam na formação de uma só.

As frases: *Entrego a alma, meu suor e vibração e Amigo o meu fuzil*, textos 05 e 07, respectivamente, caracterizam as únicas ocorrências da primeira pessoa do singular. Contudo, trata-se do que podemos chamar de um eu "pluralizado", de uma abstração que não reflete um sujeito empírico individualmente caracterizado. Portanto não podemos falar em determinação[18] de um sujeito particularizado, pois ele está assimilado e somente se revela no grupo.

Dentro ainda do processo de inclusão dos atores sociais, há nos textos de número 2, 5, 7, 9, 13, 15 e 17, a referência a alguém externo ao grupamento, um elemento hostil, uma ameaça. Esse modo de representação do militar, diferenciando-o quer física quer moralmente do outro, do "inimigo a ser combatido", trata-se de uma prática discursiva muito usual no processo de adestramento do militar, pois é eficaz em levar o indivíduo a "vestir a camisa", a identificar-se com uma determinada ideologia que lhe é apresentada como a legítima representante dos interesses do grupo e, em uma esfera mais ampla, dos interesses nacionais. Cria-se, dessa forma, a figura do "nós" e a do "outro", a do defensor do solo pátrio e a do invasor que deve ser vencido, representando os atores sociais por meio da categoria que Van Leeuwen define como *diferenciação*[19].

[18] Ocorre a determinação quando a identidade dos atores sociais é de alguma forma especificada. (CF. Van Leeuwen, 1997, p. 198).

[19] Ocorre a diferenciação quando se contrapõem atores sociais, estabelecendo explicitamente a diferença que os distingue. (CF. Van Leeuwen, 1997, p. 199).

No que diz respeito às duas grandes categorias, a *inclusão* e a *exclusão*, suporte de todas as outras, temos então que os atores sociais (os cadetes) não estão excluídos nas práticas sociais. Ao contrário, são textualmente identificados, embora não tratados em sua individualidade, mas por meio de termos que os especificam como um determinado grupo. Estão, assim, incluídos de modo a figurarem como sujeitos detentores de atributos que são exaltados e como potenciais realizadores (de uma maneira até idealizada) das ações apresentadas. Contudo essa inclusão não se opera nominalmente, porque a primazia é do grupo e não dos sujeitos individualizados. Dessa apreciação, consideramos que a representação dos atores sociais nos gritos de guerra processa-se por meio das seguintes categorias:

- **Personalização**, uma vez que os atores sociais são representados como seres humanos. Embora a referência muitas vezes seja por intermédio de um grupamento ou até mesmo de um animal, os militares são retratados por meio de realizações humanas.
- **Especificação**, tendo em vista não se tratar de quaisquer cadetes, mas de cadetes de um determinado grupamento, como os da 3a Companhia (em *Cadetes da Guerreira lutarão pelo Brasil)*, como os da 4a Companhia (em *O guerreiro canguçu da selva surgirá*), dentre outros. Essas formas utilizadas mostram que a caracterização e as ações apresentadas não são universalmente associadas a todos os cadetes, indistintamente, mas a grupos de cadetes que se destacam de outros grupos.
- **Assimilação**, já que são tratados não na sua individualidade, mas assimilados como grupos. Não há um tratamento individualizado a cadetes nominalmente reconhecidos, pois, em um processo de assimilação, todas as individualidades juntam-se em uma unidade grupal.
- **Coletivização**, pelo uso de termos que dão primazia ao coletivo sobre o indivíduo, como pode ser observado em: *Cadetes da Guerreira lutarão pelo Brasil; Décimo Segundo é muito duro de enfrentar* etc.

Essa relação das categorias por meio das quais se processa a representação por inclusão dos atores sociais nos gritos de guerra, conforme o diagrama de Van Leeuwen, pode ser assim apresentada:

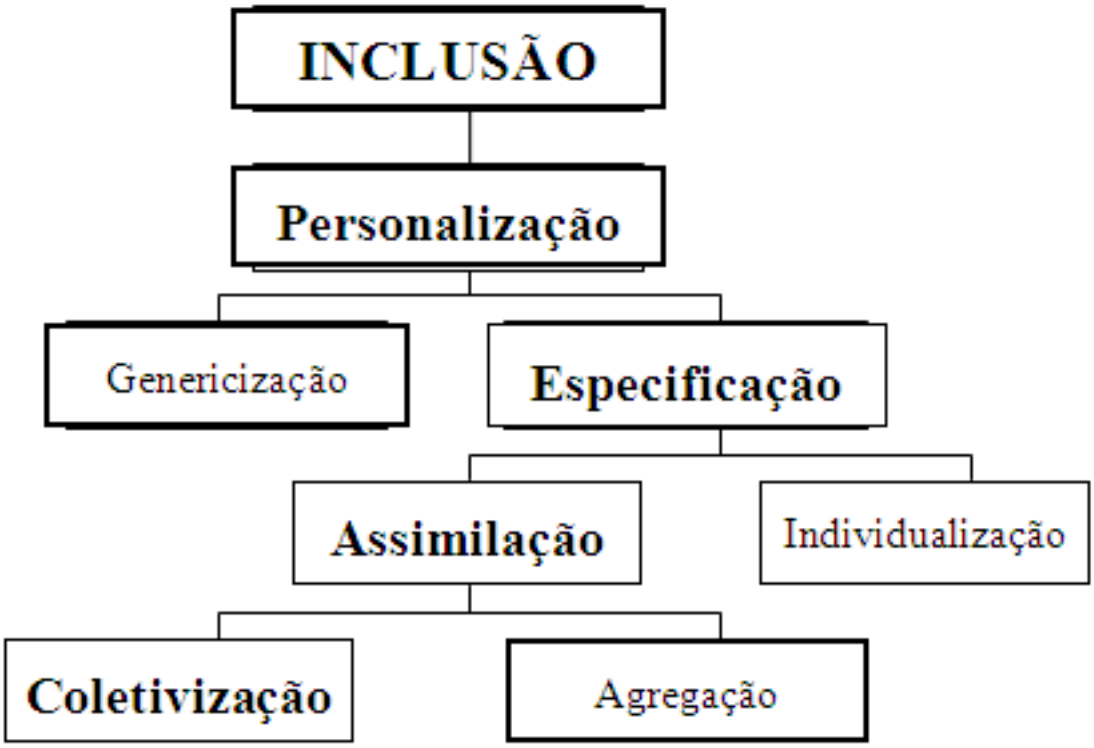


Figura 6.3: Processo de inclusão dos atores sociais nos gritos de guerra

6.3.2 Representação por Exclusão

Uma outra particularidade que se evidencia em nossa análise faz-se presente nos textos 10 e 12. Nesses gritos de guerra, não há referência a um sujeito, pois os atores sociais são excluídos por meio da *supressão*. No primeiro desses textos, utiliza-se a voz passiva pronominal, apagando-se, assim, o agente da passiva (*À Pátria tudo se dá, nada se pede, nem mesmo compreensão*). No segundo, a construção é feita apenas com substantivos (*vida, combate, trabalho, selva*) sem a identificação dos atores sociais que se identificam com a selva (referência à Floresta Amazônica) e em cuja defesa empenhariam a vida, combateriam e trabalhariam.

No organograma abaixo, apresentamos como se processa a exclusão dos atores sociais nos gritos de guerra em questão:

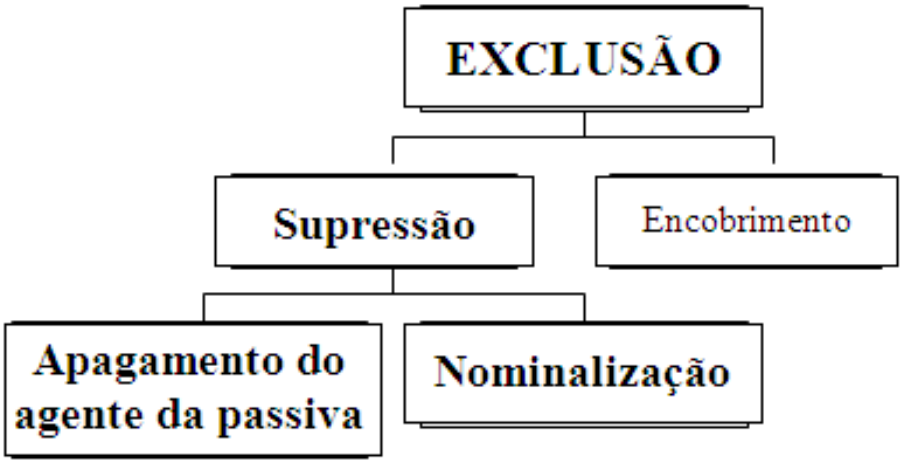


Figura 6.4: Processo de exclusão dos atores sociais nos gritos de guerra.

Partindo da categoria da exclusão, ocorre a supressão dos atores sociais, haja vista não serem resgatáveis em qualquer momento na estrutura textual, o que ocorreria caso houvesse apenas o seu encobrimento, um tipo de exclusão que deixa vestígios.

Por fim, nos dois gritos de guerra supracitados, temos a supressão em suas duas subcategorias, o apagamento do agente da passiva e a nominalização, que, como já foi dito, apresentam-se como estratégias para se manter distanciados os sujeitos da materialidade reveladora dos discursos. Se pensarmos em termos sistêmico-funcionais, estamos diante do efeito da **escolha**: o emissor dos gritos de guerra poderia ter se incluído no texto, mas não o fez − e isso quer dizer alguma coisa.

Podemos inferir, a partir dos dados, que a ênfase não reside nos atores sociais, mas nos ideais pelos quais se deve zelar: o de dar tudo à Pátria sem nada exigir como recompensa e o de levar uma vida de trabalho em prol do que seria o objetivo norteador da instituição: o zelo pela soberania do território nacional. Assim, não se destacam os atores sociais que estariam por trás dessas práticas. Ao contrário, o que é colocado em primeiro plano é aquilo que deve ser considerado como a verdade a ser seguida, independente de quem o faça. Trata-se, portanto, de uma estratégia de se colocar uma ideia como princípio geral que precede à própria identidade dos indivíduos.

Diferentemente dos demais gritos de guerra, em que se identifica o grupamento e se faz ver a força, a resistência e a coragem de seus integrantes, nestes proclama-se a abnegação pela qual se deve pautar a profissão das armas. Independente de quem sejam os atores sociais, a dimensão do cumprimento do dever permanece inalterada.

6.3.3 Reflexo de Discursos Institucionais na Coletivização dos Atores Sociais

Podemos constatar nos gritos de guerra que o modo de se perceber a inserção dos atores sociais revelam-se reiterados nos discursos dos diversos grupamentos. Tal modo de se perceber o papel a ser desempenhado pelos militares nos discursos não é casual. Ele reflete a percepção que se tem do militar nas práticas castrenses e traz em si reflexos de diretrizes que norteiam a vida militar, como podemos constatar na definição de espírito de corpo em portaria do Exército, que traz claramente o valor da coletividade, ideal que deve prevalecer na profissão das armas, como mostra o fragmento que se segue[20]:

ESPÍRITO DE CORPO

- É orgulhar-se:
  . do Exército Brasileiro;
  . da Organização Militar onde serve;
  . da sua profissão;
  . da sua arma ou especialidade;
  . de seus companheiros.
- Deve ser entendido como um "**orgulho coletivo**", uma "**vontade coletiva**".
- O espírito de corpo reflete o grau de **coesão** da tropa e de **camaradagem** entre seus integrantes.
- Exteriorizar esse valor por meio de: canções militares, gritos de guerra e lemas evocativos; uso de distintivos e condecorações regulamentares; irretocável apresentação e, em especial, do **culto aos valores e às tradições** de sua Organização.

In: PORTARIA Nº 156, de 23 de abril de 2002/ Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército/Valores, Deveres e Ética Militares (VM 10) 1ª Edição 2002.

Assim, a escolha que se faz na representação dos atores sociais, presentes na quase totalidade dos textos analisados, confirma que "Alguns discursos, em contextos sócio-históricos definidos, apresentam um alto grau de compartilhamento e repetição, podendo gerar muitas representações e participar de diferentes tipos de texto" (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 71). E é exatamente esse *compartilhamento* que surge como uma das marcas que mais se evidenciam na natureza dos gritos de guerra.

Os discursos institucionais reverberam naqueles difundidos pelos vários grupamentos ao bradar seus gritos de guerra. Dessa forma, os discursos da instituição e os discursos dos

[20] Este fragmento, já incluso no Cap. 4, é novamente apresentado aqui devido a sua importância na comprovação do valor da coletividade para a instituição.

cadetes são, na verdade, um só, resultado de propósitos definidos e conduzidos em favor da consolidação da própria instituição: é a precedência dos ideais institucionais sobre a individualidade dos militares, entendimento este que também encontramos em Gouveia (1997, p. 265):

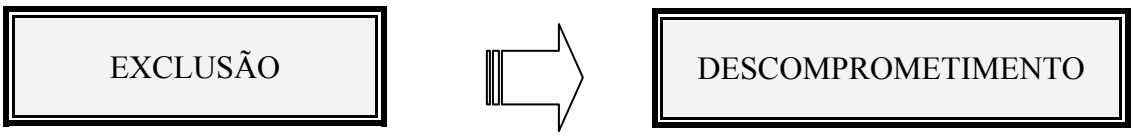
> Como este processo é conseguido não só um aumento de forças e destreza, mas também um incremento da uniformidade no modo de ler e construir socialmente a realidade, porque uma das características da instituição militar radica no seu interesse em projetar os seus próprios pontos de vista e a sua interpretação do mundo.

6.3.4 Considerações Parciais

Podemos considerar que as formas de representação dos atores sociais observadas nesta análise traduzem-se nos modos de percepção de mundo da própria instituição. É o indivíduo representado dentro de uma coletividade, sem a qual o indivíduo não se integra às práticas que definem o ambiente de caserna e sem a qual os objetivos definidores da profissão militar não podem ser alcançados.

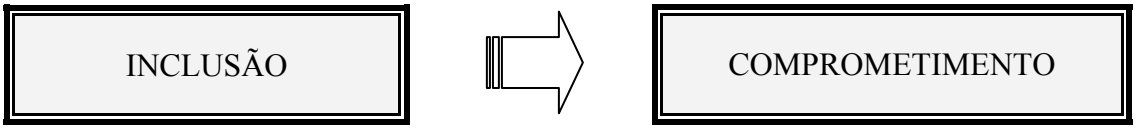
Portanto, nos gritos de guerra, os atores sociais são representados de forma a atender aos interesses institucionais. Com isso, podemos dizer que, nesse gênero discursivo, não se admitem representações por determinação/nomeação dos atores sociais, uma vez que o indivíduo estaria em destaque em detrimento do grupo, que seria posto em segundo plano.

Podemos ainda inferir que a representação dos atores sociais pela estratégia da exclusão é menos usual nos gritos de guerra por *não servir plenamente* aos interesses da instituição, haja vista que excluir os militares dos discursos poderia resultar em certo descomprometimento do indivíduo com os ideais institucionais. Estando o militar ausente dos textos, ele poderia não se perceber como peça integrante da instituição, distinguindo seus discursos dos discursos desta.



Finalmente, a representação dos atores sociais pela inclusão/coletivização pode ser vista como mais usual por *servir plenamente* aos interesses institucionais, pois, sendo

incluídos nos textos, mesmo de modo coletivizado, o militar percebe-se em comunhão com a corporação a que pertence e passa a comungar de suas ideias e de seus valores.



Ao tratarmos do significado ideacional nos gritos de guerra militares, verificamos, portanto, que os cadetes devem passar a absorver perspectivas institucionalizadas da realidade. Gouveia (1997, p. 266) traduz bem essa ideia, ao dizer que "Tornar-se um sujeito militar é, então, tornar-se tanto o produto como o instrumento da instituição para a sua auto-reprodução, tanto o agente como o paciente da disciplina militar...".

Assim, quando os cadetes lançam seus gritos de guerra, não apenas identificam seu grupamento, mas, acima de tudo, expressam ideais necessários para que a instituição continue "marchando" por seus propósitos.

6.4 Representação dos Atores Sociais por Meio de Animais

Nos gritos de guerra, geralmente, nomeia-se o grupando e faz-se referência às suas crenças e aos atributos que são desejados e que se quer fazer crer que sejam inerentes aos seus componentes. Esse "fazer crer" deve ser entendido não como um fingimento, mas como um trabalho de persuasão do militar sobre aquilo que ele é ou pode vir a ser e de despertar naqueles que são alheios ao grupo a admiração ou temor pelos atributos que aqueles que lançam o grito de guerra dizem possuir ou, ao menos, afirmam estar dispostos a desenvolver. Da mesma forma, fala-se de valores e de comportamentos que são ou que devem ser incorporados por aqueles que pertencem ao grupo considerado.

Nessa prática dos gritos de guerra, é comum identificar o grupamento com um animal que, por sua natureza, traz características que são consideradas desejáveis, tais como a força, a resistência, a garra, a virilidade e o instinto guerreiro. Tal prática pode ser percebida em gritos de guerra de pelotões e de companhias de cadetes do Curso Básico.

Nessa particularidade de representação do homem por meio de animais, repousa o interesse da presente sessão. Analisamos, com base nas categorias sócio-semânticas de

representação dos atores sociais de Van Leeuwen (1997), como se dá a referenciação aos cadetes por meio de animais nos gritos de guerra dos variados grupamentos.

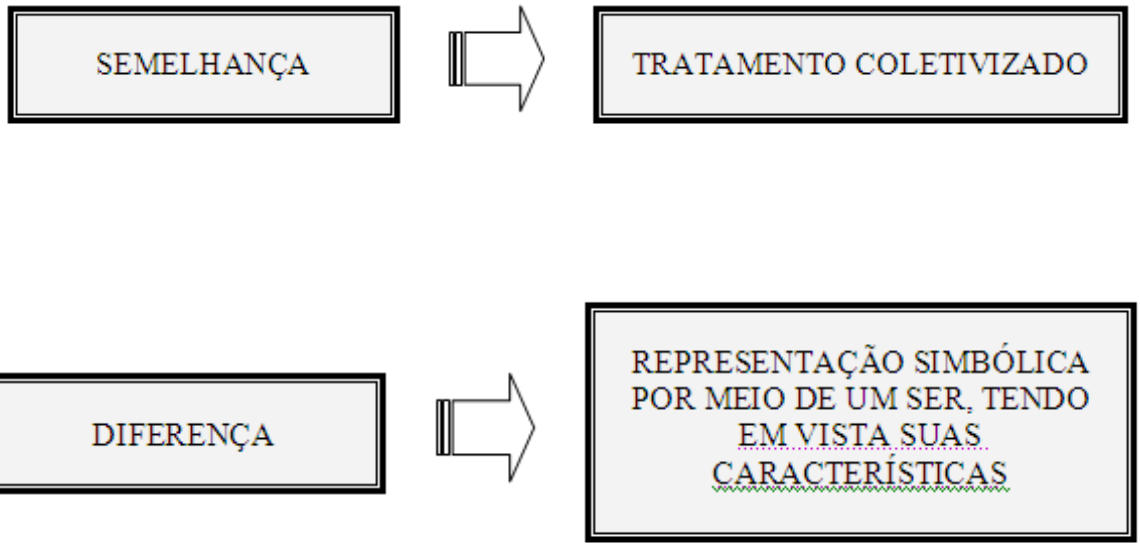
Para a presente análise, foram selecionados 8 (oito) gritos de guerra, dentre os 30 (trinta) que compõem o *corpus* desta pesquisa. Dentre aqueles que faziam referência a animais, foram escolhidos os textos que traziam mais claramente esse modo de identificação dos militares e não a simples menção ao animal escolhido como símbolo do pelotão ou da companhia. Dessa seleção, extraímos as seguintes relações:

Gritos de guerra	**Animal que representa os atores sociais**	**Expressões que estabelecem a relação entre os animais e os atores sociais**
<u>Texto 1</u> **E a Primeira!** Na paz Na guerra Na ponta do fuzil Primeira de Guerra Primeira do Brasil Tropa de elite Que cumpre a missão Conquista do inimigo A nobre posição Suor estampado Com raça e vibração Inimigo derrotado pelas garras do leão Primeira de Guerra Brasil! 1ª Companhia do Curso Básico	leão	Inimigo derrotado pelas garras do leão

<u>Texto 2</u> **Águia, ao combate**! A Pátria ameaçada Amigo o meu fuzil Cadetes da Guerreira Lutarão pelo Brasil Seu peito, uma couraça Seu avanço, um furacão Sai da frente Que a Terceira vai cumprir sua missão! 3ª Companhia do Curso Básico	águia	Águia, ao combate!
<u>Texto 3</u> **É fibra!** Fibra, coragem, vontade de lutar O guerreiro canguçu da selva surgirá Na mata, ataca, cumpre sua missão Quando avista o inimigo, Canguçu entra em ação Com garra, sem medo, pronto pra avançar Se camufla no terreno pro inimigo emboscar Canguçu! Selva! Brasil! 4ª Companhia do Curso Básico	canguçu	...canguçu entra em ação, com garra, sem medo
<u>Texto 4</u> **Onça, ao ataque!** Décimo Segundo é muito duro de enfrentar Com o lanço da onça todo tempo a caçar Coragem! Vontade! Fibra e União É o guerreiro da selva cumprindo qualquer missão A selva! A onça! Caçadores a emboscar A tropa inimiga que tenta avançar Onça! Chivunk! Brasil! 12º Pelotão do Curso Básico	onça	Onça, ao ataque!

A partir do exposto, buscamos identificar como esse tipo de representação dos militares por meio de algum animal se associa às categorias postuladas por Van Leeuwen.

Por um lado, ao se representarem os atores sociais por referência a um outro ser (uma ave, um felino etc) que os identifique como um grupo, é dado aos indivíduos um tratamento de ordem coletiva; por outro lado, parece-nos haver algo diferenciador nesse processo de representação que o distingue dos demais que também se definem pelo aspecto da coletivização. Dizer que "a Terceira vai cumprir sua missão" (texto 2), caracterizando coletivamente os atores sociais como a "Terceira" (Terceira Companhia); e dizer "inimigos derrotados pelas garras do leão" (texto 1), fazendo referência aos atores sociais (cadetes de 1ª Companhia) por meio desse animal, evidenciam, sem dúvida, um aspecto comum a essas duas formas de representação: a definição de uma coletividade. Entretanto, conquanto essa similaridade, os dois modos de referenciação dos atores sociais distanciam-se quando se leva em consideração que uma é feita utilizando-se um elemento destituído de características próprias (a Terceira Companhia) e a outra é feita utilizando-se um elemento que, por si só, já é possuidor de características que lhe são imputadas pela nossa sociedade (o leão). E o que torna o leão propício a ser tomado como referenciador é exatamente o fato de a ele terem sido relacionados tais atributos.



Se, como vimos, a coletivização não contempla plenamente esse tipo de representação por meio de animais, há uma outra categoria sócio-semântica de representação dos atores sociais que, à primeira vista, poderia solucionar esse problema. Partindo do pressuposto de

que os militares são simbolizados por um animal, poderíamos pensar que ocorreria nessas situações a categoria nomeada por Van Leeuwen como **Simbolização**.

No entanto, percebemos que essa categoria também não contempla o caso particular do uso de animais nos gritos de guerra, uma vez que nela "um ator social ou grupo de atores sociais *ficcionais* representam atores em práticas sociais não-ficcionais" (VAN LEEUWEN, 1997, p. 212). Tal forma de representação é bastante comum na construção de personagens do mundo da ficção, quando a caracterização deles extrapola o próprio ser-personagem ficcional, efêmero e de vida circunscrita às cenas em que atua, e alude a todo um conjunto de atores sociais, histórica e socialmente situados. Um exemplo desse tipo de representação pode se visto no personagem Deputado João Plenário (Figura 6.5), criação do ator e comediante Saulo Laranjeira. Por meio da sátira, esse ser ficcional simboliza todos aqueles políticos que, com discursos confusos e com justificativas vazias, buscam explicar suas falhas políticas e morais.

Figura 6.5: Deputado João Plenário (Fonte: Google imagens)

Na simbolização, portanto, o ator ficcional, o elemento simbolizador, está em uma relação natural com o grupo de atores sociais simbolizados, pois as características definidoras do primeiro são imanentes à caracterização social destes últimos, que são seres reais.

Dessa forma, essa categoria não nos parece contemplar os casos que temos em análise. No caso dos animais que, nos gritos de guerra, simbolizam grupamentos de cadetes, não há uma relação direta e naturalmente constituída entre símbolo e atores sociais, pois um grupo apenas elege um símbolo pelo qual será representado. Nesse caso, geralmente, elege-se um animal que possua atributos valorizados e desejados pelos indivíduos. Assim, ao buscarmos resgatar os atores sociais representados pela águia, por exemplo, não chegamos aos cadetes da 3ª Companhia do Curso Básico, pois há nesse processo o aspecto puramente opcional (mas não aleatório!) que moveu tal grupamento de militares a escolher a águia como seu símbolo.

O que temos, assim, é uma escolha, pois, em vez da águia, os integrantes do grupamento poderiam ter optado por um outro animal de natureza predatória detentor dos mesmos atributos.

Retomando o exemplo do personagem Deputado João Plenário, a sua relação simbólica com um tipo específico de ator social é tão natural que não poderíamos ter nesse personagem ficcional a representação de um outro tipo de ator social apenas por opção. Seria impossível, ao menos para as pessoas que possuem um certo conhecimento do que acontece no mundo da política, desvincular a representação desse personagem da imagem do grupo social composto por todos os políticos que deixam a ética e a moral em segundo plano.

Pela simbolização, portanto, cria-se um personagem ficcional com as características de um ator social ou grupo de atores sociais para que aquele represente este, por meio de uma relação direta, inequívoca e não arbitrária.

Temos então que a Simbolização constitui-se mediante as seguintes premissas:

- Existência de um ator social ou grupo de atores sociais com características (físicas, psicológicas ou comportamentais) como ponto de partida, o princípio norteador da representação.
- Criação de um personagem ficcional com características semelhantes às do ator social ou grupo de atores sociais que se quer representar.

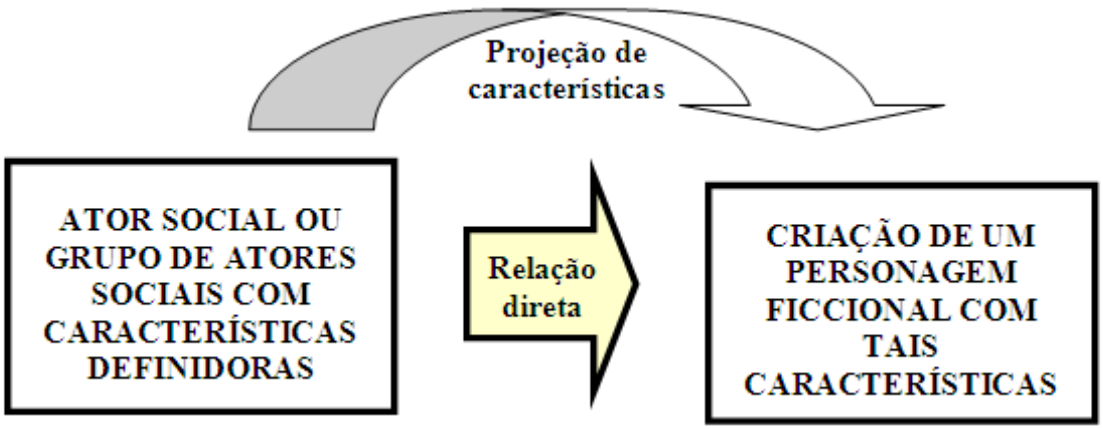


Figura 6.6: Esquema de processamento da representação dos atores sociais pela Simbolização.

- Relação entre um elemento origem e um elemento originado entre ator social ou grupo de atores sociais e símbolo.
- "Vida" do símbolo circunscrita à finalidade de representar os atores sociais a partir dos quais teve origem, não sendo, portanto, independente.
- Relação de espelho entre os elementos; uma relação direta, não arbitrária, pois não é fruto de convenção, de escolha.

Por essa representação dos militares por animais, busca-se um ser real (o leão, a águia, etc), ou mesmo ficcional (o centauro, por exemplo) que, por suas características, passa a representar um ator social ou grupo de atores sociais por meio de uma relação indireta, fruto de escolha.

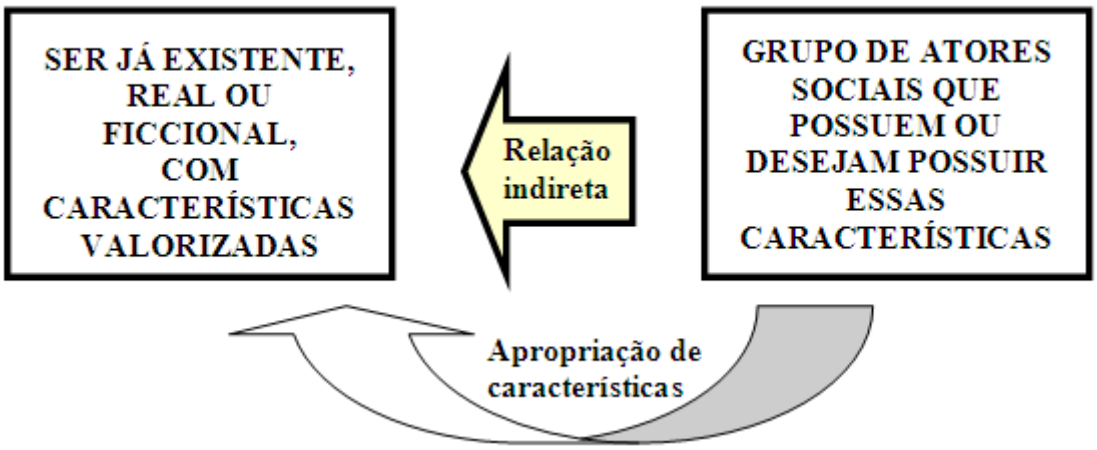


Figura 6.7: Esquema de processamento da representação dos atores sociais pela Apropriação.

Buscando resolver esse tipo de representação presente nos gritos de guerra, sugerimos falar de uma categoria sócio-semântica da APROPRIAÇÃO, pois um ator social ou grupo de atores sociais deixa de ser representado pela sua própria identidade para ser representado por uma outra identidade de que se apropria.

Tal representação pode dar-se tanto por aspectos físicos quanto por aspectos comportamentais. Assim, quando os integrantes da 3ª Companhia do Curso Básico optam pela águia como sua representação, esses atores sociais apropriam-se de aspectos físicos (como a força) e comportamentais (como a bravura, a ousadia, a coragem, o espírito aguerrido etc.) dessa ave para tratar como a sua própria caracterização, haja vista a presença de atributos valorizados pelo grupo.

Da mesma forma que na Simbolização, na Apropriação os atores sociais são representados a partir de percepções valorativas das características do ser representante ou dos atores sociais representados. Nos gritos de guerra, evidenciam-se **percepções valorativas positivas**[21] acerca das características, por exemplo, da águia, as quais os atores sociais desejam possuir e, dessa forma, instauram um processo de apropriação (opcional, como já foi dito) de tais características.

Temos então que a Apropriação constitui-se mediante as seguintes premissas:

- Existência de um ser ficcional ou real com características (físicas ou comportamentais) que lhes são definidoras.
- Existência de um grupo de atores sociais[22] que, por valorizar tais características, elege aquele ser como seu referenciador, apropriando-se de sua imagem e de suas características, e tratando-as como suas.
- Ausência de relação de elemento origem e elemento originado, entre o ser e o grupo de atores sociais.
- Ser de vida independente em relação ao grupo de atores sociais que passa circunstancialmente a representar.
- Relação indireta entre o grupo de atores sociais e o ser; algo arbitrário[23], pois é fruto de convenção, de escolha.

6.4.1 Considerações Parciais

Nesse nosso entendimento da forma de representação dos atores sociais por meio de algum animal, consideramos, portanto, que o sentido que resulta do modo como os indivíduos

[21] Entendemos que, diferentemente do que ocorre nos gritos de guerra, em que a Apropriação se dá a partir de percepções valorativas positivas (pois a finalidade é enaltecer o grupo), pode haver casos que se fundamentem em percepções valorativas negativas, tal como acontece, por exemplo, quando se diz "Eu sou uma anta", construindo-se uma representação do ator social a partir de caracterizadores culturalmente considerados negativos desse animal.

[22] No caso dos gritos de guerra militares, tratar-se-ia de uma situação inusitada um ator social escolher um ser para representá-lo individualmente.

[23] A relação arbitrária entre o significante e o significado do signo linguístico saussuriano é questão muito debatida. Da mesma forma, aqui podemos pensar que há motivações para se optar pela águia para representar um grupamento de militares e não optar, por exemplo, pelo sabiá. Embora tais motivações existam, a relação construída é arbitrária na medida em que tal relação não é natural, mas apenas instituída.

são representados nos gritos de guerra pode transitar entre outras categorias, que não são, dessa forma, estanques e excludentes. Assim, no modo de compreendermos esse tipo de representação dos militares, a APROPRIAÇÃO estaria funcionando em termos de uma subcategoria da COLETIVIZAÇÃO, pois os militares são definidos como um grupo, caracterizando um dos possíveis modos pelos quais os sujeitos sociais podem ser coletivizados.

Figura 6.8: Possibilidades de representação dos atores sociais pela Coletivização

Evidencia-se, nesta abordagem, que, nos gritos de guerra militares, a representação dos atores sociais por meio de referência a algum animal detentor de atributos valorizados pelo grupamento ocorre por uma relação instituída, e não natural, entre um referenciador e os atores sociais. Quando os militares se apropriarem da imagem e das características do ser que elegeram como a caracterização simbólica que os próprios indivíduos atribuem a si, agem de modo a criar uma percepção de si mesmos refletida na percepção valorativa que têm do elemento referenciador. Dessa forma, os indivíduos inscrevem-se na materialidade textual, revelando-se coletivamente sob uma figura dotada de atributos que julgam ser essenciais para a caracterização de si próprios. Da mesma forma, buscam disseminar uma imagem pela qual gostariam de ser percebidos por outros indivíduos ou grupos que também atuam nas práticas sociais em que tomam parte os gritos de guerra. Essa forma de representação, além da função basilar de servir como identidade de um grupo, dizendo quem ele é e como quer ser percebido, tem uma outra função que pode ser definida como a de maior relevo: desenvolver nos integrantes do grupamento o espírito de corpo e o sentimento de pertencimento que os faz orgulharem-se do que são e unirem-se sob uma só identidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos, com a análise dos gritos de guerra militares, compreender um pouco mais desse gênero que compõe o universo discursivo do ambiente militar. Saímos do conhecimento apenas empírico e passamos a sistematizar esse conhecimento. Nossa investigação, desenvolvida com base nos postulados teóricos e metodológicos da Linguística Sistêmico- Funcional, representou uma das inúmeras abordagens possíveis dentro do vasto campo das teorias linguísticas. Representa, pois, apenas uma perspectiva, uma vez que o trato do material linguístico é outro à medida que se muda o investigador, as curiosidades que se quer esclarecer e a fundamentação teórica que, inevitavelmente, refletirá uma forma distinta de se perceber o mundo da linguagem.

O que constatamos em nossa pesquisa baseou-se em observações e estudos de evidências reveladas na própria materialidade dos textos que compõem o corpus de análise. À subjetividade foram sempre antepostas a leitura e a interpretação objetiva de dados e de percepções. Dessa forma, o modo de perceber a linguagem da Linguística Sistêmico-Funcional, com sua consideração basilar do aspecto funcional da linguagem dentro de contextos sociais específicos, propiciou-nos uma análise objetiva na constatação daquilo que os textos nos revelaram na organização, por vezes silenciosa, das ideias e das experiências humanas por meio das palavras. Em um trabalho de "catar feijões" com cada uma dessas palavras, possibilitado em parte pelos instrumentos da Linguística de Corpus, pudemos perceber e ratificar o pensamento hallidayano que nos serviu de epígrafe para a presente dissertação, o de que "a linguagem evolui para atender a necessidades humanas". Alcançamos, assim, respostas para as questões de pesquisa que representaram o ponto de partida de nossas investigações.

Quais características composicionais particularizam os gritos de guerra? Tendo em vista tratar-se de um gênero discursivo inserido em práticas institucionais, foi-nos possível verificar que a instituição se revela nos gritos de guerra, quer textualmente definida quer refletida no espaço silencioso dos discursos: nas percepções de mundo que se busca difundir. Assim, pela análise do significado ideacional de Halliday, evidenciamos que, por meio de escolhas, os gritos de guerra moldam-se e tomam uma dada configuração conforme restrições contextuais pouco flexíveis, para que os textos sejam adequados ao propósito definidor de práticas sociais em ambiente de caserna.

O mapeamento da transitividade, entendida como o modo como as experiências dos falantes são transportadas para a estrutura textual, mostrou-nos que os textos produzidos, e que emanam de relações humanas definidas institucionalmente, refletem pensamentos e práticas basilares desse universo tão específico dentre as atividades humanas. Nos gritos de guerra, ficou patente que a escolha dos elementos linguístico-discursivos está fundamentalmente alicerçada em percepções de mundo institucionais. O ser e o fazer que os processos, respectivamente, relacionais e materiais, nos apontaram representam a institucionalização do discurso, o que faz dos gritos de guerra uma ferramenta valiosa na formação do espírito militar, um caracterizador fundamental na consolidação e na manutenção do *status quo* institucional.

Nessa elaboração da materialidade linguística dos gritos de guerra, portanto, tal configuração é alcançada pela seleção de elementos lexicais inseridos no campo semântico de guerra. E se a guerra, por sua natureza, é agressiva, as palavras são fortes e potencialmente agressivas mesmo quando se fala do soldado defensor da sua pátria, e não apenas quando se faz referência ao inimigo invasor que deve ser combatido, por ora, na curta extensão dos versos.

Todo esse trabalho de ajuste dos gritos de guerra às expectativas institucionais de transformar o homem em soldado é realizado em conformidade com o contexto de situação em que os gritos de guerra estão inseridos. Pela configuração contextual, constatamos que a organização dos textos está de fato circunscrita às particularidades das situações específicas em que ocorrem as práticas sociais e pudemos ver como a relativa estabilidade desse gênero, vista pela perspectiva de sua estrutura potencial, está direta e irremediavelmente sob a regência do contexto militar, com suas prescrições e suas proscrições, suas práticas e seus propósitos. Pelo que pudemos conhecer desse ambiente institucional, acreditamos que a interferência do contexto na organização dos gritos de guerra é bem mais incisiva do que a atuação destes em possíveis mudanças na estrutura contextual, uma vez que, sob nosso entendimento, mudanças nesse gênero discursivo são antecedidas por transformações contextuais provocadas pelas novas maneiras de se perceber as práticas da guerra.

Qual o papel representado pelos militares nos gritos de guerra? Como os indivíduos podem atuar de maneiras distintas nas práticas sociais e como tais modos de atuação inscrevem-se na materialidade textual, buscamos mapear as formas de representação dos atores sociais nos gritos de guerra para melhor compreendermos como a linguagem define e representa o modo de ser e de atuar dos militares em situações do cotidiano.

Pudemos verificar que, na quase totalidade dos textos, é processada a inclusão dos militares, contudo de forma coletivizada. Tal modo de representação dos atores sociais serviu-nos de indício para considerarmos que, no ambiente institucional da caserna, torna-se preponderante que os militares estejam incluídos nos discursos, uma vez que, pela inclusão, seria mais forte nos indivíduos o sentimento de pertencer à instituição e, dessa forma, desenvolver-se-ia um comprometimento maior com os ideais que norteiam a vida castrense. Nesse sentido, são poucos os textos em que não se colocam os militares como participantes ativos no processo de disseminação de ideias. Tal fato se justifica tendo em vista que a exclusão dos atores sociais das práticas difundidas nos gritos de guerra não serve ao propósito maior de colorar os indivíduos em situação de unidade com seu grupamento e com a instituição. Assim, os militares (os cadetes) caracterizam-se nos textos em modos de ser e de agir que os tornam reflexo daquilo que a instituição percebe como os modos de ser e de agir característicos daqueles que optam por seguir a carreira das armas.

Como os gritos de guerra se caracterizam funcionalmente nas práticas sociais em que se inserem? Constatamos que os gritos de guerra já não possuem a mesma funcionalidade de outros tempos, nos quais os homens, muito comumente, tinham nesses gritos uma arma poderosa nos campos de batalha. Aquele cenário romântico, embora nunca bonito, em que guerreiros tinham nos combates a condição inalienável da masculinidade e tinham na vida algo que bravamente se extinguia na honradez da morte em luta, transformou-se à medida que novas tecnologias bélicas foram desenvolvidas e novas concepções de se bater com o inimigo tomaram lugar nas estratégias de combate. O que antes era instrumento de guerra passou a ser instrumento de preparação do espírito de guerra longe da turbulência do conflito armado.

Essa busca pela fomentação dos sentimentos de unidade e de pertencimento define-se na estratégia de dar tratamento coletivo aos indivíduos, quer pela referência aos militares por meio de uma entidade de caráter grupal, como o pelotão ou a companhia, quer pela referência por meio de um animal cujas características traduzam a força, a coragem, a fibra e outros atributos que representem o poder que um grupo deseja demonstrar.

Nesse sentido, este estudo mostrou-nos que os gritos de guerra militares têm como finalidade precípua agir na percepção de outros grupos acerca daquele que brada. São, portanto, um instrumento por meio do qual um grupo mostra-se forte e coeso. Os integrantes de grupamentos são assimilados em uma coletividade com o propósito (institucional) de se desenvolver e manter o espírito militar e, dessa forma, os atores sociais colocam-se nos discursos como elementos disseminadores de ideias e de práticas que se traduzem em percepções de mundo que representam bases inalienáveis da instituição.

Assim, os gritos de guerra apresentam-se como um brado ritualístico que objetiva despertar/demonstrar o valor, o brio e o espírito guerreiro do soldado ao longo do processo de seu adestramento para situações de conflito e de guerra. Ao fazer a tropa entoá-lo, deseja-se elevar o moral dos soldados e despertar a garra e o orgulho que devem reinar em seus espíritos, e a coragem que sentem diante de obstáculos e de outros grupos.

São o termômetro do ânimo do soldado, pois, por meio do vigor e do entusiasmo com que se grita/brada, pode-se perceber o grau de coesão da tropa e, possivelmente, até mesmo o grau de identificação com a profissão militar.

Com os gritos de guerra, objetiva-se que todos aqueles que somam suas vozes em um mesmo grito tenham o sentimento de unidade fortalecido e que, individualmente, cada componente perceba-se integrado, em primeira instância, ao grupo de que faz parte e, em consequência, à instituição à qual pertence, ecoando na sua voz a voz das legislações que regem o pensamento e a conduta militar.

Com esta análise de um gênero discursivo imanente ao ambiente militar, pudemos conhecer um pouco de uma prática discursiva que se evidencia em contextos de guerra ou de preparação para ela. Se outrora, como vimos, a batalha era fator gerador dos gritos de guerra, nos tempos atuais, a evolução processada pelo homem trouxe mudanças nos usos que se fazem desse gênero institucionalmente constituído.

O presente trabalho trata-se apenas de um olhar que julgamos introdutório na abordagem dos gritos de guerra, deixando possibilidades para múltiplas investigações. Como um gênero que se constitui no universo das relações militares para a consolidação de práticas de percepções de mundo, os gritos de guerra revelam-se como um instrumento que nos propicia desvendar um pouco mais da face bélica dos homens.

REFERÊNCIAS

ANTIGO Testamento. Português. In: *Bíblia Sagrada.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1982. p. 25-1172.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 261-306.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem.* 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BERBER-SARDINHA, T. *Pesquisa em Lingüística de Corpus com WordSmith Tools*. No prelo.

BERBER-SARDINHA,T. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. Portaria n. 156, de 23 de abril de 2002. Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército/Valores, Deveres e Ética Militares (VM 10), 2002. 1. ed. Acesso em: 17 abr. 2009.

CARVALHO, G. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros, teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 130–149.

COFFIN, C.; DONOHUE, J.; NORTH, S. *Exploring English Grammar: f*rom formal to functional. Nova Iorque: Routledge, 2009.

DANDO-COLLINS, S. *A legião de Júlio César:* a saga épica da Décima Legião da elite de Júlio César e dos Exércitos de Roma. São Paulo: Madras, 2006.

GOUVEIA, C. A. M. Regulamentos, disciplina e hierarquia de relações na instituição militar. In: PEDRO, Emília Ribeiro. *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho, 1997. p. 261–291.

GOUVEIA, C. A. M. *Texto e gramática*: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, 2009.

GRITO DE GUERRA. In: HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: British Library Cataloguing in Publication Data, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, Context and Text*: Aspects of language in a social-semiotic perspective. Tech. rep., Oxford: Oxford University Press, 1989.

HOLLAND, T. *Rubicão*: o triunfo e a tragédia da República Romana. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HOMERO. *A Ilíada* (em forma de narrativa). 6. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

MAGALHÃES J. B. *Estudo histórico sobre a guerra antiga*: antes das armas de fogo. 2. ed. Rio de Janeiro: Bibliex, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino.* 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MILER, D. R. Language as Purposeful: Functional Varieties of Texts. *Quaderni del Centro di Studi Linguistico-Culturali (CeSLiC)*, University of Bologna, 2004.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. O conceito de "estrutura potencial do gênero" de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros, teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PAVEAU, M. *As grandes teorias da linguística*: da comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

RESENDE, V; RAMALHO, V. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

TZU, Sun. *A arte da guerra*. Disponível em: <http://www.culturabrasil.pro.br/artedaguerra.htm.> Acesso em: 8 mar. 2010.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (Org.). *Análise Crítica do Discurso*: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997.

–

APÊNDICE - Questionários de pesquisa

Este apêndice é constituído de questionários respondidos por 10 cadetes do Curso Avançado no ano de 2010 e por 5 oficiais, tenentes comandantes de pelotão, número que julgamos suficiente por considerarmos, como podemos depreender dos dados, que o modo de se perceber os gritos de guerra traduz-se em uma visão compartilhada no seio da instituição.

Nosso objetivo com esta pesquisa foi buscar informações junto a esses militares acerca de sua compreensão dos gritos de guerra, pois, embora esperássemos respostas muitos próximas, acreditávamos que o aspecto da individualidade poderia nos trazer diferentes nuances. Como estão constantemente envolvidos em situações de uso desses brados, conhecer o modo como percebiam essa prática militar seria de grande importância para que buscássemos em suas respostas elementos que corroborassem a nossa percepção, até então apenas empírica dos gritos de guerra, ou mesmo que nos indicassem uma nova forma de percebê-los. O fato de darmos voz a indivíduos, não a grupos constituídos, que vivenciam a prática dos gritos de guerra no seu dia a dia fez desse questionário uma parte fundamental em nossa análise desse gênero discursivo, uma vez que as informações coletadas vieram a ser essenciais na formulação do nosso entendimento dos gritos de guerra.

Tendo em vista que não houve diferença conceitual entre as informações de cadetes e de oficiais, e até mesmo para não criarmos uma situação de confronto entre grupos hierárquicos (e isso nem seria pertinente para o propósito de nossa abordagem), os questionários, que não foram identificados pelos participantes, foram aglutinados em um só conjunto. Foi-nos relevante a possibilidade de fazer um levantamento das ideias que sintetizam os modos de compreensão desses militares acerca dos gritos de guerra, quadro apresentado no Capítulo 4 (Uma visão diacrônica dos gritos de guerra). A seguir, estão os questionários supracitados.

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. **Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?**

Demostrar a força de uma tropa

2. **O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?**

União.

3. **Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?**

Na volta de exercícios no terreno

4. **Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:**

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. **Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.**

O final vibrante.

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. **Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?**

Motivar a tropa

2. **O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?**

Vibração e união

3. **Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?**

Após atividades no campo

4. **Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:**

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. **Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.**

O texto não assinalado como grito de guerra refere-se a uma canção de corrida

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. **Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?**

GERAR UNIÃO EM UM GRUPO

2. **O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?**

ESPÍRITO DE CORPO

3. **Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?**

EM COMPETIÇÕES DESPORTIVAS E ANTES DE EXERCÍCIOS MILITARES

4. **Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:**

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. **Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.**

TEXTOS COM VERSOS CURTOS E OBJETIVOS.

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?

UNIR UMA TROPA EM UM OBJETIVO COMUM. VISA MOTIVAR SEUS INTEGRANTES E ELEVAR O ESPÍRITO DE CORPO

2. O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?

ME SINTO MAIS MOTIVADO E FAZENDO PARTE DE UMA EQUIPE QUE POSSUI OS MESMO OBJETIVOS PROFISSIONAIS

3. Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?

QUANDO QUERO EXTERNAR ~~ESTAR~~ MINHA SATISFAÇÃO EM FAZER PARTE DAQUELA EQUIPE OU QUANDO ME SINTO MOTIVADO COM ALGUMA ATIVIDADE PROFISSIONAL

4. Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.

O TEXTO NÃO ~~A~~ MARCADO NO MEU ENTENDER NÃO REPRESENTA UM GRITO DE GUERRA POIS NÃO FAZ ALUSÃO A TROPA QUE ENTOA, (#) NEM SUA MISSÃO. OS OUTROS POR EXEMPLO FALAM DA COMPANHIA E DO PELOTÃO.

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. **Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?**

Externar (evidenciar) a vibração da tropa.

2. **O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?**

Vibração e entusiasmo profissional

3. **Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?**

Situações em que devam ser demonstradas a motivação da tropa.

4. **Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:**

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. **Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.**

O referido texto é uma canção para corrida e não um grito de guerra.

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?

União e força

2. O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?

Vibração e confiança

3. Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?

Em clima de competição

4. Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

( ) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.

Todos os Textos representam um grito de guerra.

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?

Externar a vibração da tropa

2. O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?

sendo nas circunstâncias abaixo, vibro com o brado

3. Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?

Após uma competição

4. Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.

Falta o modo de gritá-lo

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?

Intimidar o inimigo ou adversário e motivar os que fazem o grito.

2. O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?

Não tenho visto muito, pois, no horário o brado é usado em todos os momentos e isso o torna maléficante, perdendo, seus finalidade.

3. Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?

Antes do combate ou disputa

4. Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.

Porque o brado deve ser dirigido a alguem para intimidado, para inibir o adversário e demonstrar força

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?

Tem a finalidade de estimular e criar espírito de corpo em um grupamento (pelotão, cia, etc).

2. O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?

É um momento de muita vibração e que nos sentimos parte de um grupo coeso, pronto para cumprir qualquer missão.

3. Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?

Após executar missões de alta dificuldade ou ainda na presença de outros grupos para mostrar quem nós somos.

4. Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.

O grito de guerra possui um vocativo que funciona como se fosse um sinal para iniciá-lo, enquanto os outros são apenas frases para serem repetidos.

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?

Motivar a tropa, trazer sentimentos internalizados.

2. O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?

Espírito de união, de corpo.

3. Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?

Situações de extrema exigência física e de expressão de contentamento.

4. Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.

A emoção que causam ao serem lidos é diferente as finalidades soam diferentes.

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. **Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?**

O grito de guerra externa a vibração e o entusiasmo da tropa, bem como o seu nível de motivação com a atividade

2. **O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?**

Empolgação e sentimento de espírito de equipe.

3. **Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?**

Antes e depois de uma atividade de campo, durante uma formatura ou diante de algum desafio.

4. **Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:**

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. **Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.**

O terceiro texto é mais uma canção para corrida do que um brado, além disso, penso que um brado se relaciona a uma equipe e esse não o faz.

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?

Motivar a tropa

2. O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?

Vibração, Energia

3. Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?

Situações que necessitam inspiração

4. Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

(X) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. **Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?**

Mostrar o quanto a tropa está motivada e o seu preparo.

2. **O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?**

Sinto-me apto a defender e cumprir qualquer missão.

3. **Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?**

Em momentos de realização de atividades que exijam o máximo de fisico e mente do indivíduo

4. **Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:**

( ) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. **Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.**

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. **Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?**

Para externar o grau de vibração de uma tropa.

2. **O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?**

Vibração e união do grupo.

3. **Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?**

Ao terminar uma atividade árdua com êxito

4. **Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:**

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. **Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.**

O texto não marcado faz referência a apenas 1 indivíduo, além de possuir trechos muito longos.

Muito obrigado por participar desta pesquisa!

Questionário de pesquisa

Este questionário tem por objetivo coletar informações a serem utilizadas em dissertação de mestrado acerca de gritos de guerra militares, ora em realização pelo Capitão QCO Marcelo João NAVES – da Divisão de Ensino/ Academia Militar das Agulhas Negras.

Os dados aqui fornecidos serão utilizados apenas em trabalho de pesquisa acadêmica do Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Não é necessário identificar-se!

1. Para você, qual a finalidade de um grito de guerra?

Dentre outras finalidades, serve para demonstrar o moral da tropa ou do indivíduo

2. O que você sente quando brada um grito de guerra com seus companheiros?

Sinto-me com mais energia.

3. Em quais circunstâncias você se sente estimulado a bradar um grito de guerra?

Em circunstancias favoráveis, seja na vispera de um licenciamento ou no término de um exercício no terreno.

4. Marque com um X os textos que você considera grito de guerra:

(X) E a Primeira Companhia!
Raça, fibra, vontade de lutar
Atua em toda parte
Para o inimigo hostilizar
Primeira de guerra! Brasil!

( ) Quando eu morrer quero ir de FAL e de Bereta
Chegar no inferno dar um tiro no capeta
E o capeta vai ficar desesperado
Meu deus do céu tira daqui esse soldado

(X) E o Terceiro Pelotão!
Ataca, massacra, impõe o seu valor
Não tem medo da morte, ao inimigo toca horror
Nós somos do Terceiro nosso lema é vibração,
Estamos sempre prontos pra cumprir qualquer missão
Raça! Fibra! Moral! Brasil!

5. Caso tenha considerado que algum(ns) dos textos acima não representa(m) grito de guerra, diga o que o(s) difere.

O texto segundo, de cima para baixo, trata de uma canção, geralmente ~~(puxada)~~ ~~(em)~~ cantada em atividades de TFM

Muito obrigado por participar desta pesquisa!